



Seminário
Casa de
Profetas

**HISTÓRIA
DA
IGREJA:
MODERNA E
CONTEMPORÂNEA**

SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
- INTRODUÇÃO	03
- CAPÍTULO I	
A REFORMA	04
- CAPÍTULO II	
REFORMA CATÓLICA OU CONTRA-REFORMA	09
- CAPÍTULO III	
A CONQUISTA DAS AMÉRICAS	12
- CAPÍTULO IV	
OS SACERDOTES E OS CONQUISTADORES	17
- CAPÍTULO V	
A CONQUISTA RELIGIOSA DO NOVO MUNDO	21
- CAPÍTULO VI	
AVALIAÇÃO DAS MISSÕES CATÓLICO-ROMANAS NO SÉCULO XVI	24
- CAPÍTULO VII	
O ESTABELECIMENTO DO CRISTIANISMO NOS ESTADOS UNIDOS	27
- CAPÍTULO VIII	
O CATOLICISMO ROMANO NA AMÉRICA LATINA DO SÉCULO XIX	36
- CAPÍTULO IX	
A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NA AMÉRICA LATINA	52
- CAPÍTULO X	
A SITUAÇÃO ESPIRITUAL DA IGREJA NO FINAL DO SÉCULO XX	63
- CONCLUSÃO DO CURSO	73
- REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

“Um povo sem conhecimento de sua história, sua origem e sua cultura é como uma árvore sem raízes.”

Macus Garvey

Um dos graves erros, ou poderia até mesmo exagerar e dizer "pecados" da igreja protestante especificamente a chamada ala "evangélica", pentecostal e neopentecostal é que se esquecem do passado que deu origem ao que são hoje, que as formou.

A história da igreja produz um certo pavor às diversas religiões, onde expõe não somente suas origens, e certamente vieram de uma mesma fonte, inclusive as chamadas seitas, como também mostra suas mazelas e atrocidades, mas também sua trajetória até aqui.

Dentro do contexto cristão evangélico, ocorre este mesmo fator, pois muitos descobrem nela alguns eventos que aos olhos do leitor não parecem "bíblicos", mas esquecem de que muitos deles foram nossos "irmãos na fé".

Procuraremos ajudar o aluno neste curso a entender um pouco mais desta história fantástica da igreja, para que ele possa não apenas compreender de onde foi baseada sua fé e esperança, como também tirar suas próprias conclusões de que a história, por mais que não parece, ela é cíclica, alguns fatos que ocorreram ontem, estão ocorrendo agora também. Por isso precisamos estudar e aprender onde houve erros, e mudarmos de estratégia de vida para que os mesmos não se tornem o fracasso do passado.

Esperamos ajudar com este panorama, entusiasmar e incentivar a leitura e estudo da HISTÓRIA DA IGREJA: MODERNA E CONTEMPORÂNEA!

CAPÍTULO I

A REFORMA

A - AS CAUSAS DA REFORMA

1) POLÍTICAS

As novas nações-estados se opunham à noção de uma igreja universal que reivindicaria jurisdição sobre o estado nacional e seu governo. O ideal universal colidia com a consciência nacional emergente. Os governantes dessas nações-estados rejeitavam a jurisdição do papa sobre seu território; jurisdição esta temporal e espiritual. A propriedade de terras da Igreja romana por toda a Europa criou uma divisão de Soberania no que alguns governantes, como os Tudors, da Inglaterra, não podiam aceitar. Cargos importantes na igreja romana eram preenchidos por um estrangeiro, o papa. Os clérigos eram julgados em cortes eclesiásticas.

2) ECONÔMICA

As terras da igreja romana na Europa eram cobiçadas pelos governantes nacionais, pela nobreza e pela classe média das novas nações-estados. Os governantes lamentavam a perda do dinheiro enviado para o tesouro papal em Roma. Além disso, o clero era isento de impostos. A tentativa papal de tirar mais dinheiro da Alemanha aborreceu a classe média e a situação se agravou com a inflação e elevação do custo de vida. O abuso do sistema de indulgências enfureceu Lutero, porque empobrecia mais ainda a Alemanha e beneficiava o papado.

3) IDEOLÓGICAS

Deve-se a postura crítica de homens com mentes secularizadas diante da vida religiosa de seus dias. Ao aumentar numericamente, a classe média tornou-se individualista e começou a se revoltar contra o conceito corporativista da sociedade medieval, que colocava o dever acima do indivíduo. Esta tendência foi reforçada pelo surgimento das nações-estados absolutistas, cujos interesses da nação, do governo e do grupo empresarial da classe média ficavam acima dos interesses da Igreja Romana. O humanismo da Renascença criou um espírito secular. Até mesmo os papas da Renascença assumiram esse modo de vida intelectual e secular. Daí as pessoas começaram a duvidar da validade das pretensões da Igreja e de seus líderes.

4) ÉTICAS

Relaciona-se com o intelectual. Os estudiosos humanistas que possuíam o Novo Testamento em grego logo perceberam as discrepâncias entre a Igreja do NT e a igreja católica romana que viviam. A corrupção atingira todos os escalões da hierarquia eclesiástica. A justiça era comprada e vendida em suas cortes.

5) SOCIAIS

A organização social / horizontal da sociedade medieval, onde se morria na classe em que se nascia, foi substituída por uma sociedade organizada sob traços verticais. Era possível alguém da classe baixa emergir à alta. Nos tempos medievais, quem fosse filho de servo teria pouquíssimas chances de mudar de condição, exceto se fosse servir na Igreja. Em 1500, os homens estavam ascendendo, por força dos negócios e serviços sociais. A servidão estava desaparecendo e uma nova classe média, existente na sociedade medieval, formada especialmente por proprietários livres, pela pequena nobreza da cidade e

pela classe mercantil começou a surgir. Em linhas gerais, foi essa classe média fortalecida que garantiu as mudanças introduzidas pela Reforma no noroeste da Europa.

6) TEOLÓGICAS

O fracasso da Igreja em satisfazer as reais necessidades do povo constitui o fator teológico ou filosófico da Reforma. Os reformadores desejavam voltar à Bíblia, fonte clássica da fé cristã para refutar o ensino da teologia (Tomas de Aquino), segundo a qual a salvação era obtida através dos sacramentos ministrados pela hierarquia. Mas a Bíblia os levou a descobrir a justificação pela fé em Cristo Jesus. A Causa direta de eclosão da reforma foi o escandaloso, abuso do sistema de indulgências na Alemanha. A Reforma esteve intimamente ligada a renascença e a outros movimentos que forçaram o nascimento da era moderna no século XVI.

B - A REFORMA LUTERANA - MARTINHO LUTERO - ALEMANHA

Criador das Noventa e Cinco Teses (1517) que tratavam do caso das indulgências, Lutero defende: Que a Igreja podia emitir somente as sentenças quanto a disciplina e que as indulgências eram nulas para o efeito de remover a culpa ou afetar a situação das almas do purgatório e que o cristão arrependido tinha o seu perdão vindo diretamente de Deus, sem a intervenção de indulgências.

As Teses negavam o pretensível poder da Igreja de ser mediadora entre o homem e Deus e de conferir perdão aos pecadores.

Lutero negou que o papa e o clero tivessem sobrenaturais poderes sacerdotais, dando assim um golpe nas raízes da autoridade que dominou a Europa por muitos e muitos séculos, com tremendo poder. Ele negou que somente o papa pudesse interpretar as Escrituras. Estas Escrituras podiam ser interpretadas por qualquer crente sincero.

Denunciou a corrupção do papado, especialmente a ambição dos papas e da corte papal e suas extorsões. Finalmente traçou um plano para a organização de uma Igreja nacional alemã independente e reformada. O povo viu também que qualquer pessoa podia ser verdadeiramente cristã sem ter necessidade de prestar obediência ao papa.

Lutero foi excomungado e condenado a todas as penalidades consequentes da heresia.

C - REFORMA NA ESCÓCIA

Falta de um rei forte permitiu situação anárquica, muitas regiões chefiadas por clãs fortes. A Igreja romana havia se deteriorado.

Divulgação de ideias protestantes: alguns foram queimados por isso.

Situação política: Escócia, por casamento real, estava caindo nas mãos da França, fato que criou sentimento nacionalista contra a França e Roma.

1530: John Knox apoia tropas contra a França, pregando ideias reformadas. Foi capturado e fica 2 anos nas galés. Libertado foi para a Inglaterra onde colaborou com movimento reformador. Teve que fugir mais uma vez, por causa de Maria Tudor. Foi para a Europa Continental, onde teve fortes influências de Calvino.

1557: Volta de Knox para a Escócia.

1560: O parlamento, depois reviravoltas políticas e militares, implanta a obra de reforma: fim do domínio papal; adoção de confissão calvinista; sistema presbiteriano de governo eclesiástico

1572: Morte de Knox.

Importância: Foi o Presbiterianismo levado para os Estados Unidos e que veio para o Brasil.

D - REFORMA NA SUÍÇA

Na Alemanha dominava o princípio monárquico e na Suíça, o democrático. Na Alemanha a Reforma teve que lutar contra a vontade dos príncipes, na Suíça, contra a do povo.

Do cantão de Zurique a Reforma se estendeu rapidamente pela maior parte da Suíça alemã. Muito ajudou a influência de Huldreich Zwínglio (1484 - 1531), sacerdote reformador, estudioso da Bíblia e contemporâneo de Lutero.

Zwínglio foi para Zurique onde teve contato com ideias luteranas e, a partir daí, uma experiência de conversão. Passou a criticar os impostos religiosos e a liturgia romana.

Em debate público com católicos romanos o governo da cidade declara vitória de Zwínglio, e instala oficialmente a Reforma. Ensinava:

- Autoridade da Bíblia;
- Predestinação incondicional para a salvação;
- Salvação pela fé;
- Supremacia de Cristo na Igreja;
- Casamento de sacerdotes;
- Condenação de práticas romanas contrárias à Bíblia;
- Crianças salvas independente do batismo;
- Fim das taxas de batismo e sepultamento;
- Supressão da missa e proibição de imagens e relíquias;
- Governo da igreja; a última palavra pertence a comunidade cristã, que exerce autoridade através de governo eleito que desenvolvia ação com base na autoridade da Bíblia.

E - JÓAO CALVINO E A REFORMA EM GENEBRA

Com sua formação humanista Calvino filho de família com alguns recursos econômicos. Líder da reforma em Genebra, Calvino influenciou muito a igreja e a teologia, chegando as ciências, a política, a economia, as artes e a reforma social.

Teologia de Calvino:

- Autoridade final da Escritura em todas as matérias que trata;
- Aceitava as confissões históricas sobre Deus e Cristo;
- Ênfase na soberania de Deus: Deus criou o mundo, sustenta e a sua providência garante que todas as coisas cheguem aos fim que planejou.
- O homem foi criado a imagem e semelhança de Deus e por isso tinha livre arbítrio. Perdeu a liberdade de obedecer a Deus depois da queda. Tornou-se corrupto e transmite essa condição aos seus descendentes;
- Deus já tinha na eternidade o plano de formar um povo dentre as criaturas caídas. Os escolhidos recebem o Espírito Santo para que pudessem compreender e crer no Evangelho;
- A igreja é o povo da aliança feita por meio de Cristo;
- Os sacramentos só tem valor se tomados pela fé;
- A igreja deveria ser governada pelos presbíteros;

F - REFORMA NA FRANÇA

- Humanistas - tradução do Novo Testamento para o francês;
- Influência das ideias de Lutero - Autoridade da Bíblia e Justificação pela fé;

HISTÓRIA DA IGREJA: MODERNA E CONTEMPORÂNEA

- Havia oposição popular a nobreza e alto clero, bem como corrupção na Igreja em Roma;
- Escritos de Calvino popularizam a Reforma;
- 1559: 1º Sínodo Nacional. 400.000 franceses eram reformados (huguenotes)
- Sofreram perseguição em 1572, 2.000 huguenotes mortos em Paris e 20.000 na França;
- Com tanta perseguição saíram da França. Para a França foi um grande prejuízo econômico e tecnológico, já que a maioria era das classes média.
- Faltou Liderança.

G - REFORMA NA HUNGRIA

- Alguns setores aceitaram o calvinismo e depois alguns nobres;
- Tinha de 2 a 3 milhões de reformados a partir de 1560

H - REFORMA NA IRLANDA

- Inglaterra tentou dominar a Irlanda, mas não conseguiu. O norte dominado e colonizado por colonos ingleses reformados. Assim, o norte ficou ligado ao Reino Unido e o sul uma república livre. É essa a causa da guerra civil dos dias de hoje. Católicos do norte querem ligar-se ao sul.

I - REFORMA NA HOLANDA

- Foram atraídos pelo Calvinismo, por causa da forma de governo e relação com o Estado;
- Humanismo e Bíblia também produziram a insatisfação com igreja romana;
- O rigor calvinista produziu uma reação na Holanda o arminianismo. Sob influência do humanismo e da liberdade, Jacob Arminius 1560-1609, começou a duvidar de toda a doutrina da predestinação incondicional - queria evitar que nem Deus fosse o autor do pecado, nem o homem uma marionete. Seus seguidores sistematizaram um pensamento, onde a predestinação fica ligada a presciência. Combatia a doutrina de que CRISTO havia morrido apenas pelos eleitos. A reação Calvinista se deu no Sínodo de Dort.

J - REFORMA NA INGLATERRA

1) Causas

- Ensinos de Wycliff sobre a autoridade da Bíblia e relação pessoal com Cristo continuaram;
- Fortalecimento do sentimento nacional criou desejo de separação de Roma;
- Desejo de liberar terras e impostos papais;
- Decadência moral da Igreja Romana;
- Humanistas e o estudo da Bíblia;
- Publicação do Novo Testamento por Tyndale;
- Escritos de Lutero circularam por Oxford e Cambridge;
- Henrique VIII, que já tinham escrito a obra “Defesa da Fé”, contra Lutero, queria ter um filho homem. Achou que sua esposa não poderia dá-lo. Para divorciar-se pediu anulação do casamento para o papa que não concedeu;
- O rei então fez diversas manobras para tomar o controle da igreja na Inglaterra nas suas mãos;
- A reforma na Inglaterra começou politicamente, e de modo bastante suave; é depois de um série de situações, circunstâncias e reveses que se consolida.

K - PURITANISMO E O SEPARATISMO 1560-1660

- Queriam aprofundar a reforma na Igreja Anglicana;
- Achavam que havia ainda muitos traços de romanismo que não configuravam com a Bíblia;
- Discordavam, a princípio, da liturgia e das vestes eclesiásticas e dias santos;
- Sofreram oposição da Rainha e por isso passaram a condenar o sistema episcopal;
- Dentre os Puritanos surgiu um Partido separatista, que havia pedido a esperança de purificar a igreja anglicana e queria se separar.
- Também houve um movimento, os independentes, que queria a separação da Igreja do Estado e adoção do sistema congregacional de governo.
- Em 1570 Tomas Cartwright, professor de Teologia, passou a querer reformar a eclesiologia e a Teologia;
- Em 1600 Henry Jacob, dá origem ao Congregacionalismo. Congregacionais cresceram mais que o presbiterianismo;
- Em 1612 surgem os Batistas Particulares, com forte tendência calvinista e batismo por imersão e a teologia é arminiana;
- Em 1633 surgem os Batistas Particulares, com forte tendências calvinista e batismo por imersão, sendo um racha de uma igreja congregacional, adoram este modelo de governo;
- De 1643 a 1649 acontece a importante Assembleia de Westminster, que reforma o culto, a teologia e governo da Igreja. Tentou impor presbiterianismo calvinista.

CAPÍTULO II

REFORMA CATÓLICA OU CONTRA-REFORMA

A - INTRODUÇÃO

Reuniu-se 25 anos depois da excomunhão de Lutero. Não conseguiu restaurar a harmonia com os protestantes, mas afirmou um novo sistema teológico, sintetizando a tradição romana desenvolvida na Idade Média com a situação histórica alterada.

1) 1517: começo do Movimento do Oratório do Amor Divino, buscando vida espiritual;

- Criação de novas ordens, tais como os capuchinhos, jesuítas, etc.
- Votos rigorosos de pobreza, castidade e obediência;
- Pessoas leais e obedientes a serviço da Igreja;
- Inácio de Loyola e os Jesuítas (Companhia de Jesus): espiritualidade, educação, combate a heresia e missões.

2) Papa Paulo III 1534-1549

- Quería promover reforma interna na Igreja;
- Cria ordens;
- Inquisição: Torquemada, 10.000 mortos;
- Instalou o Concílio de Trento;
- Índex de livros proibidos;
- Comissão de estudos de abusos na Igreja Romana;

3) Movimento místico

- Seguido por outros papas reformadores
- Movimento de Missões Católicas (América Latina, América do Norte: Canadá, Sudeste da Ásia)
- Seminários diocesanos para preparação do clero

4) Doutrinas estabelecidas em Trento 1545-1563

- Teologia Tomista;
- Escolasticismo;
- Uso da Vulgata, incluindo os deuterocanônicos;
- Justificação pela fé mas preservada pelas obras subsequentes;
- Autoridade das Escrituras juntamente com a Tradição;
- Sacramentos conferem graça;
- São sacramentos o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência, a extrema unção as ordens e o casamento;
- Reafirmou a transubstanciação e o purgatório;
- Credo oficial;
- Aboliu indulgências;

5) **Eclesiologia de Trento:**

- Bispos tem que viver em suas sedes
- Seminários
- Contra pluralismo religioso
- Confissão de fé tridentina
- Obediência ao papa
- Renovação liturgia
- Missa em latim
- Na missa o Filho é oferecido de novo ao Pai, sendo sacrifício que apazigua a Deus.

Segundo Trento “o homem é incapaz de salvar - se a si mesmo, mas há necessidade de cooperação do seu livre arbítrio, incluindo a resolução de receber o batismo e começar uma vida nova. A graça justificadora aumenta pela obediência aos mandamentos. Não é possível ter certeza da predestinação, e a graça pode ser retirada por causa de pecados graves, sendo recuperada pela penitência. A salvação é dada aos justificados como recompensa, não apenas como dádiva, posto que, a partir de sua união com Cristo, cumpram meritariamente a lei de Deus, mediante boas obras realizadas num estado de graça”.

B - A GUERRA DOS TRINTA ANOS

A Contrarreforma foi a causa direta de uma das guerras mais cruéis e destruidoras da História: a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), resultado da união de governos católicos da Alemanha para destruírem o protestantismo no império. Gustavo Adolfo, rei da Suécia, salvou a causa protestante com uma série de brilhantes vitórias. Mesmo após sua morte numa das batalhas, as vantagens que alcançou tiveram caráter permanente.

A Paz de Westphalia pôs fim à guerra, em 1648. Foi confirmada a paz de Augsburg e estendidos ao calvinismo os mesmos direitos que o luteranismo possuía. Protestantes e católicos romanos estavam no mesmo pé de igualdade em todos os negócios do império. Este acordo acabou com a agressão da Contrarreforma e também com o avanço do protestantismo.

Os resultados mais importantes desta longa e destruidora guerra foram: a destruição quase total dos protestantes do Sul da Alemanha, Boêmia, Polônia e Hungria; a assolação da Alemanha, que atrasou seu progresso por muitos anos; o reconhecimento do calvinismo como religião legítima do império, e a compreensão por parte dos católicos, de que a coação pelas armas aos protestantes é inútil e impossível. A França, Espanha, Portugal, Itália e o Sudeste da Europa continuaram católicos.

A Alemanha e Suíça continuaram parte católicas e parte protestantes. Na Inglaterra, Escócia, Holanda e países escandinavos o protestantismo continuou a ser a religião estabelecida

Não se pode calcular a destruição causada pelos 30 anos de guerra: multidões morreram de frio e fome, milhares de mulheres e crianças mortas nos saques de vilas e cidades, e dos que se perderam nos exércitos. O comércio e agricultura ficaram quase que totalmente arruinados. Apesar disso, o papa blasfemou da paz. Numa bula declarou que a Paz de Westphalia "era prejudicial à religião católica porque cedeu aos hereges a liberdade de culto". Ele e os jesuítas estavam dispostos a continuar a luta até que alcançassem sua finalidade, a derrota, completa do protestantismo.

C) AVALIAÇÃO DA REFORMA

1. Fim do controle de uma Igreja Universal. Igreja Romana substituída por Igrejas Nacionais
2. Reforma teológica não rompeu com legados do passado;
3. Estímulo ao capitalismo;
4. A Reforma provocou a Renovação da pregação;
5. Doutrinas comuns: Trindade, Cristologia, Revelação na Bíblia, queda e pecado, Necessidade de vida moral;
6. Doutrinas protestantes: Autoridade suprema da Bíblia, Justificação pela fé, sacerdócio de todos os crentes;
7. Desenvolvimentos Teológicos: individualismo, crítica a hierarquia religiosa e ao sistema sacramental, direto a interpretação pessoal segundo regras gramaticais e históricas; ênfase na educação e estímulo a democracia.

CAPÍTULO III

A CONQUISTA DAS AMÉRICAS

A - INTRODUÇÃO

Mesmo antes de Lutero ter alterado o mapa religioso da Europa, a descoberta das Américas por Colombo fez um impacto tremendo sobre o catolicismo iberiano. O desafio missionário foi aceito pelas coroas da Espanha e de Portugal juntamente a sede pelo ouro. Que estes monarcas sentiam muito profundamente sua responsabilidade pela conversão dos índios é demonstrado tanto pela vasta correspondência entre eles e as colônias a respeito deste assunto, quanto pelas tentativas feitas para descobrir meios de proteger os índios da avareza dos conquistadores.

B - MISSÕES NO SÉCULO XVI

1) EXPANSÃO CATÓLICA E PROTESTANTE

Lewis Hanke observa que os Arquivos Espanhóis das Índias em Sevilha têm literalmente toneladas de correspondência, relatórios, livros e decretos produzidos no decurso de um período de cerca de 100 anos. Um exemplo muito vívido da seriedade com que a questão dos índios era enfrentada pode ser visto pelo seguinte incidente. O rei Fernando nomeou o conquistador Pedro Arias de Ávila (Pedrarias), em julho de 1513 para ser governador do Novo Mundo. O rei investiu 50.000 ducados, no empreendimento, reuniu uma armada de 15 navios com uma brilhante força militar de conquistadores e jovens. Com a armada pronta para zarpar, os amigos dos índios conseguiram adiar a expedição por sete meses até que uma solução pudesse se excogitar sobre a questão de como proceder a uma guerra justa.

As missões no século XVI foram quase exclusivamente obra da Igreja Católica Romana. Poderíamos dizer que os protestantes estavam demasiadamente ocupado com sua própria sobrevivência para pensarem muito em missões. Esta é apenas parte da verdade, no entanto. O próprio Lutero era contra as missões, porque achava que Mt 28.19-20 tinha sido cumprido pelos apóstolos. Um exame da expansão do luteranismo do século XVI demonstra que cresceu mediante a aderência de príncipes e de reis, e não pelo esforço missionário. As Igrejas Reformadas também apelavam a magistrados, mas boa parte do seu crescimento foi devida à obra de pastores treinados em escolas como a de Calvino em Genebra. O movimento anabatista era propagado principalmente por leigos e pastores itinerantes. De qualquer maneira, o alcance protestante era limitado quase exclusivamente à Europa. Possivelmente, a razão, mais importante do porquê as missões não ficaram sendo uma preocupação protestante neste período é que elas não tinham praticamente nenhum contato com os não-cristãos para despertar um zelo evangelístico. Os missionários católicos alcançaram o mundo todo, especialmente, mas não exclusivamente, as Américas.

Embora o catolicismo romano tenha-se espalhado, sobre áreas muito maiores do que o protestantismo antes de 1800, a vitalidade espiritual, em termos de religião pessoal, estava faltando. Esta observação é verificada por dois fatores: primeiramente, os movimentos de avivamentos religiosos destacam-se pela sua ausência. Em segundo lugar, as comunidades cristãs latino-americanas não produziram nenhum missionário. Aqui, a expansão do cristianismo era diferente daquela da Europa, onde as tribos recém-alcançadas ficaram sendo o trampolim para a evangelização das tribos seguintes. Pelo contrário, muitos abandonaram a fé tão logo os missionários europeus foram retirados.

2) A ESPANHA E PORTUGAL CATÓLICOS

Enrique Dussel começa sua “History and the Theology of Libertation” com a seguinte observação: "A igreja hispânica ou latino-americana é o produto de um processo vasto e longo que espelhava aquilo que acontecia no continente europeu em várias etapas". A mentalidade iberiana era totalmente contrária ao pluralismo religioso. O uso da Inquisição para perseguir os judeus na Espanha durou muito tempo após a Idade Média. Carlos V decretou a conversão dos mouros em 1525, pela força se necessário. Esta campanha continuou durante todo o século XVI, e chegou ao seu clímax com o banimento de meio milhão de mouros em 1609. A Reforma, que fizera avanços na Espanha, foi desapiedadamente sufocada pela Inquisição. A Igreja Católica com sua luta centenária contra o islamismo tornou-se parceira ativa do governo na expulsão dos protestantes. Na realidade, excetuando-se breves intervalos, tanto a Espanha quanto Portugal permaneceram intolerantes à liberdade religiosa. Isto naturalmente, se refletia nas suas colônias.

Segundo Montenegro, a religião no Portugal do século XVI não era um fator cultural ativo. Nunca chegou ao ponto de revolucionar formas ancestrais de religiosidade. Era tão imbuída de credices e superstições, que estava muito removida dos valores do catolicismo ortodoxo. Já no fim do século XV a Igreja em Portugal e na Espanha era profundamente dominada pelo Estado. Foram estes mesmos Estados Iberianos que, no século seguinte, assimilaram e executaram plenamente a doutrina política do Concílio de Trento, tanto na ideologia da conquista quanto naquela da guerra nas regiões protestantes.

Os espanhóis encontraram duas civilizações altamente desenvolvidas nas Américas. Para eles, era uma questão de conquista. Os portugueses acharam estruturas tribais simples. Enquanto os relacionamentos entre os índios e os caucásios permaneceram no nível da troca de mercadorias, não havia nenhum desequilíbrio tribal. Quando os portugueses queriam avançar além da troca para a agricultura, o índio ficou sendo tanto um obstáculo à posse da terra quanto uma fonte de mão de obra. O anseio de subjugar o índio ficou sendo "o elemento central da ideologia dominante no mundo colonial lusitano”.

C - A AMÉRICA NA ÉPOCA DA CONQUISTA

Quando os espanhóis e os portugueses "descobriram" a América, havia duas civilizações principais em pleno florescimento, a asteca e a inca. A maia, anterior, já tinha sido absorvida pelos astecas. O reino inca se estendia por mais de 4020 km, do Chile para a Colômbia, e era unificado a ajuda da roda, de cavalos nem qualquer outro meio moderno de comunicação!

Além destes dois impérios altamente desenvolvidos, os índios americanos eram quase totalmente de culturas nômades e de caça. Havia alguma agricultura (milho, mandioca), mas até mesmo os índios pueblo do sudoeste dos EEUU representavam sociedades simples. Ivan Hausen estimou que havia 6 milhões de índios, na área que agora é o Brasil, no começo do século XVI. Destes, aproximadamente 700.000 eram guaranis.

1) A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DOS IMPÉRIOS PRÉ-ESPAHÓIS

- a. A civilização maia começou em cerca de 600 a.C. e teve dois períodos principais de desenvolvimento: desde cerca de 400 até 800 d.C., e depois desde 1000 até 1400. Este Império tinha uma unidade cultural e era edificado em derredor de cidades-estados que eram ligadas entre si. Uma das suas realizações culturais mais importantes foi um calendário exato de oito anos baseado nos movimentos do planeta Vênus. Tinha uma forma altamente desenvolvida de escrita hieroglífica e de aritmética.
- b. Os índios astecas vieram do norte e povoaram o Vale do México no século XIII. Embora de início fossem sujeitados por outros povos, no século XIV fundaram Tenochtitlan, em cujo sítio a atual Cidade de México está localizada. Já nos começos do século XV Tenochtitlan tinha se tornado uma cidade-

estado poderosa que controlava a área em derredor dela. Já em 1502, quando Montezuma II subiu ao trono, o império estava no seu auge. A capital tinha uma população de aproximadamente 100.000, maior do que qualquer cidade espanhola no século XVI

Embora a civilização maia tivesse tido uma unidade cultural, a asteca era heterogênea e incluía muitas tribos que tinham sido sujeitadas por ela. Centenas de cidades conquistadas pagavam impostos pesados ao Império na forma de mercadorias. O ressentimento destes povos tornou a conquista por Cortês relativamente simples. A imposição da religião e da cultura pelos astecas tornou fácil para os conquistadores fazerem a mesma coisa.

- c. O Império Inca, com sua capital em Cuzco, chegou ao auge da sua extensão e civilização nos reinados de Pachacuti e seu filho Topa Inca que duraram de 1438 até 1493. Nenhuma das tribos podia resistir aos exércitos quechua. É calculado que entre 3, 5 e 7 milhões de pessoas habitavam o Império. Os incas impunham seu idioma e sua religião às pessoas conquistadas, embora geralmente permitissem que os líderes locais governassem debaixo da sua autoridade. O elo mais fraco do sistema político era a maneira de ser escolhido o rei seguinte. Este fato capacitou Francisco Pizarro a quebrar a força do Império com apenas 177 homens.

2) A RELIGIÃO PRÉ-ESPAÑHOLA

Somente nos últimos cento e tantos anos é que a religião tem sido formalmente separada da mentalidade essencial. Antes disto, o pluralismo religioso era inconcebível. Conforme Huber nos lembra: “As particularidades dos deuses que este ou aquele povo adora fornecem em geral preciosas indicações, -esses caracteres distintos permitem reconstituir sua ética, Muitas vezes, tais criações imaginárias, produtos do subconsciente e da psicologia coletiva, exercem influência mais profunda e duradoura sobre o indivíduo que as realidades materiais. Seu domínio chega mesmo a mudar-se em tirania sangrenta e os crentes tremem ao pensar nas forças aterrorizantes que essas divindades personificam”.

Até aos tempos modernos, este núcleo ético-mítico era inseparável da religião. Estas religiões pré-espanholas tinham pouco ou nenhum lugar para o indivíduo, quer em termos de experiência espiritual, quer em termos de inclinação pessoal. Preferências pessoais eram subordinadas aos interesses do Estado. Na época da conquista houve uma tremenda colisão entre o individualismo espanhol e esta solidariedade índia.

- a. A religião maia integrava a totalidade da vida do povo, e marcava cada passo desde a puberdade até à sepultura. Era especialmente orientada para garantir os frutos da agricultura. Havia quatro deuses das chuvas, e o culto incluía o sacrifício humano a estes. Sua religião desenvolveu-se a partir de um dualismo básico entre os deuses bons e maus. Entendia-se que cada divisão do tempo era governada por um deus separado, e que era, portanto, de sorte ou de azar. O papel do sacerdote, que sabia determinar quais tempos e estações eram de sorte, era muito importante. O sumo sacerdote tinha autoridade igual à do chefe da tribos.
- b. A religião dominava os astecas ainda mais do que aos maias. Cada dia, noite, semana, mês e ano tinha seu próprio deus (ou deusa). Muito tempo era dedicado à tentativa de agradá-los ou aplacá-las. Negligenciar os deuses provocaria o fim do mundo. Para os astecas, a religião tinha pouca coisa a ver com exercícios espirituais ou com a perfeição individual. Pelo contrário, era dirigida para a sobrevivência da comunidade. Para aplacar os deuses, era necessário o sacrifício humano. Milhares de pessoas eram sacrificadas todos os anos, sendo a maioria delas prisioneiras. A própria guerra era moldada por esta necessidade de sacrifício humano. O asteca procurava prender o inimigo, não matá-la. É fácil ver como o apetite voraz dos deuses contribuiria para uma política de expansionismo da parte da liderança asteca.

- c. Como acontecia com os astecas, a religião-inca centralizava-se em torno do deus Sol, a quem chamavam de Inti. Embora não fosse o deus supremo, nem sequer o pai dos demais, Inti era o sol invictus, o deus dos vitoriosos. O deus peruano mais antigo era Viracocha (- Pachacamac), que criou o céu e a terra do nada. Todos os demais deuses simbolizavam forças naturais e foram assimilados aos totens.

Viracocha foi quase totalmente eclipsado por Inti, a quem se dedicavam. Os sacerdotes e a massa popular. O imperador Pachacuti, que reinou de 1438 até 1471, raciocinou que o Sol era uma criatura tal como eles. Embora Inti devesse ser honrado, a adoração devia ser dirigida ao Criador.

Embora o imperador convencesse a classe sacerdotal, tinha de curvar-se diante daquilo que era expediente: o que faziam as massas se os sacerdotes do Sol lhes contassem que o deus Sol realmente não era deus algum? Sendo assim, os sacerdotes e as classes superiores deviam adorar a Viracocha, e as massas, a Inti. Os conquistadores espanhóis desmancharam o império antes da adoração a Viracocha poder infiltrar-se nas massas.

A adoração a Inti e a Viracocha era caracterizada pela dignidade e pelo profundo respeito. Os sacrifícios animais e cereais eram básicos, embora crianças também fossem imoladas. Os rituais e as cerimônias diziam respeito principalmente à tentativa de garantir um bom suprimento de alimentos. Visto que também visavam a cura das doenças e a previsão do futuro, a ênfase destes rituais recaía na purificação.

- d. Conforme vimos supra, a civilização maia desenvolvera-se paulatinamente no decurso de séculos, e já ultrapassara seu auge antes da Conquista. Os impérios asteca e inca, no entanto, tinham chegado muito rapidamente à sua expansão máxima, e isto apenas pouco tempo antes da chegada dos espanhóis. Eram relativamente jovens. Não tinha passado tempo suficiente para eles codificarem seu panteão nem para ordenarem adequadamente a sua mentalidade. Além disto, as tribos por eles conquistadas não tinham sido integradas na cultura dominante.

Estas tribos tinham se curvado diante dos deuses astecas e incas, mas ainda não eram os deuses "delas". Este fato explica parcialmente a disposição destas tribos em ajudarem os espanhóis, e sua prontidão para curvar-se diante do Deus dos espanhóis. "O desaparecimento dos impérios índios inevitavelmente levou ao renascimento da idolatria local. A igreja espanhola, ela mesma recentemente organizada, não tinha consciência exata daquilo que estava acontecendo"

- e. Além destes três impérios com suas teogonias em desenvolvimento, havia milhões de índios espalhados pelas Américas cuja religião era basicamente animista. Os tupinambás eram uma das famílias tribais mais importantes no Brasil. Quase todas as tribos aborígenes desde a foz do Amazonas até o Paraguai estavam afiliadas com os tupinambás quando os portugueses chegaram no século XV.

Os tupinambás acreditavam que eram cercados por seres sobrenaturais de duas categorias: "uns eram potências malévolas, personificadas, comparáveis a nossos gênios e demônios; outros compreendiam os espíritos propriamente ditos". Estes últimos eram, na sua maior parte, os mortos. No século XVI o animismo dos tupinambás estava a ponto de avançar em direção a um fetichismo semelhante àquele que os espanhóis acharam inicialmente entre os aruaques e, os caraíbas nas Antilhas.

O mito do "herói-civilizador" forneceu o fio comum que ligava as tribos ameríndias e que facilitou grandemente a conquista pelos europeus. Este mito, numa ou noutra forma, falava do fundador da tribo que fora embora para algum "paraíso" e que prometera, antes de partir, que voltaria. Foi devido a esta lenda, amplamente divulgada, que Hernando Cortês e seus 177 homens conseguiram marchar, sem serem molestados, até a própria capital asteca em Tenochtitlan.

Na ocasião da conquista, os impérios asteca e inca tinham sido apenas recentemente formados. Ainda não tinham tido tempo de integrar religiosamente as muitas tribos que conquistaram. A dissolução

HISTÓRIA DA IGREJA: MODERNA E CONTEMPORÂNEA

destes impérios levou inevitavelmente a um renascimento do animismo e do fetichismo locais. Até mesmo a incorporação destas tribos no catolicismo não conseguiu frear esta reversão. Mesmo assim, são estas mesmas áreas que permanecem "católicas" até os dias de hoje, embora Dussel reconheça que a religião delas possa melhor ser chamada um "catolicismo folclórico". Onde as tribos foram forçadas a recuar para as florestas pelos conquistadores espanhóis ou portugueses, no entanto, o animismo ainda prevalece".

CAPÍTULO IV

OS SACERDOTES E OS CONQUISTADORES

A - A ÉPOCA E SEUS HOMENS

Aqueles que chegaram primeiramente ao Novo Mundo eram representantes legítimos do espírito da Renascença, com toda "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida". Estavam longe de representar a Espanha mística de Santa Teresa. Embora alguns sacerdotes e frades tenham chegado com zelo apostólico e um espírito de abnegação, outros vieram enriquecer-se às custas dos índios. Até mesmo Bartolomeu de Las Casas, o grande defensor dos índios contra os conquistadores, veio originalmente como um grande senhor, e tinha seus próprios escravos índios.

O grande reformador religioso espanhol, o Arcebispo Ximenez de Cisneros (1436-1517), possuía seus próprios palácios e exércitos. Antes do rei Fernando poder implementar seu próprio programa, teve de entender-se com o Arcebispo. Conseguiu fazê-lo graças à fraqueza do papado naquele tempo. Pizarro, Almagro e Luque fizeram uma pacto no Panamá em 1526 para a conquista do Peru. Os dois primeiros eram comandantes militares; o terceiro, o sacerdote que forneceu o financiamento como representante do Licenciado Gaspar de Espinoza do Panamá. O pacto foi jurado em nome da Santíssima Trindade e da Virgem Bendita. E os portugueses não eram melhores: "Os portugueses que vieram ter primeiro às terras de Santa Cruz eram todos fiéis vassallos de EI-Rei de Portugal. Se, por um lado, desejavam ampliar os domínios da cristandade, "a Fé e o Império" traziam já os olhos demasiadamente dilatados pela cobiça. Eram inicialmente conquistadores, não colonizadores, como seriam mais tarde bandeirantes e não pioneiros"

Mais tarde, os reis da Espanha, Carlos e Filipe, desenvolveriam um programa político de expansão evangelística, econômica e militar mediante o qual esperavam unir a Europa e o mundo sob o signo da Cruz dentro da Igreja Católica Romana. Para este projeto, precisavam dos meios da conquista. E estes meios foram trazidos com os metais preciosos minados nas Américas. Este fator pesaria muito na balança durante este século de conquista, na batalha entre aqueles que vieram buscar ouro e aqueles que procuravam proteger e evangelizar os índios. O triunfo francês sobre os Hapsburgs no fim do século XVII resultou na decadência espanhola. Para as Américas, onde o processo da estabilização começara, esta derrota trouxe certo número de problemas novos, inclusive o isolamento da Europa, a separação regional, e a Igreja perdeu a pouca dinâmica que já tinha.

B - O IMPERIALISMO E AS MISSÕES

Espanha e Portugal foram impulsionados por dois tipos de ação militante naquele período momentoso da sua história: um era militar; o outro, religioso. Os dois eram subservientes à Fé. No que diz respeito às terras descobertas por Colombo, tanto os direitos quanto as responsabilidades ficavam implícitos na Bula de Alexandre VI(1493). Em 1501 ficaram sendo explícitos: os dízimos são cedidos à coroa para serem usados para fins eclesiásticos. Júlio II (em 1508) deu o direito ao patronato exclusivo. Portugal foi o primeiro a tirar benefícios do sistema do patronato, e isto já no século XIII no que dizia respeito à África.

Isabel, Carlos V e Felipe II levavam a sério a obrigação subentendida pelo seu controle da Igreja. Embora nenhum sacerdote nem frade tivesse navegado juntamente com Colombo, a necessidade da sua presença como missionários se fez sentir imediatamente após a descoberta das Américas. As coroas

fizeram todos os esforços no sentido de encorajá-los a emigrar e facilitavam seu estabelecimento no Novo Mundo. O governo fornecia transporte e pagava as despesas dos sacerdotes, inclusive a edificação de mosteiros.

A coroa espanhola compreendia que seus poderes, tanto civis quanto eclesiásticos, eram uma dádiva do papa. E reconhecia-se que ele tinha o direito de exercer estes poderes sobre o Novo Mundo como Vigário de Cristo. Assim, monarca e papa sentiam nitidamente a responsabilidade de salvar os índios de serem explorados pelos colonizadores, de evitar que fossem escravizados, e para lhes providenciar culto e treinamento religiosos. Os monarcas interessavam-se ativamente por tudo quanto passava nas colônias, e insistiam em dominar os assuntos eclesiásticos. Seleccionavam todos os missionários, fundavam e construíam igrejas e mosteiros com os dízimos, e nomeavam aqueles que deveriam ocupar os benefícios eclesiásticos. Não somente estas atividades positivas, mas também negativamente, nenhuma comunicação era permitida entre o Novo Mundo e Roma sem o *imprimatur real*.

“As estruturas executivas do patronato espanhol nasciam pouco a pouco até a criação do Concílio Supremo das Índias (1524) que possuía plena autoridade em todos os aspectos da colônia: religiosos, econômicos, administrativos, políticos e militares”.

Embora vitalmente interessados em cumprir sua responsabilidade, as coroas ibéricas estavam frequentemente presas num rolo compressor econômico que operava contra os índios. De um lado, precisavam dos metais preciosos para sustentar suas guerras na Europa. Para obtê-lo, frequentemente tinham de sacrificar o bem dos índios às necessidades econômicas dos colonizadores. A primeira tentativa de resolver este conflito de interesses foi o Requerimento. Foi lavrado tanto para justificar a conquista quanto para proteger os índios.

O Requerimento foi concebido por Martin Enciso, membro do partido de Pedrarias cujo embarque para o Peru estava sendo adiado até que a questão fosse solucionada. Enciso procurava uma base bíblica para a Conquista no paralelo entre a entrega aos judeus que Deus fez da Terra Prometida, e Sua entrega das Índias à Espanha. Deste maneira, uma Guerra Justa poderia ser travada contra os índios. Os habitantes de Jericó receberam a oportunidade de abandonar sua cidade (mas cf. Js 6). Quando não o fizeram, todos na cidade foram destruídos e Jericó foi queimada, porque eram idólatras.

A tese foi aceita em 1513, com a condição de que aqueles índios que entregavam suas terras pudessem viver pacificamente como vassallos do representante do rei. O documento, conforme foi redigido, seria proclamado aos índios através de intérpretes. Hanke o descreve da seguinte maneira: Começa com uma breve história do mundo desde sua criação, e um relato do estabelecimento do papado, que leva naturalmente a uma descrição da doação por Alexandre VI "destas ilhas e Tierra Firme" aos reis da Espanha. A porção central do documento, que lhe dá o nome, requer a aceitação, pelos índios que o ouvirem, de duas obrigações. A primeira é reconhecer "a Igreja como sendo Dominadora e Superior do mundo inteiro, e o sumo sacerdote chamado o Papa, e, em nome deste, o Rei e a Rainha Joana no seu lugar como superiores, senhores, e reis destas ilhas e desta Tierra Firme em virtude de dita dotação. A segunda é permitir que a fé lhes seja pregada.

Se os índios imediatamente reconhecessem estas obrigações tudo estaria bem. Mas se não, o Requerimento alista, em conclusão, as medidas punitivas que os espanhóis adotariam doravante. Entrariam na terra com a espada e o fogo, e subjugariam os habitantes, pela força, à igreja e à coroa.

C - O PROBLEMA DA JUSTIÇA

1) O CLAMOR PELA JUSTIÇA

Embora Bartolomeu de Las Casas seja considerado o pai da teologia da libertação, o primeiro clamor pela justiça do Mundo Novo foi levantado em 1511 pelo frade dominicano Antonio de Montesinos na ilha de Hispaniola. O próprio Las Casas, era, na ocasião, um cavalheiro aventureiro com escravos índios. Segundo Las Casas, Montesinos trovejava: A fim de tornar vossos pecados contra os índios conhecidos a vós mesmos, subi a este púlpito, eu que sou uma voz de Cristo clamando no ermo desta ilha, e, portanto, cumpre-vos escutar, e de todos os vossos sentidos, a fim de que a ouvísseis; porque esta será a voz mais estranha que já ouvistes, a mais severa e dura e mais terrível e mais perigosa que já esperáveis ouvir. Esta voz diz que estais em pecado mortal, que viveis e morreis nele, por causa da crueldade e tirania que exerceis nos vossos tratos com estas pessoas inocentes. Dizei-me: com que direito ou justiça mantendes estes índios em servidão tão cruel e horrível? Com que autoridade travastes uma guerra detestável contra estas pessoas, que habitam com quietude e paz na sua própria terra? ... Por que os mantendes tão oprimidos e cansados, sem lhes dar o bastante para comer, nem cuidar deles nas suas enfermidades? Porque com o trabalho excessivo que exigis deles, adoecem e morrem, ou, na realidade, vós os matais com vosso desejo de extrair e adquirir ouro todos os dias. E quais cuidados tomais a fim de que sejam instruídos na religião? ... Não estais obrigados a arriá-los como amais a vós mesmos? ... Tende certeza de que, neste estado, não podeis ser salvos mais do que os mouros ou os turcos.

Com este sermão surgiu uma disputa que haveria de durar quase cem anos (até o fim do século XVI) e que envolvia todas as colônias espanholas, inclusive as Filipinas. Foi uma luta que polarizou e movimentou todas as grandes figuras que participaram da conquista. As duas atitudes podem melhor ser colocadas diante de nós por duas das figuras principais dos tempos. O frade de Las Casas clamava, pois:

O alvo que Cristo e o Papa buscam, e devem buscar nas índias - e que os reis cristãos de Castela também devem esforçar-se por atingir - é que os nativos daquelas regiões devem ouvir pregada a fé a fim de que sejam salvos. E os meios para cumprir esta finalidade não são roubá-los, escandalizá-los, prendê-los, ou destruí-los, nem devastar as suas terras, porque isto levaria os infiéis a ter abominação por nossa fé."

2) AS EXPERIÊNCIAS DE JUSTIÇA

O motivo missionário tanto justificava quanto julgava o empreendimento colonial espanhol. Durante toda a sua vida, de Las Casas insistiu nos "métodos persuasivos como sendo uma exigência da fé". Estabeleceu um relacionamento entre a salvação e a justiça, e lutou com energia contra o sistema da encomienda. De Las Casas apresentou oito soluções para a situação nas índias. A última tratava da encomienda, que considerava "contrária a toda a lei natural e divina".

Com a incitação de Las Casas e doutros frades dominicanos e franciscanos, a coroa espanhola permitiu 4 tipos de experiências que visavam descobrir a melhor maneira de tratar e administrar os índios. O problema central era sempre a capacidade dos índios. E isto era bom. A igreja que foi trazida para a América, no entanto, era apenas um elemento de uma totalidade cultural global. Daí, o julgamento desta capacidade sempre era determinado por padrões espanhóis. Logo, os índios eram julgados pela sua capacidade de viver "como espanhóis" sob instituições espanholas de governo e de religião. As experiências eram uma tentativa grandiosa. Mas forçosamente haveriam de fracassar. Afinal das contas, como poderiam até mesmo os índios astecas e incas viver como espanhóis sem os 1500 anos de história que contribuíram para tornar as tribos ibéricas em espanhóis?

Hanke dedica quatro capítulos iluminadores às quatro experiências. Cada uma das experiências procurava uma resposta às seguintes perguntas feitas pela coroa espanhola:

1. Os índios poderiam aprender a viver como espanhóis cristãos?
2. O Novo Mundo poderia ser colonizado pacificamente com agricultores?

3. A fé poderia ser pregada exclusivamente por meios pacíficos?

4. O sistema da encomienda poderia ser abolido?

Todas estas quatro tentativas fracassaram, cada uma por razões diferentes. Não porque os missionários não fizeram um esforço sincero, mas, sim, porque os colonizadores espanhóis não queriam vê-las ter êxito. O resultado líquido da conquista ibérica foi a dizimação da população indígena.

Embora tenham havido diferenças regionais entre o México e o Brasil, o resultado final foi semelhante. Os mais de 7.000.000 tupinambás ao longo da orla marítima brasileira no começo do século XVI desapareceram tão rapidamente que escravos africanos começaram a ser importados na primeira parte daquele mesmo século.

CAPÍTULO V

A CONQUISTA RELIGIOSA DO NOVO MUNDO

A - INTRODUÇÃO

O extermínio da população índia não era o alvo dos Conquistadores. Ocorreu como resultado de certo número de fatores complexos que acompanharam a chegada do homem branco às Américas. Os sacerdotes que vieram salvar os índios da morte às mãos dos soldados nem sempre eram bem-sucedidos. Eles, também, eram filhos da sua época. Mesmo assim, tinham uma visão para o índio e para seu bem-estar que ultrapassava sua própria atitude para com os escravos negros da África. Era um período de transição em que raiara o humanismo da Renascença, mas o encontro pessoal com o Deus da Reforma ainda estava no futuro. Na realidade, uma das características principais do cristianismo latino-americano até hoje é que ele é de tipo pré-Reforma.

Vimos acima como a luta em prol da justiça que começou em 1511 com o sermão de Montesino em Hispaniola assumiu proporções continentais e até mesmo mundiais sob a liderança do Frei Bartolomeu de las Casas. Estes sacerdotes têm sido criticados, injustamente creio eu, por sua contribuição à destruição dos mesmos. Afinal das contas, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que os missionários em geral tornaram-se conscientes da necessidade de contextualizar a mensagem cristã. Como poderíamos condenar estes, para os quais a cultura espanhola e o cristianismo eram exatamente a mesma coisa?

Mais uma palavra introdutória. A evangelização das Américas foi tanto semelhante quanto diferente da evangelização da Europa. A metodologia adotada era a de atingir os líderes políticos. Uma vez que estes se tivessem convertido ao catolicismo, seu povo os seguiria automaticamente. Mais uma vez, era o caso de *cuius regio, eius religio*. Foi apenas lentamente e de maneiras sincretistas que a mensagem cristã foi destilada até chegar ao povo. O quão lentamente é visto pelo fato de que agora, quase quinhentos anos mais tarde, o cristianismo católico na América Latina retém boa parte das antigas crenças indígenas ou africanas por detrás de um exterior católico.

Se a evangelização da América Latina seguiu a metodologia que a cristianização adotou na Europa, era marcadamente diferente em um aspecto. Na Europa, à medida em que o cristianismo avançava, os sacerdotes eram recrutados dos povos que estavam sendo evangelizados. Na América Latina, eram quase 100% importados, até bem o século XIX quando os Estados Americanos desfizeram-se do jugo da Espanha e de Portugal.

Podemos, portanto, falar com Latourette acerca de uma expansão da igreja que foi relativamente estéril, de um cristianismo que se espalhou com extrema rapidez, mas sem a capacidade de se propagar. É notório que até mesmo hoje o Brasil, o maior país católico do mundo depende pesadamente de sacerdotes estrangeiros. O Brasil, assim como acontece com a América Latina Hispânica, nunca conseguiu produzir os sacerdotes dos quais necessita.

B - A CONQUISTA E A IMPLANTAÇÃO

A conquista espanhola nas Américas que começou com a descoberta das índias Ocidentais em 1492 por Colombo foi praticamente completada até 1550. Já em 1574 os espanhóis tinham cerca de 200 cidades e vilas no Novo Mundo com uma população hispânica combinada de quase 160.000 pessoas. A coroa espanhola, através deles, reinava sobre uma população de mais de 7 milhões de índios, além de

cerca de 40.000 escravos negros. Conseguiram fazer isso por meio de tomar posse dos impérios asteca e inca, quase intatos.

Centenas de missionários vieram para a América Hispânica. Acabaram ganhando a grande maioria dos índios para a fé cristã. Houve, pelo menos, um assentimento externo à nova religião. Esta "conversão" foi especialmente facilitada por pelo menos dois fatores. As tribos que tinham sido sujeitadas pelos astecas e pelos incas já tinham tido de abrir mão da sua própria religião para seguir a dos seus dominadores. Em segundo lugar, nem os impérios conquistados nem os europeus conquistadores podiam conceber a pluralidade religiosa. Para eles, o estado, a cultura e a religião faziam parte de uma só coisa. Logo, as conversões eram geralmente em massa, por unidades tribais homogêneas.

Mesmo assim, não devemos subestimar o impacto da atividade missionária. Nos sete anos desde 1524 até 1531 inclusive, os irmãos franciscanos batizaram nada menos que 1.000.000 índios. Até 1574, havia 200 mosteiros (principalmente dominicanos e franciscanos) na Nova Espanha. No Brasil, nem a colonização nem a obra missionária começaram até meados do século XVI. E há duas razões porque as cifras estão longe de ser tão surpreendentes quanto as da Nova Espanha: uma população muito menor e a ausência de uma estrutura imperial sedentária; apesar disto, os franciscanos relataram 3.000 batismos em 1500, o ano em que Cabral originalmente desembarcou no Brasil. A evangelização começou com seriedade em 1549. Já em 1584, os jesuítas tinham feito 100.000 conversões. Anchieta, que chegou ao Brasil em 1553, e que mais tarde veio a ser o Provincial jesuíta, batizou, segundo se diz, dezenas de milhares de índios. Para proteger os índios dos europeus, os jesuítas reuniam os índios em aldeias.

Depois das vitórias iniciais das armas espanholas sobre os astecas e os incas, a expansão da Nova Espanha frequentemente dependia do avanço missionário. A medida que os frades franciscanos e outros avançavam para novos territórios ("amansando" os índios e reunindo-os em mosteiros), tornava-se possível para a administração civil espanhola expandir-se para estas novas áreas. Em termos de evangelização, E. Dussel indicou que aquelas zonas que foram apenas indiretamente tocadas pela civilização hispânica permaneceram essencialmente pagãs. E que aquelas que não tiveram contato algum com o cristianismo permaneceram totalmente pagãs até o fim do século XVIII.

Os sacerdotes exerciam um papel mediador entre os colonizadores e os índios. Às vezes, pacificavam os espíritos dos colonizadores; noutras ocasiões, refreavam a cobiça e a violência dos conquistadores. Raras vezes as "conversões" eram feitas pela força militar. Azevedo nota que: "na verdade, em poucas vezes os aborígenes foram confrontados com a alternativa de escolher a espada ou a cruz, embora em alguns casos tenha sido empregada a força das armas para proteger os missionários ou para obrigar os índios a aceitarem o batismo. Pode-se dizer que pelo menos genericamente, a distinção entre missionário e soldado se manteve mais claramente que nos últimos séculos da Idade Média europeia.

Frei Juan de Zumarraga, o primeiro bispo do México, foi nomeado para esta posição já em 1530. Em 1546 o México foi elevado para a posição de uma arquidiocese. As primeiras reuniões dos altos eclesiásticos ocorreram pouco depois no México. Em 1531, uma diocese foi estabelecida no Panamá, e outra em Cuzco em 1537. Lima ficou sendo uma arquidiocese em 1564. "O primeiro Concílio de Lima (1545-1549) deu aos missionários instruções exatas acerca de como cumprir sua tarefa. Junta mente com o desenvolvimento da hierarquia vieram a educação e a inquisição. Uma Universidade foi estabelecida no México em 1533; a de San Marcos em Lima, em 1557. Uma escola para a educação dos índios foi estabelecida no México em 1536. O Santo Ofício foi estabelecido tanto no México quanto em Lima em 1569, e continuou a funcionar quase até à guerra da independência no século XIX.

No Brasil, o estabelecimento da hierarquia veio muito mais lentamente. A América Hispânica tinha dúzias de dioceses quando o Brasil começou a formar a sua. O primeiro bispo, Dom Pedro

HISTÓRIA DA IGREJA: MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Fernandes Sardinha, era um renascentista. Teve conflitos com os jesuítas desde o início. Um destes resultou na quebra da resistência dos jesuítas à escravização dos índios. Apesar da aliança entre a igreja e o estado, e do zelo óbvio da parte do trono de Portugal em cuidar do bem-estar da população, tanto europeia quanto indígena, era uma aliança desigual e um zelo temperado. O rei nunca permitiu à Igreja a liberdade que precisava para crescer e para realizar sua tarefa. Como comparação, Montenegro nota que depois de 100 anos de instituição canônica nos Estados Unidos, a Igreja Católica tinha 84 bispos e arcebispos. O Brasil, do outro lado, no fim de 100 anos de catolicismo ainda tinha uma só diocese (Salvador). No fim de 200 anos, apenas sete. E no fim de três séculos, ainda tinha apenas dez. Obviamente, era do interesse do poder real que o Brasil fosse católico, mas não demasiadamente. O episcopado brasileiro, além da limitação do seu desenvolvimento natural, encontrou três obstáculos sérios no período colonial que dificultaram o cumprimento da sua tarefa missionária. Em primeiro lugar, o poder civil constantemente colocava obstáculos diante de qualquer tentativa pelos superiores eclesiásticos de fiscalizar e de disciplinar. Em segundo lugar, os poderes do estado tornavam piores os conflitos entre os superiores e os clérigos regulares ao fomentar o espírito realista entre estes últimos. E, em terceiro lugar, ao criar conflitos entre o bispo e seus próprios assistentes.

CAPÍTULO VI

AVALIAÇÃO DAS MISSÕES CATÓLICO-ROMANAS NO SÉCULO XVI

A - SUCESSO E FRACASSO

Julgados numericamente em termos dos batismos e da capacidade de o catolicismo permanecer até o dia de hoje, os missionários do século XVI completaram sua tarefa com muito sucesso. Ao passo que as Igrejas da Reforma, que estavam lutando pela sua própria sobrevivência, demonstravam pouco ou nenhum interesse pelas missões, os representantes da península ibérica trouxeram dois continentes inteiros com seus milhões de habitantes em joelhos diante de Cristo. E realizaram esta façanha extraordinária em menos que 100 anos. Seus motivos, seus métodos à sua mensagem estão abertos a críticas sérias, mas não se pode negar-lhes esta realização extraordinária. Devemos ser cuidadosos em nossos julgamentos e não esperar deles atitudes e estratégias que somente agora começaram a ser aceitas.

A dialética subjacente, o ouro ou as almas, não fez clara separação entre o soldado e o sacerdote. Muitos dos sacerdotes que vieram também estavam procurando a "boa vida". E isto incluía até mesmo Bartolomeu de las Casas quando originalmente veio para Hispaniola. Mesmo entre aqueles que se dedicavam a salvar a população indígena do homem branco havia muitos que adotavam uma atitude ambivalente para com a escravidão. Não somente a permitiam como também eles mesmos tinham escravos. A nós parece estranho que estes missionários que dedicavam sua vida à luta para salvar a população indígena pouco ou nada se interessavam pela sorte dos escravos importados da África. Poucos missionários se dedicaram a estes. Quase nenhum esforço foi feito no esforço de evangelizá-los. No Brasil, os negros integraram-se na Igreja, porque era apenas através da Igreja que podiam participar da sociedade colonial.

Se a intenção dos missionários era certa (salvar almas), o conteúdo da sua mensagem estava errado. "Salvá-los" significava quase sempre "assimilá-los ao cristianismo hispânico." Um índio não poderia ser verdadeiramente salvo a não ser que se vestisse, agisse e pensasse como um espanhol. Até mesmo Bartolomeu de las Casas sugeriu à coroa espanhola, em certa ocasião, que fossem libertados os índios que podiam viver sozinhos, e viver como cristãos espanhóis. Mais tarde, no entanto, chegou a crer que era necessário colocar o índio no seu próprio estilo de vida, compreender suas práticas, seus costumes e suas crenças sem medi-lo por comparações espanholas. A Igreja ficou sendo o organismo responsável por impor a cosmovisão hispânica, visto que seus sacerdotes eram responsáveis pelas escolas, pela imprensa, etc. A elite intelectual hispânica era basicamente constituída por sacerdotes.

B - A IGREJA E O ESTADO

Mesmo com o pluralismo do século XX é difícil distinguir aquilo que é verdadeiramente cristão das motivações culturais. No século XVI, isto era quase totalmente impossível. Na Espanha daquele tempo havia um tipo de "messianismo temporal" em que o destino do Estado era unido ao da Igreja. Foi o mesmo Carlos V que procurava conquistar a Alemanha de volta para a Igreja Católica, que se esforçou para conformar as Américas à imagem espanhola. E os missionários certamente não estavam isentos deste nacionalismo que identificava os destinos da Igreja e do Estado.

O controle exercido pelas coroas espanhola e portuguesa sobre a vida religiosa nas colônias era quase absoluto. Estendia-se desde a escolha de quem podia servir nas Américas até a imposição da inquisição para conservar os sacerdotes na linha. No Brasil, o poder político da Igreja era conservado subserviente, tanto por meio de manter reduzido o número das dioceses quanto por meio de criar conflitos dentro do arcabouço do próprio clero. O número dos missionários era determinado pelas necessidades da expansão colonial, não pelas necessidades intrínsecas da missão. Até mesmo a correspondência com o Papa era primeiramente censurada pelas coroas da Espanha e de Portugal.

Mesmo assim, a vitória política sobre a Igreja não era completa e absoluta. A Igreja penetrou mais profundamente no Brasil colonial do que o Estado conseguiu fazer. Aliás, a solidariedade social daqueles tempos era especificamente devida à religião. O clero secular moldava-se às duras realidades da época, e criava união e estimulava ordem na colônia. Nisto, também entravam em conflito com os jesuítas, aqueles "defensores intransigentes da doutrina. Esta atitude resultou da sua origem como resposta católica à Reforma. Do outro lado, apresentar a obra dos jesuítas como sendo essencialmente civilizadora, como fazem alguns, também distorce o quadro. Suas escolas e seus aldeamentos traduziam uma perspectiva missionária. Era, sem dúvida, uma perspectiva distorcida, porque, para eles, tornar-se um cristão verdadeiro significava adotar a cultura portuguesa. Mas conforme indica Hoornaert, as origens das cidades do Brasil acham-se nas alianças entre as missões e o poder colonizador. Tal foi o caso de Salvador e do Recôncavo (Bahia) com os jesuítas. Outras foram celebradas com os carmelitas (Rio de Janeiro e Guanabara) e com os franciscanos (Paraíba). Estas alianças permitiram a criação das fazendas de cana de açúcar tendo por base a violenta escravização dos índios.

O resultado deste relacionamento foi dar um colorido político à heresia e assim acelerar o processo da coerção religiosa. Mesmo assim, não havia nenhuma transferência direta para o Brasil do conteúdo e da prática culturais. Segundo Montenegro: "os europeus que vieram para cá trouxeram consigo uma civilização à qual não se prendiam e da qual não se separaram". Os índios, que eram convertidos em massa, mas sem cuidados pastorais, voltavam facilmente para suas crenças anteriores. Externamente, foram obrigados a conformar-se (roupas e comportamento idênticos aos dos colonizadores), mas internamente não havia sintonização alguma com a realidade do novo mundo. O resultado foi meramente a superimposição da civilização portuguesa sobre a indígena.

C - O TRATAMENTO DOS ÍNDIOS

Alcançar os índios passou por várias fases. A primeira, que Leon Ybot chama a heroica, era a da conversão. Esta foi relativamente simples e fácil ao tomar posse dos impérios asteca e inca. Ficou sendo mais difícil quando os missionários estavam no fio cortante da civilização. A segunda fase, a missional, era a do ensino. Em resumo, era a difusão racional da doutrina e da prática cristãs. Os índios eram reunidos em reduções ou aldeias para este propósito, bem como para o de protegê-los contra os europeus. As reduções foram malsucedidas por várias razões: frequentemente, grandes números de índios fugiam delas; raras vezes conseguiam resistir aos ataques dos europeus que procuravam escravos. Uma terceira fase foi a paroquial, que procurava ensinar os índios de modo mais sólido. Esta atividade era realizada nas encomiendas. Feudal na sua natureza, o sistema da encomienda visava proteger o índio. Ao invés disso, porém, veio a ser a maldição da sua estrutura social e do sistema hispânico no futuro.

Embora Hoornaert possa dizer que a experiência do aldeamento fosse possivelmente a mais válida na história da Igreja no Brasil, reconhece que acabou falhando porque considerava atrasada a cultura indígena. Os missionários não. Conseguiram ser abertos diante dos valores inerentes destas culturas, e somente percebiam que eram idólatras e atrasadas.

HISTÓRIA DA IGREJA: MODERNA E CONTEMPORÂNEA

O resultado tem sido tratar o índio como criança. Ensinavam-lhe artesanatos simples, a agricultura, e até mesmo era alfabetizado. Não lhe era permitido, no entanto, tornar-se "adulto" e raciocinar por si mesmo. E esta atitude continua a predominar até hoje. Até mesmo a FUNAI não quer reconhecer que o índio pode amadurecer e tomar seu lugar na sociedade brasileira. É uma questão debatível decidir o que é pior: manter o índio como criança dentro da civilização, ou conservá-lo totalmente removido do século XX de modo que os antropólogos possam estudá-lo no seu "habitat natural".

CAPÍTULO VII

O ESTABELECIMENTO DO CRISTIANISMO NOS ESTADOS UNIDOS

A - INTRODUÇÃO

A cultura moderna tem rompido crescentemente as relações com o controle e integração da vida dos cristãos. A Paz de Westfália, em 1648, é a linha divisória entre os padrões religiosos desenvolvidos na Reforma e as tendências na história da igreja a partir desta época. Avivamentos periódicos e várias manifestações de racionalismo ocorreram concomitantemente. O racionalismo que deu origem ao liberalismo na Igreja provocou uma ruptura com a Bíblia e com a teologia da Reforma. O denominacionalismo desenvolveu-se a partir da separação entre igreja e estado.

A tolerância e a liberdade religiosa criaram a necessidade de um apoio voluntário à igreja e de um controle mais democrático dos seus negócios pelos leigos. Os colonizadores aceitavam a falibilidade do homem e de suas instituições e a necessidade de limitar o poder por causa do pecado. Já que as pessoas não eram obrigadas a pertencer a uma igreja oficial, a evangelização se tornou um meio importante de levá-las ao cristianismo. Infelizmente, a separação entre igreja e estado provocou não apenas a rejeição de um privilégio de uma religião sobre a outra, mas quase sempre levou a atitudes antirreligiosas de parte do estado. A separação criou o estado secular do século XX, que alguns em lugares ameaçou a existência da Igreja. A tendência ao denominacionalismo tem sido alterada em parte, no século XX pelas tendências aos movimentos de unificação e ecumenismo. Atualmente, fusão ou reunião parecem estar substituindo as divisões do Protestantismo pós-reformado.

Um grande esforço missionário protestante, a partir de 1792, a filantropia, que atende às necessidades sociais, têm sido momentos importantes no cristianismo moderno. A igreja também tem enfrentado ataques de críticos bíblicos, evolucionistas e estados totalitários.

Em nenhum lugar estas características da história da igreja moderna têm se evidenciado tanto como nos Estados Unidos. Impressiona o fato de que a descoberta da América por Colombo e o começo da Reforma tenham ocorrido num mesmo período de 25 anos. Praticamente todas as igrejas protestantes da Reforma e mais tarde a Católica Romana vieram se representar nos Estados Unidos. A distância da Europa, o imediato engajamento dos crentes e o conseqüente controle leigo da Igreja, os constantes avivamentos, a influência do interior e o relativo radicalismo religioso das seitas que vieram para os Estados Unidos tornaram o cristianismo norte-americano tremendamente criativo em suas atividades. O movimento pró-temperança, o envolvimento da igreja institucional na satisfação de necessidades sociais, culturais e religiosas, o trabalho jovem, missões nacionais e o movimento ecumênico ilustram bem esta aspecto criativo do cristianismo norte-americano.

B - A IMPLANTAÇÃO DO CRISTIANISMO NORTE-AMERICANO

Foram vários os motivos que estimularam a colonização anglo-saxônica ao longo da costa atlântica da América do Norte. Muitos colonizadores esperavam encontrar a rota marítima ocidental para as riquezas da Ásia, matérias-primas e mercados importantes para um comércio lucrativo. Outros vieram porque criam que as colônias poderiam absorver a população excedente dos lugares de origem. A fundação de colônias também ajudaria a descartar para o novo Mundo a ameaça militar da Espanha.

A motivação religiosa, porém, foi extremamente importante no estabelecimento de colônias. A maioria das cartas de viagem menciona o desejo dos financiadores de converter os nativos e estender o domínio cristão. Em outros casos, como o dos puritanos de Plymouth e Salém, os colonizadores estavam interessados em cultivar ao seu modo segundo julgavam melhor. Assim, a mudança de ingleses, franceses, espanhóis, suecos e holandeses para os Estados Unidos não pode ser dissociada do transplante da religião que praticavam na sua terra natal. A maioria deles era calvinista. O instrumento usado nesta mudança de pessoas eram as sociedades anônimas, precursoras das grandes empresas contemporâneas. Foram elas que possibilitaram a arrecadação de grandes somas de dinheiro, necessário para financiar tais empreendimentos.

1) A IGREJA ANGLICANA NOS ESTADOS UNIDOS

A Virginia Company, que recebeu um alvará em 1606 para estabelecer e explorar terras nos Estados Unidos, enviou colonos para Jamestown em 1607. Esta colônia de nobres e trabalhadores foi organizada sob uma base comunal e a administração era feita através da Igreja Anglicana. Entre os colonos estava Robert Hunt, um capelão, o primeiro a celebrar a Ceia do Senhor aos imigrantes sob a proteção de um velho navio, enquanto os participantes estavam assentados em troncos de árvores. John Rolfe, que se casou com Pocahontas, abriu caminho para a riqueza da colônia com o bem sucedido plantio do tabaco, em 1612. A colônia só prosperou economicamente quando a experiência comunal se encerrou, em 1619, e as terras e o privilégio de eleger um governo representativo foram assegurados aos colonos pela Companhia. Um número cada vez maior de anglicanos puritanos emigrou para a Colônia. Alexander Whitaker, de inclinação puritana, tornou-se o principal ministro da Igreja Anglicana na Virginia, entre 1611 e 1617.

A escravidão foi estabelecida com a compra de escravos de mercadores holandeses, em 1619, para o trabalho nas plantações de tabaco. Em 1624, a Companhia foi dissolvida e Virgínia tornou-se uma colônia real dirigida por um governador. A Igreja Anglicana permaneceu como a Igreja oficial da nova colônia. Seus pastores realizaram um trabalho medíocre até a chegada em 1689 de James Blair (c. 1655-1743), pastor da paróquia de Burton, de 1710-1743, como comissário encarregado de inspecionar as igrejas e introduzir reformas. Foi ele que fundou a Universidade William and Mary em 1693.

A Igreja Anglicana finalmente também se tornou a Igreja oficial de Maryland, 1702, a despeito da oposição dos católicos romanos, cuja colonização fora permitida pelo Lorde Baltimore. Acabou, então, a tolerância religiosa que ele permitira. A Igreja Anglicana foi oficializada em Nova York, em 1693, apesar da oposição dos holandeses, os colonizadores originários de New York. Um ato de 1765 fez dela também Igreja oficial da Carolina do Norte, depois de estabelecida em 1706 na Carolina do Sul. A Geórgia aceitou o anglicanismo em 1758. Só com a Revolução Americana esta situação foi alterada.

A fundação da Sociedade para a Propagação do Evangelho em Terras Estrangeiras em 1701, por Thomas Bray (1656-1730), o comissário de Maryland, possibilitou um ministério mais consagrado e espiritual nas várias igrejas, antes caracterizadas pelo desleixo moral e espiritual. A Sociedade enviou mais de 300 missionários às colônias. Assim, nas colônias do Sul se desenvolveram igrejas Anglicanas estatais.

2) A IMPLANTAÇÃO DO CONGREGACIONALISMO NA NOVA INGLATERRA

O Congregacionalismo tornou-se a igreja estabelecida na Nova Inglaterra. Nos primórdios do século XVII, a congregação de Scrooby, que emigrara para a acolhedora cidade de Leyden, na Holanda, a fim de fugir à perseguição por causa de suas ideias congregacionais, decidiu emigrar para os Estados Unidos, temerosos de uma possível integração da sua juventude na população holandesa. Uma companhia

londrina de comerciantes "aventureiros" emprestou-lhes sete mil libras para financiar a viagem. Os imigrantes ficaram de lhes pagar com o trabalho, ajudando-os a instalar uma indústria pesqueira.

Em agosto de 1620, cerca de 100 colonos, conhecidos como Peregrinos, saíram da Inglaterra em direção aos Estados Unidos no Mayflower. Por alguma razão, eles portaram em Plymouth, na Nova Inglaterra, e não no norte da Virgínia; isto os obrigou a tirar uma nova licença da companhia em cujos territórios viviam. Afim de evitar que rebeldes provocassem distúrbios na colônia, elaborou-se um Mayflower Compact como um instrumento de disciplina antes mesmo de desembarcarem. O documento era uma extensão da ideia do pacto elaborado anteriormente pelos separatistas, e ficou como sua constituição principal até Plymouth ter sido incorporada em 1691 às colônias de Sarem em Massachusetts. O desembarque em Plymouth foi providencial porque se o fizessem em Virgínia, seriam perseguidos como na Inglaterra. Elder Brewster serviu como seu líder religioso e William Bradford tornou-se seu primeiro governador.

Pelo menos 50 dos colonos morreram durante o primeiro inverno rigoroso, mas na primavera seguinte as lavouras floresceram e logo os colonos puderam pagar suas dívidas. A igreja era o centro da vida espiritual e social da comunidade.

Muitos puritanos não-separatistas se estabeleceram em Salém e Boston, a partir de 1628. Em 1626, John White, ministro puritano de Dorchester, na Inglaterra, organizou uma companhia para fixar algumas pessoas em Salém. Cerca de 50 desta companhia fixaram-se em Salém no outono de 1628 e escolheram John Endicott para governador. Esses colonos eram congregacionais puritanos ou, talvez, anglicanos com inclinação para o congregacionalismo antes de deixarem a Inglaterra.

Além dos amáveis serviços médicos do Dr. Samuel Fuller, vindo da colônia separatista de Plymouth para dar assistência médica no inverno de 1628-1629, deixaram estabelecido na colônia de Salém um sistema de administração eclesiástica baseada num pacto.

Em 1629, a empresa de White foi incorporada à Massachusetts Bay Company, cujos acionistas que não quiseram emigrar da Inglaterra se afastaram. Cerca de 900 embarcaram para os Estados Unidos com os dirigentes da companhia, trazendo uma carta, a fim de fugir do governo de despotismo pessoal de Carlos I. Em 1631, a Corte Geral de Massachusetts limitou o direito de voto a membros de igreja; o congregacionalismo foi tornado a religião oficial e a teocracia tornou-se uma realidade. Os colonos rejeitaram o sistema episcopal mas sustentaram o princípio da uniformidade da fé. John Winthrop (1588-1649) foi escolhido governador das colônias de Salém e Boston.

Mais de 20 mil puritanos vieram para estas colônias entre 1628 e 1640. Para atender ao crescente número de igrejas, os ministros eram formados em universidades, a maioria em Cambridge. Eles interpretavam de tal modo a Bíblia, que o povo era capaz de aplicá-la à vida. Embora o sistema administrativo fosse congregacional, a teologia destes puritanos era calvinista.

O desejo de ocupar áreas férteis adjacentes e a intolerância dos teocráticos dirigentes da colônia de Nova Inglaterra geraram uma espécie de "revoada" dos puritanos. Thomas Hooker (1586-1647), feito ministro de Newton em 1633, cansou-se da restrição do voto apenas aos membros da igreja; junto com sua congregação, ele pediu aos magistrados permissão de emigrar para o fértil vale do rio Connecticut, ao oeste. Devidamente autorizado, partiram e fundaram três cidades em 1636. Dois anos depois, as Normas Fundamentais de Connecticut (Fundamental Orders of Connecticut) tornaram-se a constituição da nova colônia. Esta constituição era mais liberal que a da colônia-mãe; segundo ela, somente o governador deveria ser necessariamente membro de uma igreja; ademais, o governo se baseava no consenso popular expresso através do voto.

A fundação de uma outra colônia pode ser creditada a John Davenport (1597-1670), pastor de uma igreja em Londres, e a um dos seus membros, Theophilus Eaton, que, junto com muitos membros da

igreja, partiram para os Estados Unidos, em 1636. Por acharem que não seriam bem sucedidos em Boston, fundaram a colônia de New Haven, na parte sul do atual Connecticut. Com terras obtidas dos índios através de negociações, criaram em 1639 uma comunidade baseada na Bíblia em que somente membros de igreja podiam votar. Em 1664, esta colônia juntou-se a outras para formar a de Connecticut.

A unidade teológica e administrativa foi assegurada em 1646 com o Sínodo de Cambridge, quando representantes de quatro colônias puritanas adotaram a Confissão de Westminster como expressão de sua teologia, elaborando finalmente em 1648 a Plataforma de Cambridge (Cambridge Platform) Esta Plataforma estatuiu que, embora autônomas, as igrejas se inter-relacionariam pela fraternidade e através de um concílio. Cada igreja era criada por um pacto eclesiástico que unia os crentes uns aos outros e a Cristo, o Cabeça da Igreja. Pastores e diáconos eram os seus oficiais mais importantes e a ordenação era celebrada por ministros vizinhos, mediante o interesse da igreja.

Os primeiros puritanos não ignoraram inteiramente seus vizinhos pagãos. John Eliot (1604-1690) pastor da igreja de Roxbury, que iniciou seu trabalho entre os índios em 1646, constituiu seus convertidos em cidades. Ele também traduziu e publicou o Velho e o Novo Testamento na língua indígena em 1663 e 1661, respectivamente.

3) A IMPLANTAÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS NORTE-AMERICANAS

O começo das igrejas batistas nos Estados Unidos está ligado também à "revoada" dos puritanos. Roger Williams (c. 1603-1683), educado para o ministério anglicano em Cambridge, logo adotou ideias separatistas. Sua independência intelectual levou-o a deixara Inglaterra hostil indo para Boston, em 1631. Daí foi para Plymouth, por entender que a Igreja em Boston não estava suficientemente purificada. Quando a igreja em Salém o convidou para pastoreá-la em 1634, a Corte Geral, liderada por John Cotton, interveio e ordenou sua saída do território sob sua jurisdição em seis semanas, porque ele defendia o direito do índio à propriedade da terra, opunha-se a igreja oficial e achava que os magistrados não deviam ter qualquer poder sobre a religião do homem. Obrigado a deixar a esposa e um filho numa casa de hipoteca, mergulhou na floresta num rigoroso inverno, até encontrar os índios, que lhe deram ajuda Em 1636, ele comprou terra dos índios e fundou Providence.

No ano seguinte, Anne Hutchinson foi excomungada porque promovia reuniões em sua casa onde proclamava um "pacto da graça". Este pacto opunha-se ao pacto das obras que, segundo ela, todos os ministros, exceto John Cotton, proclamavam. Seu conceito da luz interior, e a reivindicação de plena certeza da salvação também deixaram-na em apuros. Expulsa da colônia pouco antes de seu filho nascer, foi forçada no rigor do inverno a ir para Rhode Island, onde, com seus seguidores, se estabeleceu em Newport e Portsmouth. John Clarke, (1609-1676), médico e pregador, tornou-se em 1638, dirigente de uma igreja em Newport, que não se tem como definitivamente batista.

Em 1639, uma igreja foi fundada em Providence e todos os membros foram rebatizados, inclusive Williams. Há alguma dúvida se foi por imersão, mas de qualquer forma, os doze membros se organizaram seguindo princípios batistas. Considera-se esta igreja a primeira igreja batista norte-americana. Embora houvesse uma igreja em Newport em 1638, a primeira igreja claramente batista em Newport surgiu em 1648, segundo os documentos. As igrejas de Newport e Providence, disputam o título da igreja batista mais antiga dos Estados Unidos. Mais tarde, Williams deixou a igreja de Providence, mas continuou a servir na colônia até assegurar uma constituição temporária para Rhode Island, em 1643. Esta constituição foi confirmada por Carlos II em 1663. A maior contribuição de Williams foi sua ênfase na separação de igreja e estado e na liberdade de consciência. De suas primeiras atividades em Rhode Island é que a grande comunidade batista dos tempos modernos surgiu.

4) A IMPLANTAÇÃO DO CATOLICISMO ROMANO EM MARYLAND

A América Central e a do Sul receberam uma cultura católica-romana autoritativa, latina e homogênea, da Espanha e Portugal; mas a América do Norte, exceto Quebec e Louisiana, recebeu uma cultura pluralista, anglo-saxônica e protestante, do norte e oeste europeus. Em 1556 os espanhóis introduziram na Florida um catolicismo que não foi duradouro e mais tarde, no Novo México, Arizona e Califórnia. Os franceses introduziram-no no Quebec, mas ele não fincou raízes nas treze colônias antes de 1634, em Maryland. A maior parte dos irlandeses e alemães que vieram para os Estados Unidos após 1850 eram católicos romanos.

Os lordes Baltimore, George Calvert: (1580-1632) e seu filho, Cecil Calvert (1605-1675), foram os proprietários sucessivos do que seria conhecido como Maryland. Diferentemente do idealista Roger Williams, os Calvert: estavam interessados em lucros. Desde 1634, quando a colônia começou, a tolerância religiosa foi por eles permitida em Maryland, o que atraiu tanto protestantes quanto católicos romanos. O rígido controle político de Calvert: foi contrabalançado pela liberdade religiosa até que Maryland tornou-se colônia real em 1692. O anglicanismo foi feito a religião oficial em 1702, depois que o governo inglês finalmente aprovou a decisão da Assembleia Colonial, em 1692.

5) A PENSILVÂNIA E OS QUACRES

Os quacres surgiram em Boston em 1656. Logo, porém, perceberam que não seriam bem recebidos pelos puritanos da Nova Inglaterra por causa de sua ideia de separação da igreja do estado e de sua indiferença para com a doutrina. Em 1674, New Jersey foi dividida em duas, uma do oriente e outra do ocidente até 1702. Estase tornou uma colônia quacre. Mas foi a Pensilvânia que se constituiu no grande refúgio quacre, graças aos esforços de William Penn.

Carlos II devia 16 mil libras ao pai de Penn e deu a William o controle da Pensilvânia em 1681 para saldar a dívida. Penn interessou-se grandemente em estabelecer a colônia e fez dela um asilo onde todos os perseguidos por motivos religiosos encontrariam refúgio. Isto explica a grande variedade de seitas que logo salta aos olhos de quem estuda a história religiosa da Pensilvânia.

Em 1683, grande número de menonitas alemães se estabeleceram em Germantown, perto da Philadelphia. Em 1740, muitos morávios se fixaram na Pensilvânia, após breve permanência na Geórgia, entre 1735 e 1740. O próprio Zinzendorf, o líder dos morávios, visitou a Pensilvânia em 1741, mas não conseguiu unificar as seitas alemãs. Belém se tornou um centro importante para os morávios. Apesar de ter se iniciado numa colônia holandesa de Nova Amsterdã e numa colônia sueca ao longo do rio Delaware, o luteranismo norte-americano só teve organização definitiva quando Henry Muhlenberg (1711-1757) chegou aos Estados Unidos, em 1742, conseguindo formar um Sínodo Luterano em Pensilvânia em 1748. A época da Revolução havia cerca de 75 mil luteranos só na Pensilvânia. A diversidade era a nota característica da religião na Pensilvânia e nas colônias do centro; já as colônias do sul eram dominadas pela Igreja Anglicana e as do norte, pela Congregacional.

6) O PRESBITERIANISMO NOS ESTADOS UNIDOS

Na primeira metade do século XVII, os presbiterianos escoceses, forçados por James I a desalojar os irlandeses, continuavam a emigrar para a Irlanda do Norte. Muitos escoceses-irlandeses emigraram para as colônias depois de 1710, devido à discriminação econômica praticada contra a Irlanda pelas leis comerciais da Inglaterra. Em 1750, perto de 100 mil foram para os Estados Unidos. Muitos, depois de uma pequena estada em Nova Inglaterra, foram para New Jersey e New York habitando nos condados de Ulster e Orange. Muitos foram para a Pensilvânia central e ocidental onde se fizeram influentes na área de

Pittsburgh, que se tornou o principal centro do presbiterianismo norte-americano. Outros foram para o sul, no vale do Shenandoah (Virgínia).

Francis Makemi (1658-1708), um irlandês que chegou às colônias em 1683, tornou-se o pai do presbiterianismo norte-americano. Em 1706, ele já tinha organizado um presbitério em Philadelphia; em 1716 reuniu-se o primeiro sínodo das colônias. Em 1729, o sínodo adotou a Confissão de Westminster como padrão de fé. Os presbiterianos formaram com anglicanos, congregacionais e batistas, as maiores igrejas das colônias.

7) O METODISMO NAS COLÔNIAS

O Metodismo foi introduzido às treze colônias por Robert Strawbridge em Maryland e por Philip Embury e Capitão Webb em Nova Iorque, após 1760. John Wesley enviou Richard Boardman e Joseph Pilmoor como missionários oficiais em 1768. O grande Francis Asbury (1745-1816) veio em 1771, e em 1784, quando o Metodismo foi formalmente organizado nas colônias, ele tornou-se o primeiro bispo.

Deste modo, as várias igrejas criadas pela Reforma foram transplantadas para os Estados Unidos ainda nos primeiros 150 anos da história das colônias. Exceto, por um pouco, em Maryland e nas colônias do centro, nenhuma igreja foi reconhecida como oficial até a Revolução Americana. Depois da Revolução, a separação entre igreja e estado levou as igrejas dos Estados Unidos a dependerem do sustento voluntário para suas realizações, e do evangelismo para trazer os não-crentes e os filhos dos crentes ao seio da igreja.

C – EDUCAÇÃO NAS COLÔNIAS

Depois que as casas foram construídas, igrejas erigidas, governo civil estabelecido e meios de vida assegurados, a educação foi uma das primeiras preocupações dos colonos, segundo o panfleto "Os Primeiros Frutos da Nova Inglaterra" (New England's First Fruits). Este interesse fazia parte da tradição da Reforma; Calvino e Lutero tinham encarecido a necessidade de educação para que o indivíduo pudesse ler a Bíblia e para que os líderes das Igrejas e do Estado fossem preparados.

Nos programas que os reformadores elaboraram e nos currículos das primeiras instituições educacionais dos Estados Unidos, a Bíblia tinha a primazia, vindo a seguir o ensino clássico como fonte para conhecimento pleno da Bíblia. A educação vocacional nas colônias foi assegurada pela continuidade do sistema educacional da Inglaterra. Por este sistema, o educando era instruído por um professor numa profissão específica até aprender.

A educação elementar nas colônias do norte era gratuita, mas no sul as famílias ricas contratavam um professor particular. Um indivíduo alfabetizado seria um melhor cidadão e um melhor cristão. Escolas secundárias, conhecidas como escolas de latim ou de gramática, preparavam o estudante para a universidade, dando-lhe base em línguas clássicas. As universidades preparavam especialistas e líderes civis e eclesiásticos.

Harvard foi fundada em 1636 para o "ensino avançado" e para assegurar a tradição religiosa da geração seguinte. O principal objetivo da vida e do estudo era conhecer a Deus e Seu Filho, Cristo, considerado "o único fundamento" do saber.

John Harvard, de quem a universidade tomou o nome, legou a metade de seus bens e sua biblioteca para a nova universidade.

A Universidade "William and Mary" (William and Mary College), em Williamsburg, foi fundada em 1693, tendo como uma de suas principais funções "a educação de bons ministros". Logo depois, os puritanos de Connecticut criaram a Universidade de Yale, em 1701, para propiciar à juventude uma "educação liberal e religiosa", para que não faltassem líderes para as igrejas.

Em 1726, Sir William Tennent (1673-1746), ministro irlandês, fundou uma escola perto de Filadélfia, a fim de educar seus filhos e outros rapazes para o ministério. Para prosseguir a obra, Jonathan Dickinson conseguiu uma licença para abrir uma escola em 1746. Esta escola, conhecida como Universidade de New Jersey, mudou-se para Princeton, tomando depois o nome desta cidade. O King's College Universidade do Rei (Columbia) foi criado por uma carta real de 1754. Os batistas fundaram a Universidade de Rhode Island em 1764 como uma instituição que ensinaria, sem sectarismo, religião e ciência; essa escola mais tarde recebeu o nome de Universidade "Brown" - Brown University. Dartmouth foi fundada em 1770; a atual Rutgers começou em 1825. Cada grupo lutou para fundar uma instituição de alto nível a fim de formar bons líderes para a igreja e para o estado.'

D – O GRANDE AVIVAMENTO

Os reavivamentos periódicos são uma característica do cristianismo teutônico anglo-saxão e do cristianismo norte-americano. A necessidade de alcançar os não crentes e a necessidade de fortalecer os crentes parecem ter motivado estes avivamentos espirituais. Eles parecem ter ocorrido em várias épocas, durante pelo menos uma década, em tempos de crise. Antes de 1865 eles eram espontâneos, não organizados, pastorais e eram avivamentos de congregações rurais ou de pequenas vilas. Pouco tempo antes de 1700, era visível o declínio da moral e da religião, provocado pela influência do processo colonizador, com o constante movimento populacional e a sucessão de guerras brutais, e pela tendência em algumas regiões de separar igreja e estado.

O Grande Avivamento, mais calvinista, começou com a pregação de Theodore Frelinghuysen às congregações holandesas reformadas de New Jersey, em 1726. O avivamento estimulou uma vida moral e espiritual entre o povo. O trabalho de Frelinghuysen influenciou os pastores protestantes, Gilbert Tennent e William Tennent, Jr., que se tornaram as chamas-vivas do reavivamento entre os escoceses-irlandeses das colônias do centro. Whitefield, assim, encontrou solidamente colocada a base para o reavivamento quando visitou as colônias do centro em 1739.

O fogo do reavivamento que tinha começado entre os calvinistas holandeses reformados e presbiterianos calvinistas logo se espalhou pela Nova Inglaterra congregacional, graças aos esforços de Johnathan Edwards (1703-1758). Edwards, formado precocemente por Yale, em 1720, aos 17 anos, tornou-se pastor em Northampton, no oeste de Massachusetts, em 1727. Embora lesse seus sermões, sua simplicidade de vida e de oração exerceu grande impacto sobre sua gente. Seu sermão em 1741, "Pecadores nas Mãos de um Deus Irado" (Sinners in the Hands of an Angry God), é um impressionante exemplo do seu poder no púlpito. O reavivamento, que começou em 1734, chegou à Nova Inglaterra, atingindo seu ponto máximo em 1740.

George Whitefield (1714-1770), começou por esta época em Boston, onde sua pregação obteve sucesso, como obteria também em Nova Inglaterra. Quando Edwards perdeu o púlpito em 1750, trabalhou oito anos como missionário entre os índios. Em 1758, tornou-se reitor de Princeton, morrendo, porém, no mesmo ano, contagiado pela varíola. Calvinista em sua teologia, Edwards cria que, embora tenha uma capacidade moral para se voltar para Deus, o homem perdeu essa capacidade ou inclinação moral por causa da sua depravação; mas essa capacidade pode ser restaurada pela graça divina. Ele deu muita atenção à soberania e ao amor de Deus em sua obra sobre a "Liberdade da Vontade" (Freedom of the will). Edwards escreveu que o amor de Deus conduz os homens a Ele e ao Seu Serviço depois que se tornam cristãos.

Os presbiterianos das colônias do centro levaram para o sul chamas do avivamento. Samuel Davies (1723-1761), foi o líder do avivamento entre os presbiterianos de Virgínia. Ele iniciou com a leitura de literatura religiosa por Samuel Morris para seus vizinhos, em sua "casa de leitura". A fase

batista do avivamento no sul surgiu do trabalho de Shubal Stearns (1706-1771) e Daniel Marshall da Nova Inglaterra. A pregação dos dois era bem emocional e muitas pessoas foram ganhas para a Igreja Batista na Carolina do Norte. O metodismo avivalista também tomou rotas do sul graças aos esforços de Devereux Jarratt, um ministro episcopal, e de pregadores leigos durante o avivamento.

Whitefield uniu os esforços de todos estes pregadores reavivalistas ao viajar por todas as colônias em sete visitas, entre 1738 e 1769. Em todas as ocasiões pregava-se o reavivamento. Embora algo inusitado seguisse à pregação em muitos casos, este avivamento foi mais sóbrio do que o Segundo Avivamento que sobreviria ao final do século. O Grande Avivamento foi a contrapartida norte-americana do pietismo na Europa e do avivamento metodista na Inglaterra.

O movimento caracterizou-se por alcançar resultados incomuns. Entre 30 e 40 mil pessoas e 150 novas igrejas foram acrescentadas somente na Nova Inglaterra, numa população de 300 mil. Outros milhares passaram a integrar as igrejas das colônias do sul e do centro. Verificou-se um fortalecimento moral nos lares, no trabalho e no lazer. Universidades, como Princeton, Columbia, Hampden-Sydney, foram criadas para formar ministros para as muitas congregações que surgiam.

O trabalho missionário foi impulsionado por homens como David Brainerd (1718-1747), que com grande sacrifício pessoal, empenhou-se na obra missionária entre os índios. Whitefield fundou um orfanato em Bethesla, Geórgia; muitas outras entidades humanitárias devem sua origem ao avivamento.

O avivamento provocou também um cisma quando alguns ministros tomaram partido quanto à posição da igreja para com o movimento. Os pastores (congregacionais) da Nova Inglaterra dividiram-se em "Velhas Luzes", chefiados por Charles Chauncy, que se opunha ao avivamento, aos evangelistas itinerantes e ao calvinismo de muitos dos avivalistas, e "Novas Luzes", liderados por Edwards, que apoiava o avivamento e um calvinismo ligeiramente modificado. Este cisma gerou posteriormente o desenvolvimento de um grupo ortodoxo e outro liberal. Do grupo de Chauncy surgiu no começo do século XIX o grupo unitariano, que se separou do congregacionalismo da Nova Inglaterra.

O avivamento cindiu em 1741 os presbiterianos das colônias do centro em dois grupos, que só seriam reunidos em 1758. A "Velha Face", formada por velhos ministros vizinhos a Philadelphia, opunha-se à aprovação e ordenação ao ministério de candidatos não formados, à interferência dos avivalistas em campos determinados e à atitude crítica de muitos avivalistas para com o trabalho dos ministros. A "Nova Face" apoiava o avivamento e dava autorização para que pessoas sem instrução superior mas que mostrassem dons espirituais especiais pudessem cuidar das novas igrejas. Os holandeses reformados de New Jersey e os batistas do sul logo se dividiram também, por causa da atitude da igreja diante do avivamento. Não se pode negar, porém, que o avivamento exerceu uma influência enorme na vida dos Estados Unidos, ajudando a preparar espiritualmente o povo para enfrentar os problemas decorrentes das guerras contra os franceses e contra os índios, de 1756 a 1763.

E – AS IGREJAS E A REVOLUÇÃO NORTE-AMERICANA

A Revolução Norte-Americana trouxe também muitos problemas à igreja colonial. A Igreja Anglicana continuou leal à causa revolucionária nas colônias do sul, como Maryland e Virgínia; nas colônias do centro, todavia, sua lealdade foi dividida entre os revolucionários e os ingleses; na Nova Inglaterra, ela se colocou ao lado da Inglaterra. Como John Wesley era um Tory e apoiava o rei, os metodistas foram acusados de desleais à causa nacional. Geralmente, entretanto, eles permaneceram neutros. Os quacres, os menonitas e os morávios eram patriotas, mas seus princípios pacifistas mantiveram-nos longe de qualquer participação na guerra. Os congregacionais, os batistas e os presbiterianos esposavam a causa da revolução com ardor; em seus sermões e ensinos, os ministros e educadores ampliaram a ideia do pacto da igreja baseado no consenso popular para um pacto político

baseado também no consenso popular como algo necessário ao estabelecimento de qualquer estado. Eles concluíram que o governo que violasse seu contrato ou agisse contrariamente às leis de Deus não podia esperar que o povo não se revoltasse.

O término da guerra em 1783 trouxe importantes resultados para a religião. A influência da igreja contribuiu para a inserção na Primeira Emenda à Constituição de dispositivos que proibiam a oficialização de qualquer igreja e que garantia o direito ao livre exercício da religião.

Outra consequência foi a separação de igreja e estado onde a igreja fosse oficial. O processo de separação começou em Maryland e New York durante a Revolução e acabou em 1786 pelos esforços de Jefferson, que fez com que a Igreja Anglicana perdesse sua posição privilegiada na Virgínia. As igrejas congregacionais de New Hampshire em 1817, Connecticut em 1818 e Massachusetts em 1833 separaram-se do estado.

As igrejas, seguindo o exemplo do país, que criara um governo nacional em 1789, elaboraram constituições e criaram organizações nacionais. Os metodistas, liderados por Thomas Coke e Francis Asbury, criaram uma igreja nacional em 1784 que seria conhecida como Igreja Episcopal Metodista. Os anglicanos fundaram a Igreja Episcopal Protestante em 1789. Os presbiterianos criaram uma igreja nacional em 1788, cuja primeira Assembleia Geral em âmbito nacional se reuniu em 1789. Os holandeses reformados criaram uma igreja nacional em 1792 e os alemães reformados fizeram o mesmo em 1793. As igrejas da Nova Inglaterra não foram muito afetadas pelas tendências de centralização e nacionalização da organização.

As novas igrejas nacionais receberam um novo vigor espiritual com o Segundo Avivamento, que coincidiu com a adoção da nova constituição do país. Atingidas pelo fogo da guerra, as igrejas norte-americanas estavam enfim prontas para realizar sua missão nesses novos tempos de paz.

CAPÍTULO VIII

O CATOLICISMO ROMANO NA AMÉRICA LATINA DO SÉCULO XIX

A - INTRODUÇÃO

Devido à íntima associação entre Igreja e Estado, mudanças radicais no desenvolvimento e papel da Igreja na América Latina só se processaram mediante importantes distúrbios nas estruturas políticas. O conflito gerado pelo clamor de Montesino por justiça e a liderança de Bartolomeu de Las Casas, duraram perto de um século. No final do século XVI a expansão política dos impérios ibéricos achava-se praticamente completa, e foram estabelecidas as relações entre os poderes político e religioso. Na América hispânica, o sistema de encomienda achava-se solidamente arraigado. Na América portuguesa, os europeus continuavam fazendo incursões nas povoações jesuítas, mas dependiam cada vez mais do comércio de escravos africanos para o suprimento da mão-de-obra necessária às plantações de açúcar.

As pressões exercidas para que fossem supridas mais riquezas afim de sustentar tanto as aventuras como a economia das duas pátrias-mãe, tornaram-se um fardo intolerável. A decadência do poder mundial da península ibérica data da destruição da Armada Invencível pelos britânicos em 1588. Em fins do século XVIII as colônias americanas começaram a sentir-se esgotadas. Em princípios do século XIX elas livraram-se do jugo ibérico. As consequências para as igrejas hispânicas foram desastrosas. O Brasil sofreu menos devido à forma tomada pela sua libertação. Mais de um século foi exigido para a reconstrução das igrejas hispânicas, No Brasil, a crise entre igreja e estado surgiu perto do final do século XIX.

Foi também no século XIX que o protestantismo despertou de sua inatividade e deu início a uma intensa obra missionária na América Latina. A maioria das principais denominações protestantes foi implantada na América Latina nessa época. Os movimentos pentecostais surgiram em princípios de 1900. Esta introdução do cristianismo evangélico na América Latina é o tema do próximo capítulo.

Se o século XIX começa para o catolicismo latino-americano por volta do no 1820 com as guerras de independência, ele termina por volta de 1930 com a Revolução Mexicana e o fim da primeira República do Brasil. Este capítulo fica dentro desses parâmetros. Dussel divide a cristandade latino-americana em três períodos: de 1492 -1808, um período de grande expansão na vida do cristianismo colonial; 1808-1962, um período de crise; de 1962 em diante, o período pastoral. Seu último destaque tem como base o Vaticano II que ele vê como a maior mudança no catolicismo desde 50 d.C.

B - O CRISTIANISMO LATINO-AMERICANO NO FINAL DO SÉCULO XVIII

1) O FATOR OBRIGATÓRIO DO CATOLICISMO

A união entre Igreja e Estado nos três primeiros séculos, sob a autoridade do Padroado assegurou a integração dos europeus, ameríndios e negros numa sociedade do tipo feudal dominada pelo rei. Na formação histórica da América Latina tornou-se praticamente impossível nesses primeiros séculos integrar-se na sociedade sem seguir, ou pelo menos respeitar, a religião católica. A cristandade latina emergente foi sendo moldada pelos sacerdotes que trabalhavam em conjunto com as autoridades colonialistas.

Os frades franciscanos em seu messianismo herdado de Joaquim Flores (1202) proclamavam que cada novo índio convertido era outro vassalo para o rei espanhol. No século XVII foi a vez de Portugal sonhar com a profecia de Daniel. O mais célebre e influente expoente da ideia de que Portugal estava destinado ao quinto Império num futuro próximo, foi o padre Antônio Vieira (1608-1697). Este entusiasmo messiânico dos séculos XVI e XVII motivou muitos dos missionários a converterem os ameríndios e fazê-los parte do cristianismo. Para eles, naturalmente, era impossível conceber a salvação em separado da cultura espanhola (ou portuguesa).

Se o entusiasmo foi responsável pela conquista dos continentes para Cristo, a Inquisição foi a ferramenta usada para moldar esta nova sociedade segundo o modelo europeu. O Santo Ofício foi estabelecido no México e Lima já em 1569. Embora estabelecida em Lisboa em 1536, a inquisição portuguesa jamais abriu um tribunal no Brasil. Em lugar disso, o tribunal contentou-se em receber relatórios periódicos por parte dos seus comitês que visitavam esta região. O Santo Ofício dedicou-se principalmente à descoberta e perseguição dos "novos cristãos" (cryptojudeus). O protestantismo não constituía um problema nas Américas durante esses séculos. Além de sua tarefa principal, os inquisidores tinham competência para julgar a sodomia, e as aberrações sexuais. E, por último, eles exerciam também a importante função da censura de livros e manuscritos.'

O Santo Ofício teve um efeito indireto mas formativo sobre a evolução do catolicismo, especialmente no Brasil nesse período. De um lado, o formalismo típico do catolicismo brasileiro surgiu, segundo Hoornaert, da tentativa de criar fórmulas que evitassem toda e qualquer aparência seja de novos cristãos ou protestantismo. Por outro lado, ele contribuiu para o sincretismo religioso que possibilitou aos negros esconderem suas religiões africanas sob o manto das invocações e imagens católicas. Hoornaert conclui que devido ao temor da repressão religiosa durante o século XVIII, "é provável que a exuberante e ostensiva religiosidade brasileira seja em parte condicionada pela simples lei da sobrevivência".

Outro fator que contribuiu grandemente para a formação do catolicismo latino-americano, foi a falta de uma abordagem pastoral que integrasse os ameríndios e negros mais profundamente na fé cristã. Em lugar de entendimento e dedicação, os missionários satisfizeram-se com o batismo e conformidade formal exterior.

O caso dos negros no Brasil é também significativo tanto com respeito à falta de uma abordagem pastoral como ao caráter obrigatório tornado pelo catolicismo. Eles foram importados como escravos da África nos séculos XVIII e XIX, às centenas de milhares. Todavia, sua terrível situação jamais tocou a sensibilidade dos representantes da igreja. Missionários haviam seguido para Angola e Moçambique a fim de implantar o cristianismo, mas no Brasil não foi feito qualquer esforço para evangelizá-los ou aliviar sua situação de escravos. Da mesma forma que os ameríndios na América hispânica, eles conformaram sua vida religiosa às formas externas do catolicismo. Em meados do século XX, porém, a volta aos deuses e rituais africanos que está se difundindo em todo o Brasil, sem levar em conta a classe social ou origem étnica, mostra que o catolicismo jamais calou fundo no coração dos escravos. Estamos, porém, nos adiantando à nossa história.

Durante o período colonial, quer o indivíduo fosse caucasiano, ameríndio ou negro, era-lhe impossível funcionar sem conformar-se ao catolicismo da época. O calendário católico governava o ritmo do dia, as estações e o ano inteiro. O negro entrou neste ritmo ao fado do branco, embora subordinado a este. Por outro lado, os filhos dos senhores das plantações, mediante contato com as amas negras, absorveram os elementos religiosos africanos e os combinaram com o seu catolicismo.

2) FORMAS CULTURAIS DE CATOLICISMO NO PERÍODO COLONIAL

Sincretismo é o termo usado para expressar a combinação de crenças e práticas religiosas indígenas e/ou africanas com a fé e as formas católicas europeias. O resultado foi a formação do chamado "catolicismo popular", uma fé viva bem distante dos ritos e crenças oficiais da Igreja. Por muito tempo considerado como o "bode expiatório", o sincretismo produziu mais recentemente defensores dentre as fileiras dos historiadores da igreja (Hoornaert, Dussel) e sociólogos (C.R. Brandão, R. Alves). Eles fazem lembrar o leitor que as mesmas forças estavam em operação quando a Europa foi cristianizada na Idade Média. De fato, o catolicismo ibérico era uma mescla sincretista de fé e cultura por ocasião da conquista das Américas. Até mesmo o grande reformador, Arcebispo Ximenez de Cisneros (1436-1517), possuía palácios e exércitos. Toda fé vive, pelo menos em parte, de acordo com a amplitude em que é contextualizada.

Dussel pensa que a religião católica dos ameríndios não era tanto um sincretismo, mas um catecismo iniciado e nunca terminado. Ele faz também notar que o espiritismo no Brasil é uma das poucas religiões mistas.

Hoornaert identificou três tipos de catolicismo que floresceram nos séculos XVII e XVIII. Um deles, que já analisamos brevemente, denomina-se "Catolicismo Popular", trata-se do catolicismo dos ameríndios (hispanicos) e dos africanos (Brasil) e seus descendentes. Em sua análise, Hoornaert descobre que surgiu da experiência da repressão. Um momento de revolta contra a opressão é seguido por uma conformidade tradicional fatalistas. Ele conclui que isto explica a aversão pela catequização que caracteriza este tipo de conversão desde o século XVI até o presente

Um segundo tipo, o Catolicismo Guerreiro, nasceu quando os monarcas ibéricos decidiram colonizar o novo mundo. Primeiro a Espanha, e depois Portugal, consideraram-se os povos escolhidos por Deus para transformar o mundo no reino de Deus. Este tipo fazia uso da religião para justificar a conquista e, mais tarde, para dominar as classes que haviam sido marginalizadas. A ferramenta que empregaram para dominar tais classes depois da conquista foi uma estrutura social semifeudal, mantida nas colônias até as guerras de independência. Na América hispânica, foi o sistema de encomienda; no Brasil, a plantação de cana de açúcar. Esta última compunha-se de três elementos: a casa grande do senhor do engenho, os alojamentos pobres dos escravos (senzala) e a igreja. Cf. a análise desta sociedade no estudo monumental de Gilberto Freire, *Masters and Slaves* (Senhores e Escravos).

Por último, o Catolicismo Patriarcal, em que o sacerdote torna-se um Padre-capelão para o senhor do engenho; um auxiliar anônimo dos pobres. Wilder, em seu romance, *The Bridge of San Luis Rey*, retrata deste modo a situação em Lima: "O Arcebispo sabia que a maioria dos sacerdotes do Peru era de malandros. Foi necessária toda a sua delicada educação epicureana para impedir que fizesse algo a respeito; ele tinha de repetir para si mesmo seus pensamentos favoritos: que a injustiça e a infelicidade no mundo são uma constante; a teoria do progresso é uma ilusão; os pobres, jamais tendo conhecido a felicidade, são insensíveis ao infortúnio. Como todos os ricos, ele não podia chegar ao ponto de acreditar que os desprivilegiados (olhe para as suas casas, olhe para as suas roupas) pudessem realmente sofrer. Como todos os que têm cultura, ele julgava que apenas os possuidores de muito conhecimento poderiam ser tidos como sabendo que eram infelizes".

A igreja tanto consagrou como tornou rígida a conduta social e religiosa. Ela tornou sua posição ao lado dos poderes políticos da sociedade agrária, ajudando-os a manter o controle político. Segna indica que foi este elo com a estrutura social agrária patriarcal que despojou o catolicismo dos meios de orientar a vida nos séculos XIX e XX, quando a sociedade tornou-se urbana e industrial. Os indivíduos passaram a procurar critérios axiológicos para a sua vida diária, seja no mundo secular ou no protestantismo.

3) A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS DO BRASIL

Embora os franciscanos tivessem acompanhado Cabral em 1500 e realizassem a primeira missa no que seria futuramente o Brasil, a pacificação e proteção dos índios foi em grande parte devida aos jesuítas. Em 1555 havia jesuítas em quatro centros no Brasil. Uma província jesuítica formou-se logo depois, sob a chefia de Manoel da Nóbrega; que foi mais tarde substituído por Anchieta. Antônio Vieira, o defensor dos índios no século XVII, foi quem os colocou em aldeias sob autoridade jesuítica e quem deu motivo a grande parte do ressentimento contra eles.

Existem pelo menos três fatores que tornaram a expulsão, dos jesuítas do Brasil uma experiência grandemente traumática para a igreja. Primeiro, havia tensão entre o clero secular e religioso. Esta tensão nasceu de uma concessão papal em 1522 que isentou este último do controle episcopal, permitindo que exercessem ampla autoridade tanto no trabalho pioneiro de converter os ameríndios, como na administração paroquial. Esta tensão foi exacerbada pela tendência do clero secular de não procurar educar-se e por manter "muita licenciosidade em seus costumes". Os jesuítas eram também herdeiros da reforma clerical de Trento e ibérica. O conflito com o clero secular só era excedido pela sua rivalidade com os franciscanos, que alcançou graves dimensões no Paraguai. As relações com os dominicanos também não era das melhores. A correspondência de Antônio Vieira, do Maranhão, está cheia de queixas, em que caracteriza os frades mendicantes como "descontraídos, arbitrários e cegos por seus interesses". Os jesuítas, por sua vez, também não estavam livres do desejo de exercer poder político. O resultado final dessas tensões era serem inevitavelmente decididas pelas autoridades seculares.

Um segundo fator que tornou a expulsão dos jesuítas em fins do século XVIII uma experiência traumática foi o papel desempenhado pelos bispos brasileiros da época. Ligado à coroa pelo Padroado, o episcopado sofreu de duas formas. Primeiro, a criação de dioceses foi absolutamente inadequada para as necessidades pastor de uma colônia tão grande e dispersa. Segundo, longos períodos vagos com frequência separavam um bispo de seu sucessor. Diferentemente dos jesuítas, os bispos raras vezes questionavam a estrutura do regime. Azzi nota então que "com a reforma pombalina na segunda metade do século XVIII o regalismo passa a ser a mentalidade dominante, e a vinculação dos bispos ao poder civil se torna mais patente".

O preparo do clero e a educação constituem um terceiro fator que veio a gerar dificuldades para a igreja com a expulsão dos jesuítas do Brasil. O número limitado de dioceses combinado com os períodos vagos entre os bispos, tornou precária a tarefa da formação eclesiástica do clero. E não apenas isso, mas a ordenação para o sacerdócio ficou bem mais difícil. Some-se além disso o fato de que até 1759 a área da educação no Brasil achava-se quase exclusivamente nas mãos dos jesuítas. Como resultado, de 1560 até meados do século XVIII as escolas jesuítas tornaram-se centros onde a maior parte do clero brasileiro recebia instrução.

A ascensão do Marquês de Pombal como o poderoso e onipotente ministro de Dom José I (1750-1777) foi acompanhada de toda uma nova perspectiva. O estado veio a dominar todas as áreas do pensamento: cultura, política e igreja; tanto em Portugal como em suas colônias o conflito com Pombal atingiu o auge com relação ao seu plano de libertar os índios e secularizar as missões. O problema era porém mais profundo. A Companhia de Jesus era a única ordem religiosa que não permitia ao rei e, portanto, a Pombal, que se encarregasse do envio de missionários. Os jesuítas não reconheciam outro soberano além do seu próprio Geral. O rei, no entanto, considerava os jesuítas como uma espécie de quinta-coluna, por desafiarem o poder de seus órgãos administrativos.

A expulsão dos jesuítas do Grão Pará por Pombal, foi o ponto de partida para a expulsão geral de 1759. Seu exemplo foi seguido por outras cortes europeias em 1767. Como resultado, o papa franciscano Clemente XIV considerou necessário extinguir a ordem.

Mais de 2.000 jesuítas deixaram as Américas onde tinham sido a elite nas universidades e na sociedade, além de seu ministério junto aos ameríndios. O historiador sacro, Enrique Dussel, faz esta avaliação do efeito da expulsão dos jesuítas da América Latina: "Em minha opinião, muito do que se passou mais tarde, no catastrófico século dezanove por exemplo, pode remontar-se a este golpe.

C - O LEVANTE DO SÉCULO XIX

O início do século XIX fez soprar ventos de mudança sobre a América Latina depois de três séculos de domínio ibérico. O Brasil foi o primeiro a sentir a mudança. Dom João VI, fugindo ao exército napoleônico, levou sua corte de Lisboa para o Rio de Janeiro em 1807. De um momento para outro a colônia foi elevada ao nível de reino. Com a chegada do imperador, liberdade até então desconhecida introduziu-se na colônia. Um desses privilégios foi a abertura dos portos para outras nações, resultando no contato com ideias e conceitos diversos que circulavam na época.

A bem sucedida revolta das colônias americanas contra a Inglaterra, no último quarto do século XVII 1, incentivou as esperanças e desejos na América espanhola. O Manifesto de Cartagena, de 1812, mostra os primeiros sinais da agitação das esperanças republicanas. Cerca do ano 1820 a América espanhola estaria em plena revolta contra a Espanha. A. A transição política

A Inglaterra tornou-se a senhora indiscutível dos mares depois da retumbante vitória de Lord Nelson sobre as armadas francesa e espanhola em Trafalgar em 1805. Esta vitória resultou na destruição do monopólio comercial espanhol-português com as suas colônias. A fim de salvar as colônias da ruína econômica, a Espanha já havia aberto os seus portos em 1797 às nações neutras. Cerca de 1807 ela já não exercia qualquer controle sobre o seu comércio. No final de 1808, Jefferson, temendo que as colônias espanholas e portuguesas fossem transferidas para a Inglaterra e a França, tentou excluir a influência europeia sobre este hemisfério. Embora muito mais fracos do que a Inglaterra ou a França, os Estados Unidos indicaram que fariam causa comum com os líderes de Cuba e do México, caso estes declarassem sua independência da Espanha. Apesar dos múltiplos agentes consulares e comerciais através da América Latina, a Inglaterra ganhou a parada. Ela estendeu sua influência a todos os cantos da América Latina, excluindo praticamente o comércio com os Estados Unidos e as outras nações. Só em 1822, Monroe pediu ao Congresso que reconhecesse cinco estados latinos (La Plata, Chile, Peru, Colômbia e México). Seu pedido, entretanto, não foi um prelúdio para uma declaração de guerra, mas para os Estados Unidos poderem permanecer neutros. Mesmo a Doutrina de Monroe (1823) tinha os interesses nacionais como sua mola mestra em lugar do idealismo político.

Os líderes políticos americanos supunham que uma vez livres da Espanha e Portugal, as colônias ibéricas iriam em breve tornar-se sociedades autossuficientes. Simon Bolívar, porém, era mais sanguinário. Ele era ao mesmo tempo um sonhador e um realista.

O levante político da América Espanhola do século XIX pode ser dividido de modo geral em três períodos: luta pela independência (1808-1825); estagnação (1825-1850); ruptura com o passado (1850-1929). No primeiro período, as oligarquias crioulas tentaram libertar seus países da Espanha, apenas para cair sob a influência dominante da Inglaterra industrial. No segundo, um conceito conservador continua a controlar as novas repúblicas. O fim do sistema do Padroado fez também cessar as remessas de sacerdotes espanhóis. Não havia missionários, nem livros, nem uma elite intelectual para as escolas. Esse foi um período de decadência intelectual e espiritual.

O terceiro período teve início com a primeira constituição liberal, promulgada na Colômbia em 1849. Embora esta constituição exigisse a separação entre igreja e estado, em cerca de 1887 o velho regime já fora restabelecido com a nova ratificação de um Acordo com Roma. Durante este terceiro período uma oligarquia liberal buscava na França os seus alvos culturais e nos Estados Unidos os

tecnológicos. O protestantismo, estabelecido recentemente, aliou-se à oligarquia liberal em esforços de mudança e liberdade.

O século XIX tomou um caminho diferente no Brasil devido ao prolongado período monárquico que precedeu a instituição da república em 1889. Houve primeiro uma época de transição de colônia para império (1807-1827). Segundo, a mudança em direção à ideologia liberal sob Dom Pedro II, culminando na Questão Religiosa (1870). De acordo com Basílio de Magalhães, Dom Pedro II não passava de católico livre-pensador. O terceiro período, que tem início com a Questão Religiosa decorre durante a primeira república em que havia separação entre Igreja e Estado. Ele terminou com o começo da ditadura de Getúlio Vargas em que houve restauração parcial de fato desta relação.

1) A TRANSIÇÃO RELIGIOSA

As mudanças políticas no século XIX transtornaram a Igreja e suas ligações. Igreja que fora solidária com a monarquia ligou-se à nova oligarquia crioula depois do período revolucionário. Na segunda metade do século ela novamente transferiu lealdade, desta vez para a liderança liberal burguesa. Todavia, apesar disso tudo, mostrou-se essencialmente tradicional, buscando apegar-se ao passado.

Depois do estabelecimento do império no Brasil (1827), o Padroado foi transferido para Dom Pedro I. Em 1889, no final da monarquia, havia apenas 700 sacerdotes e 12 dioceses para uma população de 14 milhões. Só depois da Igreja e do Estado terem sido efetivamente separados, foi que Roma começou a nomear bispos para o Brasil sem prévia consulta ao governo. Em ambos os períodos a Igreja teve sua base nas classes dominantes e apresentou uma ideologia conservadora.

Na América espanhola, políticos revolucionários e anticlericais, prejudicaram de tal forma as missões que milhares de índios ficaram sem cuidados religiosos. Uma grande parte deles voltou ao paganismo. Oito estados (México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Colômbia, Equador e Chile) mostraram-se especialmente cruéis em seu tratamento da Igreja. Outros (como o Brasil e Uruguai) destituíram a Igreja, mas permitiram que ela continuasse de posse de suas propriedades e mantivesse o controle da maioria dos assuntos eclesiásticos.

O problema apresentava-se, porém, muito mais complexo do que os parágrafos acima sugerem. Se a expulsão dos jesuítas em 1759 e 1767 foi traumática, as guerras de independência encerraram o processo. Mesmo antes dos jesuítas serem expulsos, o clero que estava sendo treinado não viu-se mais constrangido a alcançar o nível intelectual exigido na Europa. Quando a insurreição iniciou-se em 1810, 50% do clero na América espanhola era peninsular. Quase todo o resto era crioulo. Com as guerras de independência, o clero europeu juntamente com as hierarquias, deixaram o novo mundo. As igrejas latino-americanas viram-se repentinamente privadas seja de liderança treinada ou de um programa de treinamento. Levaram trezentos anos preparando-se para esse dia, mas, mesmo assim, foram apanhadas de surpresa.

a. Seminários: Em 1571 Frei Gaspar Cão, bispo de São Tomé, inaugurou um seminário nessa ilha com o propósito expresso de treinar os jovens negros da mesma. Vinte e quatro anos mais tarde foi dito que a maioria dos sacerdotes em atividade em São Tomé havia cursado esse seminário. Dom Ulhoa, sucessor de Cão, fechou porém o seminário sob o pretexto de que os que ali se formaram não estavam à altura e seria melhor treiná-los em Coimbra. O seminário foi reaberto pelo sucessor de Ulhoa no fim do século. Boxer nota que no início do século XVIII havia uma rivalidade pouco edificante entre os cônegos negros e mulatos da catedral.

No México a história se repetiu. O bispo Zumárraga fundou em 1536 um seminário para treinar a aristocracia ameríndia e eventualmente admitir os melhores alunos ao sacerdócio. Em 1544 o provincial dominicano do México condenou energicamente a ideia de treinar um clero nativo. Sua objeção foi bem

recebida e só em 1585 a porta abriu-se um pouco. O Peru também rejeitou a ideia de um clero indígena, até quase o final do século XVI. Embora já atenuada, o fato é que a interdição contra o treinamento de ameríndios de puro sangue manteve-se através de todo o período colonial.

A situação no Brasil era um pouco melhor. Já no final do século XVI os jesuítas fundaram um seminário na Bahia com três faculdades: teologia dogmática, teologia moral e artes (filosofia). Os seminários de São Pedro e São José foram fundados no Rio de Janeiro no início do século XVIII, e um outro em Olinda em 1800. Os cursos não se destinavam porém a ameríndios ou negros, mas sim à elite da população nativa.

Na opinião de F. Azevedo, se não fosse pela importante contribuição dessas instituições e das congregações religiosas, com a expulsão dos jesuítas iniciada em 1759 pelo Marquês de Pombal, o sistema pedagógico e cultural do país teria sido completamente desmantelado, pois era em grande parte obra dos jesuítas, os quais foram deportados como prisioneiros para Portugal.

Num ato tardio, a coroa espanhola, dois anos depois de expulsar os jesuítas, inverteu sua posição relativa à educação e enviou ordens categóricas às hierarquias na América hispânica para admitirem os ameríndios e/ou mestiços até um terço ou um quarto dos candidatos ao sacerdócio. Embora formalmente incluídas nas decisões do Vi Concílio Provincial de Lima (1772), essas exigências não foram acatadas desde que o papa não assinou as decisões do Concílio.

As seguintes observações, escritas por John Armitage, em 1836, referem-se ao cenário brasileiro, mas refletem de algum modo o quadro geral do clero no período das guerras revolucionárias.

Também cumpre observar, e este fato é importante, que o clero secular se achava sempre à frente nesta luta moral. Privado dos dízimos, não tinha nem propriedade, nem privilégios, nem abusos a defender. Pelo contrário, animado de sentimentos iguais aos do povo, reputava os seus interesses ligados ao da comunidade brasileira. Tinha geralmente pouca ilustração, e muita licenciosidade em seus costumes; contudo exercia considerável influência, que empregava na propagação das ideias liberais.

Dussel indica, então, que o clero foi o respaldo mais profundo da revolução. Dos 8.000 sacerdotes no México, 6.000 apoiaram a revolução. O clero da Argentina foi uma das próprias causas da revolta. Os sacerdotes que se uniram aos insurgentes eram em geral membros do baixo clero.

b. A Ascensão do pluralismo: O impacto das guerras de independência sobre a Igreja não evidenciou-se de imediato - exceto pelo abandono. Todos os sacerdotes e bispos estrangeiros foram expulsos ou afastados. As implicações não tinham sido ainda extraídas do fato dos sacerdotes estarem divididos com relação ao conflito: alguns a favor e outros contra a independência. Os sacerdotes, especialmente o clero secular, favoreciam a revolução: os bispos, nomeados pelo sistema de Padroado permaneceram como partidários do rei. A nova cristandade, depois de 300 anos de Padroado, perdeu toda a sua unidade no decorrer de uma década.

Ao mesmo tempo que o sacerdócio achava-se dividido por questões de lealdade e tradição, a secularização começa a tomar forma. De um lado, vemos a tentativa de transmitir os direitos de Padroado das coroas ibéricas para as novas oligarquias. A transição deste poder no Brasil para Dom Pedro I, herdeiro do trono português, é mais tarde para seu filho, fez-se com maior facilidade do que em qualquer das colônias espanholas. Ele também teve maior duração, até a proclamação da República em 1889. Por outro lado, com as guerras de independência tornou-se possível manifestar hostilidade contra a Igreja e isto não tardou. A Igreja perdeu as suas propriedades e as ordens religiosas foram reorganizadas na Argentina em 1824. Dois anos mais tarde as propriedades dos conventos foram confiscadas pelo governo da Bolívia. Em 1861, a Igreja da Colômbia foi despojada de suas propriedades.

O México apossou-se sistemática e quase totalmente de todos os bens e propriedades da Igreja em 1917.

Na nova situação vigente após as guerras de independência, a Igreja buscou sua própria autonomia. O que a maioria dos eclesiásticos não conseguia compreender é que ela não podia livrar-se inteiramente até que se rompesse a relação Igreja-Estado. A separação da Igreja e Estado na América Latina tem uma história cheia de altos e baixos. A separação foi garantida por constituição na Colômbia em primeiro lugar (1853), mas 33 anos mais tarde o velho regime restabeleceu-se e foi assinado um acordo com Romana em 1887. Na Bolívia, assim como em vários outros estados da América Latina, nenhum acordo foi assinado porque os governos insistiam no direito do Padroado. A Argentina, desde a constituição de 1853 até hoje, exige que o presidente da república seja um católico romano. O controle sobre a igreja deveria ser exercido em duas direções: o presidente nomeava os bispos e o sistema de escolas públicas seria absolutamente secular.

A Costa Rica manteve geralmente uma relação harmoniosa com o catolicismo. Em 1860 uma emenda estendeu a tolerância constitucional a outras fés. Os dirigentes do Paraguai, num final sugestivo, sujeitaram a igreja a seus propósitos políticos de 1811 a 1870. A constituição de 1870 fez do catolicismo a religião do estado, mas garantiu a todos os habitantes a liberdade de praticar qualquer outra religião. O Peru, por outro lado, permaneceu um estado clerical. A constituição de 1860, que vigorou até 1920, não permitia o exercício de qualquer outra religião. E a constituição de 1823 do Chile limitou a cidadania aos católicos romanos.

O Brasil foi influenciado em direção à tolerância e liberdade religiosa pelos britânicos, que insistiram no tratado de 1810 sobre o direito de possuir capelas para que seu povo pudesse prestar culto. Os anglicanos construíram seu primeiro prédio no Rio em 1819. Mais tarde, os imigrantes protestantes, primeiro da Alemanha e depois dos Estados Unidos tiveram liberdade de culto. Eles foram considerados aliados contra as pretensões da igreja. Com a queda da monarquia em 1889 veio a separação entre Igreja e Estado.

Os amargos conflitos no México entre Igreja e Estado influenciaram grandemente as repúblicas espanholas. No início da revolução os arcebispos, acompanhados por quatro bispos e o Santo Ofício, excomungaram todos os revolucionários. Mais tarde, quando estavam prestes a perder seus privilégios na nova constituição espanhola de 1812, eles abandonaram sua lealdade ao rei e sua atitude de condenação à revolta. A constituição mexicana de 1824 obrigava o estado a proteger o catolicismo, proibindo a prática de qualquer outra religião. Roma acompanhou essas mudanças na América Latina com reações mistas. A atitude oficial contra o movimento pela independência fez com que a igreja perdesse grande parte do apoio popular. A situação tornou-se mais difícil em 1816 e novamente em 1824 quando os papas, Pio VII e Leão XIII respectivamente, promulgaram bulas contra o movimento revolucionário. Eles fizeram isto temendo perder seu aliado tradicional na Europa. A reação dos novos governos revolucionários foi exigir os direitos de Padroado para si mesmos. No impasse resultante, Roma buscou uma solução mudando os títulos dos bispos nomeados, a saber: de bispos em propriedade para bispos titulares. Em 1822, o governo revolucionário do Chile, por exemplo, não só estendeu o Padroado para esses como nomeou também seus próprios candidatos. Não foram os mesmos, porém, aceitos pelo representante de Roma. O papa Gregório XVI (1831-1846) pôs fim ao impasse, restabelecendo a hierarquia na América Latina e nomeando bispos aceitáveis aos novos governos, sem ceder-lhes no entanto os direitos de Padroado. Embora Roma tivesse estabelecido assim seu controle sobre a igreja, do Novo Mundo, pela primeira vez desde a conquista, ela perdeu muito pela sua resposta dúbia à situação latino-americana. A perda foi em termos de prestígio e na falta de sacerdotes que continua até hoje.

2) A TRANSIÇÃO IDEOLÓGICA

Embora houvessem políticos liberais entre os revolucionários, a sociedade como um todo permaneceu conservadora em sua orientação até meados do século XIX. O movimento de independência não foi tanto resultado de ideais democráticos, mas constituiu o trampolim que estimulou a sua propagação. É um fato histórico que a democracia tem tido grande dificuldade em lançar raízes na cultura latino-americana. A abertura dos portos pouco antes e depois das guerras de independência, permitiu que um fluxo de ideias liberais varresse a América Latina. A influência da Inglaterra foi determinante em várias áreas:

Política: parlamentarismo

Econômica: capitalismo

Tecnológica: uso de máquinas

Intelectual: empirismo nas ciências; contratualismo individual na teoria política

Cerca da década de 1860 e 70 esses conceitos estavam produzindo resultado, modificando o papel da Igreja Católica e sua relação com os vários estados. Vimos acima como a relação Igreja-Estado flutuou, especialmente nos últimos 25 anos do século dezenove e nos primeiros 25 anos deste século.

Devido à estrutura monárquica do governo brasileiro, os efeitos políticos do liberalismo foram retardados até a década de 1870. Quando o seu impacto foi plenamente sentido a monarquia caiu (1889), dando lugar a uma constituição democrática (1890) a exemplo da dos Estados Unidos. Isto apesar do fato de Dom Pedro II ser liberal e fazer uso de uma coalizão liberal para manter a Igreja Católica sob o seu controle. Mas a Igreja estava também perdendo em outra frente: as cidades. A força do catolicismo estava nas áreas rurais onde durante séculos a vida foi estratificada e controlada pela Igreja. Já na segunda metade do século XIX, as cidades brasileiras estavam começando a crescer e tomar parte importante nos assuntos do estado. A sociedade urbana foi se tornando pluralista e secularizada, especialmente nas universidades e uniões (sindicatos). A Igreja só procurou recuperar este terreno cerca do ano de 1930, através dos grupos de ação católica, especialmente os chamados JEC e JOC.

Três movimentos ajudaram a pequena mas crescente classe média em sua luta contra o estrangulamento da sociedade religiosa patriarcal; a franco-maçonaria positivismo e o protestantismo. Este último será estudado no próximo capítulo. Dizer agora que o protestantismo foi uma das forças que se juntou à franco-maçonaria e ao positivismo para quebrar o jugo que as estruturas sociais s feudais agrárias mantinham sobre a sociedade. Embora houvessem poucos evangélicos cos na época, a existência deles foi positiva para a criação de uma sociedade pluralista desejada pelos liberais. Isso e o fato de que suas estruturas denominacionais e costumes representavam muitos dos ideais que eles esperavam implantar sociedade como um todo.

A chegada da franco-maçonaria antecede de pouco a revolução política introduzida no Novo Mundo pelas guerras de independência. Em sua forma moderna, franco-maçonaria teve início em Londres em 1717, de onde difundiu-se através do mundo. Ela foi estabelecida na França em 1725. A primeira loja maçônica foi fundada, em Portugal em 1735. Dali espalhou-se para o Brasil no final do século XVIII." Azevedo nota que "a primeira loja maçônica parece ter sido a que, sob o nome de Areópagos Itambé, foi fundada em 1799 por um ex-frade carmelita, Arruda Câmara em Pernambuco." Ela teve uma vida curta, juntamente com três outras fundadas em Salvador (1807, 1808 e 1813), porque as quatro tinham como alvo o estabelecimento da república no Brasil. Azevedo indica que a loja Grande Oriente do Brasil foi apenas estabelecida, independente da Grande Oriente Lusitano, como três lojas uma em Niterói (1812) e duas no Rio de Janeiro (1815). O propósito das mesmas foi independência do Brasil de Portugal, em que tomaram parte decisiva.

Apesar de condenada por dois papas, Clemente XII (1738) e Leão XIII (1884), a franco-maçonaria brasileira tornou-se muito forte no século XIX. Ela atraiu muitos católicos e um bom número de representantes do clero regular e secular em seu objetivo de obter primeiro a independência e depois a destruição da monarquia: Depois que seu segundo alvo foi alcançado em 1889, a franco-maçonaria entrou num período de decadência que continua até hoje Ibid. Veja abaixo o conflito entre a franco-maçonaria e a Igreja, que culminou na Questão Religiosa, na década de 70.

Um terceiro movimento ideológico, que acompanhou a franco-maçonaria e o protestantismo, influenciando também a igreja e o estado no século XIX, foi o Positivismo. Embora não fosse professado por um grande número de pessoas, o Positivismo desempenhou parte importante na vida intelectual e política do império no final do século XIX. Seu papel em provocar a separação entre Igreja e Estado foi porém sobrestimado. A morte de Augusto Comte (1857) seguida da fragmentação o Positivismo em dois ramos (o de Pierre Lafitte e o de Emile Littre) ocorreu quase na mesma época em que um grupo de brasileiros que estudava na Universidade de Bruxelas (1860) veio a conhecê-lo. Introduzido por Miguel Lemos, o Positivismo passou a ter influência no Brasil a partir de 1874. Seus discípulos, Teixeira Mendes e Benjamin Constant continuaram a sua propagação.

Foi o ramo de Lafitte, que manteve as teorias de Conte sobre a organização política e religiosa da sociedade, que conseguiu o maior número de adeptos no Brasil. O período foi caracterizado por uma ênfase sobre a família, o ideal da liberdade individual e a personalidade, juntamente com a importância atribuída à boa moral. As idéias políticas e morais de Conte penetraram na escola militar e se introduziram na fileiras dos propagandistas republicanos. O movimento só encontrou adeptos entre as classes altas. O Positivismo brasileiro era um partido religioso e político e não um método de investigação (Littre). Ele teve real influência nas últimas décadas do século XIX, mas "o decreto que separou a igreja do estado depois de 15 de novembro, não teve porém origem no desenvolvimento do Positivismo partidário". Do mesmo modo que a franco-maçonaria, o positivismo praticamente desapareceu no século XX. No caso do positivismo, suas ideias sócio-políticas caíram diante do ataque marxista.

D – A QUESTÃO RELIGIOSA

No senso estrito da expressão, tratou-se de uma luta travada no Brasil entre o catolicismo e a monarquia que teve o seu apogeu nos anos 1872-1875 em que a franco-maçonaria desempenhou parte importante. Este conflito na realidade não passava da "parte visível do iceberg", uma batalha extremamente complexa que teve início já nos anos 1850 e não foi completamente resolvida nem mesmo com a declaração da República em 1889. Além desses três protagonistas, republicanos, protestantes e outros grupos minoritários achavam-se igualmente envolvidos. A Igreja Católica propriamente dita estava dividida entre o que pode ser chamado de ultramontanistas e galicanistas. O positivismo só surgiu como um movimento reconhecido em 1876 quando este conflito foi resolvido pelo menos temporariamente. Tobias Barreto já começara porém a inclinar-se em direção ao positivismo desde 1868.

Embora a Questão Religiosa fosse uma desavença entre a Igreja e o Estado, com o fito de obter poder político, os problemas ao redor dos quais se desenvolveu o conflito eram religiosos. Eles foram reunidos por um comitê de presbiterianos, políticos altamente respeitados, numa Petição à Assembleia Legislativa em 1874.

- a. A plena liberdade e igualdade de todos os cultos;
- b. A abolição da igreja oficial e sua emancipação do Estado, com a supressão dos privilégios (especiais) outorgados aos sectários dessa igreja;
- c. O ensino da escola pública separado do ensino religioso, que aos pais incumbe no seio da família, e na igreja aos ministros de cada seita particular;

- d. A instituição do casamento civil obrigatório, sem prejuízo das cerimônias religiosas conforme o rito de cada cônjuge;
- e. O registro civil dos nascimentos e óbitos;
- f. A secularização dos cemitérios e sua administração pela municipalidade.

É interessante observar a ausência de qualquer palavra sobre a abolição da escravatura nesta Petição. Este documento, todavia, toca apenas na questão diretamente relacionada com a igreja e seu estrangulamento da sociedade. A Petição alcançou grande notoriedade na época e provocou um ataque tanto por parte da hierarquia católica como da franco-maçonaria monárquica. Foi decidido afinal não submetê-la à Assembleia Legislativa devido às reações negativas.

A Questão Religiosa começou a tomar forma em relação ao perigo representado pela imigração americana no que dizia respeito à hierarquia brasileira. Os liberais, que desejavam o progresso e desenvolvimento do Brasil, conceberam a imigração em massa de protestantes americanos como uma solução para tirar o Brasil do analfabetismo e retrocesso.

A hierarquia brasileira considerava naturalmente este programa como uma tentativa de tornar o país protestante. O livro de Fletcher *Brazil and Brazilians* ("O Brasil e os Brasileiros"), artigos no jornal *Daily Times* de Nova Iorque pelo renomado professor Louis Agassiz e outros por Tavares Bastos no jornal carioca *The Anglo-Brazilian Times*, combinaram para fazer com que os americanos ficassem seduzidos pela idéia de imigrar para o Brasil. A possibilidade de 50.000 ou até mesmo 100.000 famílias americanas virem para o Brasil assustou de hierarquia católica. Isto significava a absorção de cerca de 200 a 500 mil imigrantes protestantes, enquanto a população total do Brasil em 1854 era de apenas, milhões, dos quais provavelmente só um terço eram brancos. No final de contas apenas cerca de 4.000 imigrantes da região sul vieram nos anos que se seguir Guerra Civil Americana. Mas o perigo ampliado desproporcional mente pelos números inflacionários serviu para aumentar a controvérsia entre Igreja e Estado.

Embora o protestantismo não fosse uma força política em si mesmo durante período de luta sobre a Questão Religiosa, sua presença no Brasil influenciou o curso dos acontecimentos. Vieira parece ter provado sua tese de que o protestantismo um agente catalizador que precipitou o choque entre a igreja e a coroa na década 70.

A luta não se travou apenas no Brasil, mas faz parte do quadro mais amplo da política internacional. A encíclica *Quanta Cura* de Pio IX (1864) ratificava ao mesmo tempo o *Syllabus* e condenava a franco-maçonaria. No Brasil esta encíclica teve aceitação limitada na Igreja, por não ter recebido a sanção de Dom Pedro II. A Coroa colocou-se de fato ao lado da franco-maçonaria e do protestantismo contra o ultramontanismo da hierarquia. Rui Barbosa foi naturalmente o grande teórico do movimento anticlerical. Compare-se a sua introdução à obra: *O Papa e o Concílio* ("Der Papst: und das Konsil"), publicada na época do Vaticano I.

A Questão Religiosa atingiu seu ponto máximo com a retirada de Dom Frei Vital de Oliveira em 1874 de sua diocese em Olinda, para ser sentenciado a quatro anos de prisão no Rio de Janeiro. Justamente este ato, entretanto, desarmou os republicanos e liberais, deixando o poder político nas mãos dos políticos conservadores. A morte de Dom Vital em 1878 proporcionou um mártir aos ultramontanistas. Como resulta, do, toda a questão prolongou-se por mais uma década, até que Igreja e o Estado viessem a separar-se.

E – OS ESCRAVOS AFRICANOS E A RELIGIÃO

A presença de africanos no Brasil exige menção especial devido à sua influência sobre a mentalidade brasileira e o aparecimento e difusão do espiritismo em todo o Brasil, em época posterior. Ao viajar através da América espanhola ficamos impressionados com a quase total ausência de representantes

da descendência africana, com exceção naturalmente de certas ilhas do Caribe. O Brasil, por outro lado, desde o norte até o sul mostra esta presença, especialmente na Bahia e Rio de Janeiro. Impressiona igualmente no Brasil a quase total ausência das características faciais típicas aos ameríndios tão predominantes na América espanhola. Existem também diferenças surpreendentes quanto à aceitação geral dessas duas raças na sociedade como um todo.

Esta seção tentará esboçar alguns dos principais fatores envolvidos na importação e integração do negro na sociedade brasileira. A seguir, será feita uma análise da sobrevivência da religião africana e seu renascimento no século XX.

1) INTEGRAÇÃO DO NEGRO

A introdução dos negros nas colônias inglesas, espanholas e portuguesas, relacionou-se diretamente com a questão do suprimento de mão-de-obra suficiente para o trabalho necessário. Ao conquistar os impérios asteca e inca, os espanhóis adquiriram uma população sedentária e relativamente adaptável às necessidades de trabalho. Os portugueses encontraram tribos nômades/caçadores que não haviam sido anteriormente dominadas por outros ameríndios. Essas tribos também não se achavam concentradas em áreas relativamente compactas.

Segundo, os exploradores portugueses não encontraram prontamente metais preciosos como aconteceu com os conquistadores espanhóis. Quando a coroa decidiu colonizar o Brasil (c. 1549), a decisão envolveu a implantação de amplas unidades agrícolas que exigiram a escravatura. Cerca do século XVI, a própria Lisboa tinha pouca mão-de-obra disponível para a agricultura e começou a importar escravos da África. Cerca de 1550, dez por cento da população de Lisboa era composta de escravos. A mesma solução para as necessidades agrícolas da colônia pareceu-lhes natural.

a. Embora os portugueses estivessem ativamente envolvidos no mercado escravo antes da implantação de sua colônia no Novo Mundo, "comparativamente poucos negros foram introduzidos na mesma durante os dois primeiros séculos de sua existência." Smith atribui este fato "em grande parte" às guerras com a Holanda. Esta dificilmente parece ser uma razão suficiente, porém visto que as Armadas portuguesa e espanhola dominavam os mares na época. Roger Bastide dá a composição da população brasileira como segue."

Este gráfico da população contém evidentemente muitas falhas quanto à correção dos dados e a completa omissão dos números da população ameríndia. Esta última, como é natural, seria impossível de calcular na época, por parte dos colonizadores. O que ele indica é a proporção relativamente pequena da população negra em relação à europeia após meados do século XVII.

O esforço para suprir mão-de-obra agrícola para a colônia tomou três formas nesses últimos 400 anos. Primeiro, a caçada, captura e escravidão dos ameríndios durante os dois primeiros séculos. Isto foi seguido da importação de milhares de escravos negros da África, a fim de trabalharem nas plantações de açúcar. Terceiro, a tentativa feita em São Paulo, a fim de garantir mão-de-obra barata, depois da proibição da escravatura, de importar italianos e japoneses para trabalhar nas fazendas de algodão e café. Mais de 1.000.000 de italianos emigraram para o Brasil. E cerca de 200.000 japoneses foram registrados como tendo vindo para São Paulo entre 1925 e 1940. Esses dois elementos deram lugar a uma mudança étnica e cultural importante no estado de São Paulo.

Voltemos ao processo de suprir escravos para a colônia. Durante todo o período colonial o Brasil foi dominado pelas grandes plantações de açúcar (o engenho). As fazendas pequenas eram desconhecidas. Esses latifúndios tinham cerca de escravos cada um. Durante todo o século XVI e XVII os paulistas percorriam todo comprimento e largura do que é hoje o Brasil e o Paraguai. Eles procuravam a sua caça" onde pudessem encontrá-la, seja no estado "natural" ou já reunida pelo jesuítas em aldeias. As

bandeiras (entradas) apresentam um quadro deprimente. As crianças pequenas, os velhos e os doentes eram cruelmente mortos. Os demais tinham de marchar a força para os mercados de trabalho, sendo vendidos como escravos.

O comércio africano de escravos apresenta-se ainda mais repleto de histórias horror, especialmente com respeito ao tratamento da carga humana depois de embarcada nos navios. Dussel indica que o número total de escravos introduzido nas Américas, especialmente para as colônias inglesa e portuguesa, ficava entre seis a oito milhões. Braga, por outro lado, coloca o total em 12 milhões só no Brasil. Qualquer que seja o número, segundo Dussel, de 1776 a 1800 cerca de 1.850.000 escravos foram desembarcados. Os africanos transportados indiscriminadamente para o Brasil procediam de todos os pontos da África, mas especialmente das tribos Banto, Yoruba, Dahomey e Fon.

- b. A integração dos africanos foi muito mais fácil que a dos ameríndios. Os últimos não se adaptaram à escravatura cristã. Em lugar disso, aproveitavam-se de todas as oportunidades possíveis para fugir da plantação e desaparecer na seiva. O africano mostrou-se mais tratável e veio a fazer parte integrante deste estilo de vida bem diverso. Roger Bastide nota o seguinte: "Os negros introduzidos no Brasil pertenciam a civilizações diferentes e provinham das mais variadas regiões da África. Porém, suas religiões, quaisquer que fossem, estavam ligadas a certas formas de família ou de organização clânica, a meios biográficos... E o escravo foi obrigado a se incorporar, quisesse ou não, a um novo tipo de sociedade baseada na família patriarcal, no latifúndio, no regime de castas étnicas."

É verdade que alguns escravos recusaram integrar-se nessa nova vida e fugiram para os quilombos onde buscavam voltar ao passado. Mas a mistura de civilizações nos quilombos tornou isto impossível. Na melhor das hipóteses, eles alcançavam uma liberdade relativa embora correndo sempre o risco de serem levados de volta à escravidão. O primeiro quilombo, que remonta a 1575, foi estabelecido na Bahia. No século XVIII os quilombos de Minas Gerais alcançaram uma população de 20.000 negros. Para a maioria dos africanos, porém, a escravatura não era uma experiência nova. Da mesma forma que outras tribos da América Central e do Sul tinham sido dominadas pelos astecas e incas, grandes números de negros já haviam sido escravizados por outros africanos ou árabes antes de terem sido vendidos aos escravagistas ocidentais.

O africano sofreu no Brasil uma dissociação traumática entre cultura e raça. A fim de sobreviver em sua nova situação, o escravo teve necessidade de adaptar-se totalmente ao que parecia ser uma Weltanschauung (cosmovisão) absolutamente diversa, abrangendo as estruturas linguísticas, religiosas e sociais. Na estrutura patriarcal das grandes plantações de açúcar, o escravo precisava conformar-se. Desde que o cristianismo colonial não tinha lugar para o pluralismo religioso, o animista africano precisou tornar-se de alguma forma cristão.

Os missionários que dedicaram suas vidas e energias para conquistar os ameríndios, não fizeram o mínimo esforço para atrair o negro. No final, os resultados foram praticamente os mesmos para ambos: adoção das formas externas e sinais do catolicismo, embora retendo muito de sua própria fé. Bastos nos faz lembrar que as batidas dos pés no chão, nas danças sagradas, se de um lado podem marcar o ritmo, de outro como a batida dos tambores podem ser a chamada das forças ocultas nas dobras íntimas da terra.

A música e os passos de dança são imitações da música e coreografia indígena. Mesmo assim, é na dança que a influência das tribos Yoruba transforma a contribuição nativa em candomblés. O catolicismo foi então colocado lado a lado, assim como acrescentado, das crenças e práticas básicas africanas.

O negro não pôde simplesmente reter sua própria fé por várias razões. Uma delas foi a situação tribal heterogênea em que se achou. Outra foi a impossibilidade de manter o culto aos ancestrais, desde que

estes estavam muito distantes, do outro lado do mar. Uma terceira, já mencionada, foi que a religião católica tornou-se obrigatória, como meio de sobrevivência e ascensão social. Assim sendo, mesmo quando fugiam para os quilombos, os escravos conservavam o sinal da cruz e certas orações do catolicismo, misturadas com palavras e cerimônias de sua religião africana. Esta última foi inconscientemente moldada e adaptada a outro sistema social. Ao fazer isso ela serviu como um elo com o passado e como uma ajuda no seu sofrimento presente. Como diz Bastos, "Sentindo-se abandonados ou desprezados, os desprotegidos se refugiam nos oratórios tradicionais, em busca de alívio e socorro e, ao mesmo tempo, buscando nos bruxedos suas armas de defesa e vingança." Apesar das muitas diferenças entre o catolicismo colonial e o fetichismo africano quanto à origem e à forma, havia pontos de contato que permitiam aos negros aceitarem o catolicismo e adaptá-lo às suas necessidades. O catolicismo implantado no Brasil colonial foi o da "Contrarreforma que, em oposição ao protestantismo, desperta o velho culto dos santos e, por isso mesmo, ressuscita em parte as superstições da Idade Média". Os jesuítas, com suas escolas, conseguiram diminuir a maré enchente da africanização do catolicismo nas colônias. Essas escolas mantinham os valores portugueses e serviram de instrumento para remodelar a juventude branca e mestiça, transformando a todos em bons portugueses, i.e., em bons católicos. Os jesuítas não tiveram porém êxito em fazer voltar a maré. Como resultado, não só muitos elementos religiosos africanos se infiltraram no catolicismo brasileiro, como também existe uma aceitação especial dos mesmos independentemente da base étnica ou da posição social.

2) A SOBREVIVÊNCIA DA RELIGIÃO AFRICANA NO BRASIL

Por que os negros no Brasil puderam manter tantas das suas crenças e ritos religiosos, de modo que a Macumba/Umbanda pudesse surgir e crescer tão rapidamente cem anos depois do tráfico de escravos ter sido considerado ilegal? A questão é especialmente curiosa desde que o resultado final foi muito diferente nas colônias inglesas da América do Norte.

Diversos fatores contribuíram tanto para a sobrevivência dos ritos e crenças africanos como para a sua eventual influência sobre a opinião brasileira. Entre eles acham-se quatro que merecem ser comentados.

Primeiro, a constante renovação da população escrava reforçou constantemente as religiões africanas no Brasil. Até 1850, os negros como uma regra não sobreviviam até a terceira geração. Os negros puro-sangue ou eram africanos ou filhos de africanos. Entre as razões para isto é que no Brasil o preço pago pelos escravos tornava mais barato importá-los do que criá-los. Até 1830, quando a importação de escravos passou a ser ilegal, tudo era feito para evitar a procriação entre eles, inclusive alojamentos separados. Depois de 1830, medidas vigorosas foram tomadas afim de assegurar o suprimento de mão-de-obra através da procriação. Nessa época entretanto, a sobrevivência das práticas e crenças africanas, adaptadas ao país hospedeiro, já estava bem estabelecida.

Segundo, o meio usado para garantir a sobrevivência foi a confraria ou irmandade. Roger Bastide explica então que, "Em toda parte onde existiram confrarias de negros, a religião africana subsistiu, no Uruguai, na Argentina, no Peru e na Venezuela, e que essas religiões africanas desapareceram nesses países quando a Igreja, proibiu as confrarias de se reunir fora da Igreja depois da missa para dançar". Em lugar de evangelizar o negro, a Igreja encorajou indiretamente o sincretismo do catolicismo com as religiões africanas. E, portanto, ela é em parte responsável pela sobrevivência das características africanas. A função social dessas confrarias era garantir a segurança individual do negro, tornando-o solidário dentro de um grupo de assistência mútua e identificando-o com os deuses tribais.

O terceiro elemento, complementar ao segundo, foi o esquecimento praticamente total do negro no campo espiritual. Os senhores das plantações tinham apenas interesse no seu corpo e não em sua alma. As

visitas de sacerdotes eram raras, Quando havia um capelão, este dava seu tempo e energias aos brancos que possuíam e administravam a plantação. Com a adaptação do panteão negro ao Brasil, certos aspectos típicos se perderam: adoração dos ancestrais, uso de máscaras nas sociedades secretas, sacrifício humano, etc. Mas o essencial ficou retido: crença nos poderes protetores que podiam ser satisfeitos com inhame, milho, dendê, camarão, feijão, arroz, aguardente e tabacos.

Quarto, o tipo de catolicismo proclamado na colônia era o *ex opere operatum* de antes da Reforma, da Idade Média. Em vez de um encontro pessoal e culto, a adoração era em sua maior parte um meio de manipular Deus através dos santos. A religião africana encontrou um espírito análogo e um ponto de contato com este tipo de cristianismo. Por outro lado, os brancos ficavam grandemente impressionados com a magia desses africanos. Desse modo, tanto para o negro como para o branco, o importante não era o mito em si, mas o ritual e seu valor prático.

F – O CATOLICISMO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

1) OS VENTOS DA MUDANÇA

Na virada do século o catolicismo latino-americano quase se recuperara dos efeitos traumáticos das guerras da independência, inclusive o repentino corte de sacerdotes e fundos da península ibérica. De certa forma era uma Igreja bem diferente; de outras, ela perpetuava a mentalidade e os relacionamentos presentes no início do século XIX. Embora forças liberais estivessem influenciando a Igreja, havia ainda assim a tendência de insistir no direito ao controle exclusivo. Apesar das portas para a tolerância religiosa terem-se geralmente aberto no século XIX, a separação entre Igreja e Estado só começa a ser realidade nas primeiras décadas do século XX, mas, mesmo assim, não abrangeu todo o continente nem mostrou-se completa.

Durante esse período, a oligarquia liberal que buscava na França os seus ideais, gradualmente tomou o controle das igrejas na América Latina. A crise econômica de 1929, porém, provou ter sido fatal para a nova oligarquia burguesa. Em seu lugar, surgiu a tentativa de construir uma Nova Cristandade, à medida que a Ação Católica ia sendo gradualmente implantada através do continente. Este esforço vitorioso buscou dominar a educação, a política e até mesmo a economia.

Vamos notar brevemente algumas dessas mudanças através do continente. Na Bolívia, o casamento civil era exigido desde 1911, embora tenha sido mais tarde posto de lado para os índios (1920). Desde 1928 os sepultamentos são feitos gratuitamente pela Prefeitura. A instrução religiosa foi permitida nas escolas públicas, mas fora das horas de aula. O Paraguai, cuja constituição de 1870 proibiu o Congresso de impedir o livre exercício da religião, passou uma lei em 1909 que deu concessões territoriais aos protestantes com o propósito de proteger os índios. Em 1927, uma licença especial foi concedida à comunidade de imigrantes menonitas. O casamento civil passou a ser uma exigência legal e as escolas públicas não incluíam a religião como parte do currículo.

O Peru sofreu poucas mudanças no que se refere a república clerical em que se tornou. Só em 1920 houve uma emenda à constituição no sentido de que ninguém podia ser perseguido pela sua crença. O protestantismo exerceu influência suficiente para que, em 1929, saísse um decreto governamental não só proibindo o ensino de qualquer fé não-católica nas escolas públicas, como também exigindo o ensino de religião católico-romana nas escolas particulares não-católicas. No Chile, por outro lado, o estado iniciou a separação em 1925 e recebeu a colaboração da Igreja. A constituição dessa data concedia inteira liberdade de crença e o livre exercício de todas as religiões. No México, a luta pela separação foi longa e amarga. A constituição de 1824 havia exigido que o estado se mantivesse perpetuamente católico romano, que o estado tanto protegesse a Igreja como proibisse a prática de qualquer outra religião. Na revolução (1926-1929) a Igreja perdeu ambas as coisas: sua posição e suas propriedades. Ela foi abandonada a si

mesma e não recuperou até hoje uma presença sociocultural e crítica. De modo diferente da maioria dos outros países, isto não ajudou especialmente a abrir as portas para as missões protestantes. Estas últimas continuam sofrendo severas restrições.

2) A IGREJA NO BRASIL

No final do império (1889), o Brasil possuía apenas 700 sacerdotes seculares e 12 dioceses para 14 milhões de pessoas. A igreja propriamente dita não só estava comprometida com um estado escravo e dependia dele, como também servia de braço para o mesmo a fim de dominar o povo. Assim sendo, a ruptura com o passado e a separação entre Igreja e Estado foram um golpe severo para esta última.

Isto foi porém proveitoso para a igreja, permitindo que se tornasse autônoma. Pela primeira vez os seus bispos foram nomeados pelo Papa sem a aquiescência (placet) do governo brasileiro. Em dez curtos anos, o número de dioceses pulou de 12 para 52! Mesmo assim, a cúpula da Igreja concentrou-se em reconquistar o seu privilegiado status quo antes. Em 1930, sob Getúlio Vargas, a Igreja recuperou grande parte da antiga associação, mas perdeu muito de sua autonomia.

Segundo Erasmo Braga, a Igreja com sua recém-descoberta autonomia não reanimou a vida espiritual do povo. Havia em 1930 cerca de 2.000 sacerdotes para uma população de 30 milhões de pessoas. Ele menciona que "a grande massa de nosso povo é totalmente sem qualquer educação religiosa." Todavia em relação ao restante da América Latina, Braga fez este comentário: "Em contraste com as outras repúblicas da América do Sul. O Brasil é menos afetado pela atitude irreligiosa e intelectuais de um lado e pelo clericalismo extremo do outro". Esta ausência, fanatismo de ambos os lados pode ter sido perfeitamente um dos motivos por que o evangelho espalhou-se mais depressa no Brasil do que em qualquer das outras repúblicas.

3) O ESPIRITISMO E A UMBANDA

A primeira sociedade espírita, fundada em 1873, foi o movimento de Allan Kardec. Por volta de 1920, havia 102 sociedades com 10.666 membros e 2808 seguidores. Em 1930, este número alcançara 308 sociedades com uma "legião" pequenos grupos reunindo-se em casas particulares. Mas o espiritismo intelectual deste tipo não penetrou facilmente as massas, permanecendo até hoje um movimento relativamente pequeno. O Candomblé, na forma de Umbanda, conquistou porém a mente popular e difundiu-se rapidamente através do Brasil.

O candomblé é o sucessor da confraria e o meio básico de transmitira herança religiosa africana. Bastide distingue dois termos usados com frequência irrefletida mente como sinônimos: macumba e umbanda.

A macumba é a expressão daquilo em que se tornam as religiões africanas no período de perda dos valores tradicionais; o espiritismo de Umbanda, ao contrário, reflete o momento da reorganização em novas bases, de acordo com os novos sentimentos dos negros proletarizados.

A umbanda, fundada como uma religião em 1920, tornou-se a forma africana da magia branca, embora se faça sentir que a linha divisória nem sempre exista entre a magia branca e a negra.

As formas do culto africano readaptadas no Brasil foram assimiladas pelos crioulos e eventualmente aceitas por uma vasta proporção do povo brasileiro que tende a crer nas forças mágicas do sobrenatural. Seu mistério, adivinhações e cura "divina" atraíram pessoas de todas as classes sociais. Os ritos católicos propriamente dito são vistos como ritos mágicos (ex opere operatum) e não como forma simples de adoração. Como resultado, os que seguem e praticam a umbanda não têm problema em considerar-se "bons católicos". Todavia, existe uma tendência constante e crescente de voltar-se para os ícones, orixás, gangas, ogums e exus, à medida que os brasileiros procuram mais abertamente as raízes de suas crenças.

CAPÍTULO IX

A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NA AMÉRICA LATINA

A – INTRODUÇÃO

A expansão do Cristianismo para o Novo Mundo começou antes do ano 1500 quando Martinho Lutero era ainda criança. Antônio de Montesino trovejou seu clamor por justiça na ilha de Hispaniola em 1511, anos antes de Lutero pregar suas 95 teses na porta de Wittenberg. Na época em que a Reforma já estava bem encaminhada na Alemanha e Suíça, os frades franciscanos haviam batizado mais de um milhão de ameríndios.

Embora o cristianismo da Reforma contivesse a semente que mais tarde germinaria num movimento missionário mundial, ele achava-se lamentavelmente ausente durante os anos formativos da história latino-americana. Os calvinistas, no entanto, fizeram duas tentativas de colonização no Brasil, uma em meados do século XVI e a outra quase 100 anos mais tarde. Nenhuma teve porém êxito. O protestantismo só pôde lançar raízes na América Latina depois que o cesaropapismo ibérico foi derrubado. O catolicismo romano fez uso dos seus 300 anos de vantagem para solidificar o seu domínio no Novo Mundo.

A entrada dos protestantes na América Latina dependeu, em termos humanos, das pressões econômicas aplicadas externamente pela Inglaterra e Estados Unidos, assim como de pressões ideológicas liberais e anticlericais internas. O protestantismo teve um início auspicioso com a chegada do educador James (Diego) Thompson em 1819 na Argentina e a concessão da liberdade de culto aos estrangeiros no Brasil em 1823. Mas o crescimento foi bastante demorado e a resistência católica grande durante todo o século XIX. Só depois da 2ª Grande Guerra o protestantismo veio ter influência e começou a colheita tão diligentemente semeada no último século.

1) CENÁRIO DO PROTESTANTISMO LATINO AMERICANO

A histórica conferência de missões em Edimburgo (1908) foi realizada para determinar os meios que capacitariam a Igreja a terminar a tarefa da evangelização mundial. Embora totalmente protestante e com uma teologia em sua maior parte evangélica, os participantes recusaram-se a considerar a América Latina, presumindo que a América portuguesa e espanhola já fosse "cristã". Os evangélicos que trabalhavam na América Latina reagiram imediatamente e solicitaram uma reunião no Panamá afim de focalizar as necessidades e oportunidades espirituais desta área.

O Congresso Protestante Panamericano (Panamá, 1916) reuniu 304 delegados, 149 dos quais (inclusive missionários e nacionais) latino-americanos. Vinte e uma nações americanas e mais de 30 grupos missionários achavam-se representados. O Comitê de Colaboração na América Latina (C.C.L.A.) foi um dos resultados ecumênicos mais importantes desta conferência. Reuniões continentais foram realizadas mais tarde em Montevideo (1925) e Havana (1929), a fim de tratar de assuntos sul-americanos. O conflito sobre o fato dos católicos romanos latinos serem realmente cristãos é ponto discutível. Na ocasião, poucos evangélicos admitiriam que a forma de catolicismo encontrada na América Latina fosse cristã em qualquer sentido, senão no nome.

A penetração do protestantismo na América Latina no século XIX faz parte do que Latourette chama "O Grande Século do Avanço Missionário" e ao qual ele dedicou três dos sete volumes de sua obra, *A History of the Expansion of Christianity* ("Uma História da Expansão do Cristianismo"). Nesse

sentido, este protestantismo reflete o mesmo tipo de cristianismo predominante quando as igrejas foram enviadas. Existe muito mais ênfase na doutrina correta e no compromisso pessoal do indivíduo. Embora todo tipo de protestantismo tenha buscado fazer um lugar para si mesmo na América Latina, os que colocaram maior ênfase na evangelização, juntamente com o compromisso pessoal (mudança comportamental) cresceram mais rapidamente. Isto aplicou-se especialmente ao século XIX.

As denominações que começaram seu trabalho na América Latina no século XIX foram as seguintes: anglicanos, luteranos, Irmãos (Plymouth), congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas, menonitas e adventistas (Sétimo Dia). Dentre elas, as missões anglicana, luterana e menonita trabalharam quase exclusivamente junto às populações de imigrantes que determinaram tanto a forma cultural quanto a extensão do alcance dessas denominações. As demais trabalharam com os nativos em sua própria linguagem e cultura, embora quase sempre houvesse uma imposição inconsciente do lastro cultural e expectativas do missionário.

O catolicismo romano não aceitou de bom grado o avanço missionário protestante. Três séculos de Padroado não se prestaram à introdução do pluralismo religioso. Houve exceções na primeira metade do século XIX quando uma certa aceitação foi estendida aos missionários, especialmente no Brasil. A intolerância, acompanhada de perseguição, era porém a regra. Os protestantes encontraram aliados e até protetores entre os políticos liberais, mas isto provocou uma reação ainda mais forte entre os "ultramontanistas" do clero. Este foi particularmente o caso no Brasil, onde a hierarquia tinha medo de que houvesse uma protestantização do país através da imigração.

Como resultado, o protestantismo latino-americano tomou um aspecto anticatólico. Alguns dos primeiros brasileiros presbiterianos são conhecidos pela sua polêmica com o jesuíta Leonel Franca. Os escritos de homens como Álvaro Reis, Eduardo Carlos Pereira, Ernesto Luiz de Oliveira, colocaram o debate num plano acadêmico elevado que não podia ser desprezado como as escrinhações de hereges ignorantes. Mesmo assim, houve uma tendência geral entre os evangélicos, no sentido de refugiar-se na proteção de sua comunidade tipo "gueto", aventurando-se no mundo apenas em busca de convertidos. O fato surpreendente é que mesmo o mais simples dos crentes, com base em sua experiência pessoal e o que havia aprendido na escola dominical, tinha capacidade para enfrentar os sacerdotes e defender sua fé diante deles e do povo.

Devemos notar finalmente a posição das Escrituras na vida dos protestantes do século XIX. O início da evangelização associou-se irrevogavelmente à venda de Bíblias. Os primeiros crentes esforçaram-se para alfabetizar-se, a fim de poder ler a Bíblia. Isto tornou-se tão característico dos crentes no Brasil que eles mesmos vieram a ser conhecidos como "Bíblias".

B - ORIGENS DO PROTESTANTISMO LATINO-AMERICANO

1) TRÊS TENTATIVAS ABORTADAS DE IMPLANTAR COLÔNIAS PROTESTANTES

O protestantismo só lançou raízes concretas na América Latina quando as colônias estavam em processo de libertar-se do domínio ibérico. De fato, ele encontrou um aliado disposto nos revolucionários, em parte porque a hierarquia católica havia-se ligado tão de perto aos interesses das coroas de Espanha e Portugal.

Três tentativas abortadas foram feitas nos séculos XVI e XVII para estabelecer colônias protestantes nas Américas: uma delas feita por Welser na Venezuela e duas no que viria a ser o Brasil. Dessas últimas, uma foi encetada por Villegaignon no Rio de Janeiro, durando de 1555 a 1560. A outra, muito melhor sucedida, foi feita pelos holandeses em Pernambuco, tendo dominado uma grande área no nordeste brasileiro de 1630 a 1654. Ambas porém desapareceram, pois os colonizadores foram expulsos pelas forças portuguesas. Essas tentativas de colonização não podem ser consideradas nulas, todavia, por

terem sido abortadas. Pelo contrário, elas desempenharam mais tarde um papel importante na unificação da população ao redor da Igreja Católica. Até hoje os guias turísticos dos lugares históricos em Pernambuco "cantam" para você as façanhas gloriosas do povo e da Igreja quando expulsaram os malditos hereges. Wedemann salienta que a importância desses dois episódios coloniais está no fato de terem sido invocados, especialmente pelos protestantes, com propósitos apologéticos e inspiradores.

- a. Villegaignon e os Huguenotes (1555-1567). Nicolas Durand de Villegaignon, vice-almirante da marinha francesa obteve o apoio de seu governo para estabelecer uma colônia no Rio de Janeiro. É provável que seu objetivo tenha sido puramente comercial, mas os huguenotes que ele trouxe como colonizadores tinham outras ideias. Além de um lugar de refúgio da perseguição religiosa na França, eles podem muito bem ter tido algum interesse missionário, pois escreveram a respeito de "abrir o caminho da salvação para os selvagens." A colônia não era, no entanto, uniformemente calvinista. Apesar da maior parte ser composta de huguenotes, inclusive 12 pastores comissionados por Calvino, havia também católicos romanos, como acontecia aparentemente com o vice-almirante. Surgiu um conflito entre os colonos por razões várias, sendo em parte devido ao fator religioso heterogêneo e em parte porque Villegaignon não permitia mulheres na colônia, assim como por causa de problemas administrativos. O vice-almirante não conseguia compreender as pessoas que tinham ideias próprias e não se submetiam simplesmente à sua autoridade. O destino da colônia estava selado antes do ataque português contra ela. Ele foi determinado quando Villegaignon destruiu a unidade da colônia, perseguindo os calvinistas quando estes não quiseram conformar-se à sua vontade. Villegaignon abandonou a colônia em 1559. A França em completa anarquia entrou em colapso no ano de 1667, destruída pelas dissensões internas e às mãos da frota portuguesa. Esta última atacou em nome de Deus e da pátria. Esta primeira tentativa protestante de colonizar o Brasil nos deixou uma Confissão de Fé (Confessio Fluminense) escrita por Jean du Bordel em resposta a um questionário preparado pelo vice-almirante. Este documento impressionante, com 17 artigos, foi preparado sob pressão, em 12 horas, em 1558! Assumpção nos lembra que esta primeira confissão protestante produzida nas Américas foi selada com o sangue dos calvinistas mortos por Villegaignon.
- b. Os calvinistas holandeses (1630-1654). Quase 100 anos mais tarde, após a experiência francesa no Rio de Janeiro, os holandeses tentaram fundar uma colônia no nordeste do Brasil. Fundada em 1630 em Pernambuco, a colônia cresceu rapidamente, Cerca de 1641, os holandeses dominavam a área, desde o Maranhão até Sergipe. Ao contrário de Villegaignon, o governador-geral holandês era um calvinista convicto. Como acontecia, na península ibérica, os pastores seguiam os soldados para ministrar tanto às suas necessidades como para converter o povo que vivia na região, levando-o à verdadeira fé. Escolas e missionários foram colocados em pontos estratégicos a fim de alcançar os ameríndios; apesar disso, poucos dentre eles foram convertidos. Um número ainda menor dos habitantes locais aceitou o evangelho calvinista. Puritanos em seu comportamento e exemplares em suas atividades, esses calvinistas deixaram sua marca no nordeste, a qual permaneceu muito depois de terem sido expulsos dali. O primeiro Sínodo Reformado na América foi organizado em 1635 com 8 pastores e 5 anciãos dirigentes. As minutas das nove assembleias realizadas entre 1636 e 1644 proporcionam uma leitura interessante. Elas incluem a primeira decisão judicial sobre o divórcio no Brasil. A própria presença dos holandeses no nordeste serviu para unificar os portugueses e crioulos em uma força coesa. A capitulação em Taborda, porém, em 1654, fechou o Brasil para os não-católicos durante 150 anos.
- c. A colônia Welser na Venezuela (1529-1550). Apesar de estarem em primeiro lugar cronologicamente, os Welser são tratados por último devido ao seu impacto praticamente nulo na América Latina. Os Welser, que eram banqueiros na Alemanha (Augsburgo), aparentemente mantiveram boas relações comerciais com Carlos V, imperador do Santo Império Romano, o mesmo Carlos V que tentou impor-

se a Martinho Lutero, a fim de reunificar a Alemanha. Ele era também Carlos I de Castela e herdeiro de todas as colônias espanholas no Novo Mundo. Não obstante os Welser serem provavelmente luteranos, Carlos concedeu-lhes "sob a coroa de Castela", ampla e soberana jurisdição e domínio na atual Venezuela, sobre extenso território politicamente autônomo. Os contemporâneos desta colônia juntamente com os historiadores espanhóis consideravam-na como um corpo estranho dentro do império colonial. As primeiras famílias alemãs chegaram ao lugar que seria Maracaibo, já em 1530. O propósito geral dos Welser não era tanto a colonização como a exploração do mercado escravo e, quem sabe, descobrir um eldorado no interior que os faria enriquecer. Muitos dos mercadores que participaram da colônia eram luteranos, assim como os governadores da mesma. Alega-se que toda a colônia tornou-se luterana em 1532. Quer isto tenha ou não ocorrido não passa de simples teoria, pois a colônia desapareceu em 1550 sem ter deixado quaisquer descendentes espirituais na Venezuela.

- d. Além das três tentativas fracassadas, conta-se que os protestantes apareceram no México, Peru e Nicarágua nos séculos XVI e XVII, tendo sido rapidamente banidos pelo Santo Ofício. Orlando Costas, Citango Gonzales, nota que: "A única presença realmente efetiva que pode ser citada a respeito dos protestantes durante este período, do 16 até princípios do 17 séculos, é a dos morávios em São Tomé e Suriname, os metodistas no Caribe inglês e os anglicanos (e mais tarde os morávios) na costa atlântica da América Central (especialmente Honduras e Nicarágua)."

A colônia morávia foi estabelecida nas Guianas em 1735. Cerca de 1900 esta colônia foi registrada como tendo 9.000 membros.

2) A ABERTURA NA AMÉRICA DO SUL

São dois os incidentes de primeira importância que se destacam no rompimento eventual do monopólio católico-romano. Um deles é representado pela pressão externa aplicada pela Inglaterra, forçando um tratado com o Brasil. O outro foi a nomeação de Diego Thomson em 1819 como diretor da educação primária na Argentina, feita pelo governo sob orientação dos liberais.

- a. A Grã-Bretanha forçou as portas da colônia portuguesa. O século XIX raiou com a derrubada do império português. Em 1805, a Inglaterra tornou-se senhora dos mares, ao destruir as armadas francesa e espanhola de uma só vez. Em 1807, Dom João VI fugiu diante dos exércitos de Napoleão que avançavam contra ele. Ele trouxe a corte de Lisboa para o Rio de Janeiro e elevou a colônia à posição de reino. No ano seguinte, a Inglaterra forçou o governo português, então no Brasil, a abrir os portos brasileiros ao comércio mundial. Uma das cláusulas do tratado comercial, assinado com a Inglaterra em 1810, foi que Portugal permitiria a construção de casas de adoração para os estrangeiros, contanto que não tivessem a aparência de igrejas. O uso da cruz na parte exterior dos prédios foi expressamente proibido. Um ponto interessante a ser notado na história é que muitos evangélicos no Brasil continuam inflexivelmente opostos ao uso da cruz em seus templos, julgando ser contra os seus princípios. Na verdade, porém, a proibição tem origem nas provisões deste tratado não tendo absolutamente nada a ver com as tradições protestantes. O direito concedido aos estrangeiros em 1810, no sentido deterem suas próprias casas de adoração no Brasil, foi confirmado juntamente com o direito de liberdade de culto, na Constituição de 1823. Foi-lhes igualmente permitido manter cemitérios protestantes. O proselitismo, entretanto, era estritamente proibido. Os anglicanos começaram de imediato o seu trabalho. O primeiro templo não-católico na América do Sul lhes pertencia, tendo sido completado em 1819. O mesmo foi reconstruído em 1898-99, desta vez na forma de uma igreja gótica. O anglicanismo não cresceu com muita rapidez no Brasil, limitando-se quase que exclusivamente à comunidade inglesa. Só mais tarde e com o início da missão episcopal em 1889 foi que saiu dos moldes do início

do século. Mesmo assim a sua difusão continuou lenta. Cerca do ano 1930 ainda havia apenas 4.650 anglicanos e 3.247 episcopais.

- b. James (Diego) Thomson, um pastor batista, foi para a Argentina em 1818 com o objetivo de fundar ali escolas usando o método pedagógico de Lancaster. Em sua essência, este método possuía dois pontos positivos que o adequavam perfeitamente ao trabalho missionário. Primeiro, fazia uso dos melhores alunos para ensinar os principiantes. Segundo, utilizava-se de passagens das escrituras como textos para ensinar gramática e alfabetizar. Não era difícil mediante o uso deste ensino bíblico transmitir aos alunos o conteúdo da Revelação. A chegada de Thomson à Argentina coincidiu com uma época caótica no campo da educação, que se seguiu à guerra de independência contra a Espanha. O clero, católico conservador fugira, deixando após si o clero pró-revolucionários mais liberal. Em 1819, Thomson foi nomeado diretor da educação primária pelo novo governo, argentino. Isto deu-lhe liberdade para estabelecer escolas lancasterianas tanto em Buenos Aires como em Montevideo. Thomson estabeleceu 100 escolas Lancaster só em Buenos Aires. A fama de Thomson espalhou-se rapidamente através da América espanhola. Em julho de 1821 ele foi convidado por Bernardo O'Higgins para fundar escolas Lancaster no Chile. San Martín convidou-o também para ir ao Peru. Neste caso, embora a guerra contra a Espanha não houvesse ainda terminado, ele conseguiu estabelecer a metodologia Lancaster, graças à ajuda de um sacerdote liberal. San Martín chegou de fato a expulsar os frades de um monastério, a fim de Thomson instalar ali uma escola em 1822.

Thomson tem sido acusado de usar seu cargo de educador para encobrir seus verdadeiros propósitos: proselitismo. Mas este não era aparentemente o seu plano; pelo contrário, estava convicto de que a simples leitura do Texto Sagrado promoveria a conversão e a auto-reforma na Igreja. Muitas razões combinaram-se para frustrar esse alvo. Como vimos no último capítulo, a Argentina e o Peru achavam-se entre os estados que mantinham uma relação muito ínfima entre igreja e estado. Tanto o Chile como o Peru tornaram a educação religiosa (católica) obrigatória, apesar da Argentina ter secularizado inteiramente o sistema nas escolas públicas. No Peru, até mesmo as escolas não católicas eram obrigadas a ensinar o catolicismo. Diego Thomson apareceu na Argentina justamente na época oportuna, tendo recebido uma calorosa acolhida. Em 1827, Henry Dunn foi contratado pelo governo para abrir escolas Lancaster na Guatemala. Colportores que chegaram apenas dez anos depois de Thomson foram recebidos friamente e um deles foi assassinado na Colômbia em 1831: Matthews, colportor da British and Foreign Bible Society. A American Bible Society fechou suas portas em Valparaíso em 1837.

C – IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NA AMÉRICA LATINA

A Inglaterra impôs a introdução do evangelho no Brasil; o batista Diego Thomson teve calorosa recepção na Argentina, Chile e Peru. Esses foram sinais que acompanharam a mudança da posição colonial para a republicana (e monárquica no caso do Brasil), embora não passassem de precursores do que estava por vir. Tudo ocorreu vagarosamente, é certo, mas com a mesma segurança com que Deus é soberano sobre todas as nações.

A implantação definitiva do protestantismo na América Latina dependia de um avanço duplo: a imigração e missionários. A imigração vinha quase sempre em primeiro lugar e, num sentido real, preparava o caminho para a força de serviço missionária. O protestantismo imigrante, porém, quase nada contribuiu para a evangelização da América do Sul.

1) A IMIGRAÇÃO PROTESTANTE

No início do século XIX a população total nas duas novas repúblicas era pequena e a imigração bem-vinda. No século XIX a Argentina absorveu dois milhões de italianos. O Brasil recebeu um milhão de italianos e quase quinhentos mil portugueses. Os mercadores e técnicos ingleses se estabeleceram em toda parte. Não parece ter havido grande objeção ao recebimento de grupos protestantes, até mesmo relativamente grandes. Depois de 1820, colonizadores ingleses, suíços e alemães se estabeleceram na Argentina em número suficiente para fundar centros de adoração protestante.

a. A colônia britânica que iniciou o trabalho anglicano no Rio de Janeiro na segunda década do século XIX cresceu vagarosamente. Experiências similares ocorreram no Chile e no Peru. Os estrangeiros tiveram liberdade de culto, mas os chilenos e peruanos não tinham permissão para comparecer. Assim sendo, em 1824, alguns leigos ingleses começaram a realizar cultos numa residência particular em Valparaíso. Eles tiveram o seu primeiro capelão só em 1838. O governo chileno permitia as reuniões, mas recusou-se a dar permissão para o comparecimento das mulheres chilenas casadas com ingleses. A lei em Lima era praticamente a mesma.

Os primeiros colonizadores alemães no Brasil chegaram a Nova Friburgo em 1823, enquanto outros se estabeleceram um ano depois em São Leopoldo. Esses colonizadores não vieram para evangelizar, mas simplesmente para trabalhar e progredir. Na verdade, o interesse missionário entre eles começou a surgir só depois de 1940 - mais de cem anos depois da chegada dos primeiros colonizadores.

Centenas de prisioneiros que tinham pouco ou nada a ver com a Reforma achavam-se entre os primeiros imigrantes. Os núcleos alemães formaram colônias fechadas que preservaram a cultura e linguagem alemã. Eles encontravam-se numa situação de semiabandono espiritual, não recebendo cuidados pastorais. A situação sócio-religiosa passou a ser controlada em 1863 quando as sociedades missionárias alemãs começaram a enviar pastores e outros tipos de ajuda. Arzemi Hoffman nota que os alemães faziam uso das escolas e outras sociedades culturais para preservar seu patrimônio cultural, étnico e espiritual. O interesse sócio-político da igreja ficava restrito "em quase sua totalidade à defesa e sobrevivência do grupo etnicamente determinado".

Um novo elemento foi introduzido em 1900 quando o Sínodo de Missouri iniciou suas atividades missionárias no Brasil. Embora operando primariamente entre o povo de língua alemã, esses missionários alemães-americanos estenderam seus ministérios também aos brasileiros. Apesar da tendência principal de preservar as formas culturais do passado, os luteranos cresceram mais rapidamente do que os anglicanos/episcopais. Cerca de 1930 a Igreja Luterana no Brasil abrangia 226.687 membros batizados.

Nem todos os italianos que imigraram para a América Latina eram católicos. A partir de 1856 grandes grupos de famílias Valdenses deixaram a Itália com destino ao Uruguai, Argentina e Paraguai, onde fundaram colônias. Algumas transmigraram mais tarde do Uruguai para o Brasil, onde foram absorvidos pela Igreja Metodista.

b. Todas as ondas imigratórias acima foram absorvidas com relativa facilidade. Sua presença de fato forçou uma nova legislação e contribuiu para a separação entre Igreja e Estado, a secularização dos cemitérios, a tolerância religiosa e o casamento civil. Elas, todavia, não provocaram reações fortes por parte da hierarquia católica romana. A notícia da chegada de vastos números de americanos depois da Guerra Civil (1861-1865), por outro lado criou uma forte reação negativa entre o clero conservador ou ultramontanista. Veja o excelente capítulo de David Gueiros Vieira, "A Ameaça de Uma Invasão Protestante" em seu livro Protestantismo, Maçonaria e Questão Religiosa no Brasil. Embora o número que finalmente imigrou para o Brasil fosse pequeno (provavelmente não mais de 4.000 pessoas), ouvira-se falar de u êxodo em massa envolvendo talvez de 50.000 a 100.000 famílias, e até mesmo

toda população do estado de Virgínia. A hierarquia viu esta invasão como um prelúdio da protestantização do Brasil.

No final de contas, os ultramontanistas tanto perderam como ganharam. De um lado, nenhuma legislação ou medida governamental foi tomada para impedir o influxo; e, de outro lado, só uns poucos americanos vieram, tendo alguns voltado para os Estados Unidos. Como indicado no último capítulo, esta questão, além da presença evidente de comunidades protestantes em crescimento no Brasil, agiram como um catalizador para o surgimento da Questão Religiosa na década dos anos 70 e para apressar tanto o nascimento da república (1889) como a separação entre Igreja e Estado que se seguiu.

- c. O maior temor da hierarquia católico-romana não se concretizou. Quase todas, senão todas, as Igrejas imigrantes permaneceram como corpos estranhos estereis em meio às sociedades latino-americanas. Fundadas sob o princípio de que sua existência só seria tolerada se tivessem o cuidado de não atrair prosélitos, nenhuma delas conseguiu romper o casulo e tornar-se uma força missionária para a evangelização da sociedade em que fora enxertada.

É evidente que a colônia batista em Santa Bárbara (São Paulo) pediu ao Comitê Batista do Sul que enviasse missionários e que a Convenção Batista Brasileira é uma resposta positiva a esse apelo. Todavia, a colônia batista de Santa Bárbara em si teve uma influência praticamente nula sobre o crescimento da obra batista no Brasil.

Em outros casos, os missionários protestantes começaram seu trabalho entre os ex-patriotas enquanto aprendiam a língua e como alcançar os latino-americanos para Cristo. Em geral, porém, os imigrantes preocupavam-se apenas em preservar sua própria identidade cultural. Desde que a religião tornou-se a ferramenta para a realização deste propósito, não havia interesse em estender-se a fim de incluir os habitantes da terra. As comunidades protestantes, na melhor das hipóteses, tornaram-se um trampolim para a mudança e evangelização.

- d. Como uma nota de rodapé para a imigração protestante e os riscos aparentes para as estruturas socioculturais da América Latina, deve ser lembrado que a população branca (europeia) representava apenas uma pequena proporção dos habitantes da mesma. Muitos desses elementos, juntamente com os crioulos, eram totalmente analfabetos e, no caso do Brasil, espalhados através de todo o país, longe dos centros culturais. Acrescente-se a isto o fato curioso de que houve dificuldade na assimilação dos imigrantes católicos da Itália e Alemanha. Esses territórios encravados entre os demais, retiveram sua identidade cultural até o final do século XIX. De fato, os núcleos italianos em São Paulo e Buenos Aires foram o trampolim que permitiu a Luiz Francescon iniciar a denominação da Congregação Cristã na segunda década do século XX.

2) OS PRECURSORES PROTESTANTES

O avanço missionário protestante na América Latina ocorreu em sua maior parte na segunda metade do século XIX depois das mudanças sócio-políticas terem aberto as portas para o testemunho evangélico. Em certas ocasiões, os precursores foram eles mesmos o meio usado por Deus para introduzir as modificações que permitiriam atividade missionária abrangente. Nesta seção, o foco será lançado sobre algumas dessas primeiras tentativas individuais e denominacionais de atrair a América Latina para Cristo.

- a. Prelúdios do trabalho missionário protestante direto. O avanço evangélico na América Latina parece ter-se iniciado com a tentativa de evangelizar os Ameríndios. Depois de outras tentativas também frustradas, Gardiner viu abrir-se uma oportunidade entre os índios selvagens que viviam na Terra do Fogo. Em 1844 ele estabeleceu uma sociedade missionária em bases inglesas, tendo como propósito a conversão desses índios. Mais tarde, essa sociedade veio a ser chamada de Sociedade Missionária Sul-

Americana e foi o veículo que fez avançar o anglicanismo (e episcopais) no Paraguai, Argentina, Chile e, mais tarde, Peru.

Um segundo antecedente ao avanço missionário direto na América do Sul está associado à capelania dos marinheiros americanos no Rio de Janeiro. Em 1836, Obadiah M. Johnson chegou ao Rio de Janeiro, para tornar-se capelão de um grande número de homens do mar que passavam pelo Rio. A "American Seamen's Friend Society" que ele representava atravessou uma crise financeira e ele foi afastado. Durante cinco anos, os missionários metodistas Justin Spaulding e Daniel Kidder continuaram com esse ministério. Cerca de 1848, o Rio estava recebendo uma média de 10.000 marinheiros. A Sociedade procurou restabelecer a capelania, enviando Morris Pease que ficou só algum tempo. Pease foi substituído em 1851 pelo presbiteriano James Cooley Fletcher que ocupou este posto durante três anos. Fletcher ficou obcecado por uma única ideia: converter o Brasil ao protestantismo e ao progresso. Em sua mente o protestantismo parece ter tido o mesmo valor que o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico. Fletcher ocupou vários cargos no Brasil, inclusive o de agente da Sociedade Bíblica Americana. Embora Fletcher tenha feito poucos convertidos e seus métodos fossem rejeitados pelos seus colegas presbiterianos, Vieira faz esta avaliação do seu ministério: "Autor muitas vezes citado, ainda que pouco compreendido, James Cooley Fletcher foi um pioneiro do trabalho protestante missionário no Brasil e um dos que, muito ativamente, contribuíram para o movimento de protestantização do império e para a luta político-religiosa, que culminou nas crises de 1872-1875.

Outro fator preliminar que ajudou a abrir as portas da América Latina ao evangelho foi a distribuição de Bíblias. James (Diego) Thomson foi num certo sentido o precursor de toda distribuição (colportagem) das Escrituras. Ele e suas escolas abriram caminho para a aceitação em larga escala, por parte das elites, da Bíblia como a Palavra de Deus. Fletcher foi também um dos primeiros agentes das Sociedades Bíblicas. Embora não permanecesse por longo tempo nessa posição, seus contatos com as elites brasileiras criaram uma atmosfera favorável para a distribuição da Bíblia. Antes dele, os metodistas Justin Spaulding e Daniel Kidder fizeram avanços significativos na circulação das Escrituras na década de 1830. Eles estabeleceram encarregados de distribuição da Bíblia nas principais cidades marítimas e desenvolveram boas relações com os líderes nacionais. Não encontraram oposição por parte do povo, apesar de alguns sacerdotes terem contestado a sua mensagem.

Apesar das diversas tentativas do clero católico-romano, no sentido de impedir a circulação da Bíblia, esta expandiu-se mais tarde em relação direta ao desenvolvimento protestante. Wedemann indica a importância deste relacionamento da seguinte forma: "O desenvolvimento desta interação entre a circulação da Bíblia e a expansão missionária foi um elemento na aceitação do protestantismo e também na determinação do caráter bíblico do protestantismo brasileiro."

Experiências similares ocorreram em outros pontos da América Latina. Fredrick Crowe, missionário inglês, educador e colportor, se destaca como o mais importantes precursor do protestantismo na Guatemala. Ele aprendeu primeiro espanhol em 1841-43, passando depois a distribuir as Escrituras apesar de grande oposição por parte do clero nos anos que se seguiram. Embora encontrasse certa proteção e apoio, teve eventualmente de deixar a Guatemala em 1846.

- b.** Primeiras missões denominacionais importantes. Os metodistas fizeram a primeira tentativa de enviar missionários à América Latina. Justin Spaulding e Daniel Kidder estabeleceram a primeira igreja metodista no Rio de Janeiro em 1836. Eles nomearam colportores das Escrituras nas cidades marítimas e, numa viagem pelo norte do Brasil, Kidder distribuiu 60.000 folhetos. Depois de 1838 deram assistência espiritual aos marinheiros americanos no Rio até que voltassem aos Estados Unidos (Kidder em 1840 e Spaulding dois anos mais tarde).

Em 1867 o metodista John F. Thomson (nenhuma relação com o batista James Thomson) celebrou o primeiro culto protestante em espanhol em Buenos Aires. No mesmo ano ele pregou o primeiro sermão evangélico em espanhol, numa reunião promovida pelos metodistas em Montevideo. Os metodistas começaram a sua obra no México em 1869 (Thomas Wood), e no ano seguinte no Chile. A pedido dos paraguaios eles iniciaram um testemunho em Assunção em 1886, tendo estendido seu ministério ao Peru em 1888.

No ano de 1845, pouco depois de Spaulding ter deixado o Brasil, David Trumbull (congregacional) foi enviado pelo "Foreign Mission Board" para trabalhar com os marinheiros no porto de Valparaíso. Apesar da oposição e perseguição encontradas ele realizou cultos em inglês e publicou uma revista evangélica em espanhol. Quando as autoridades proibiram sua publicação, ele simplesmente mudou o nome da revista. Trumbull, em colaboração com a "British and Foreign Bible Society", fundou em 1861 uma sociedade para promover a venda e distribuição de Bíblias. Mais tarde abriu uma livraria evangélica.

Trumbull teve sua grande oportunidade de fazer impacto no Chile em 1863. Depois de um período prolongado de seca, o povo de Valparaíso carregou a estátua de São Isidro, patrono da chuva, através das ruas, corria os pés e mãos amarrados por corrente. Quando caiu um forte aguaceiro depois da procissão, eles o atribuíram à intervenção do santo. Trumbull procurou novos missionários para a porta então aberta no Chile, mas os encarregados de missões não conseguiram sequer levar avante a obra, quanto mais enviar novos missionários. Assim sendo, em 1868 o trabalho foi entregue aos presbiterianos que construíram sobre este fundamento lançado pelo congregacional Trumbull.

D – O DESENVOLVIMENTO DO PROTESTANTISMO

O protestantismo começou a arraigar-se e crescer com a chegada de Robert Reid Kalley no Rio de Janeiro em 1855. Na opinião de Émile Leonard, "ele não fora representado até então senão através de alguns colportores da Bíblia, que fizeram um trabalho útil mas não sistemático, ou mediante pregadores em capelas fundadas em benefício dos anglo-saxões e quase nenhum interesse, por assim dizer, pela evangelização."

Em 1868 a igreja congregacional de Kalley já tinha 360 membros, a maioria brasileiros.

Outras sociedades missionárias logo se aproveitaram da abertura feita pelo Dr. Kalley no Brasil. Os presbiterianos, também no Rio de Janeiro (1859), e os batistas em Salvador, Bahia (1881). Na América espanhola, a igreja episcopal iniciou sua obra no México em 1853. O trabalho dos presbiterianos começou na Colômbia já em 1856 e só em 1882 na Guatemala. Dessa forma, através das duas últimas décadas do século XIX as missões denominacionais, a maior parte sediada nos Estados Unidos, estenderam seus ministérios através da América Latina.

Próximo do final do século, missões de "fé" interdenominacionais começaram ali sua obra. A Sociedade Bíblica reiniciou seu trabalho no Peru em 1888. A Igreja Evangélica peruana surgiu dos esforços de Charles Bright que chegou a Callao em 1893. A "Central American Mission", organizada em 1890 por Cyrus I. Scofield, enviou seu primeiro missionário a Costa Rica. William McConnell chegou a Puerto Limon em 1891. Em 1896 Samuel Purdie deu início ao trabalho em El Salvador. Edward Bishop começou ali seu ministério em 1899.

A implantação das igrejas evangélicas na América do Sul é muito mais do que uma lista de nomes, datas e lugares. De fato, uma relação assim poderia iludir facilmente o leitor. Purdie, por exemplo, morreu um ano depois de chegar a San Salvador. A obra protestante teve realmente início com o missionário de 50 anos de Robert Bender, a partir de 1897, o qual conquistou para ele a alcunha de "Apóstolo Amado de El Salvador". Em lugar de uma lista de nomes e lugares, esta seção apresentará alguns casos concretos.

1) BRASIL

A parte que interessa agora é saber como o protestantismo chegou no Brasil, e quando chegou aqui um reavivamento de caráter nacional. O almirante Nicolau Duran de Villegagnon, havia solicitado a Calvino e ao almirante Coligny, que enviassem para o Brasil colonos e pastores protestantes para iniciar a colonização protestante. Assim, em 1.555, chegaram os crentes chamados huguenotes, desembarcando na baía de Guanabara.

O primeiro culto evangélico no Brasil foi realizado em 10 de março de 1557, na ilha de Villegagnon, Rio de Janeiro. Nessa ocasião, pregou o pastor Richer, um dos três primeiros pastores vindos ao continente americano.

Entretanto, Villegagnon era falso e aventureiro, pretendendo tirar proveito da religião para conseguir lucros pessoais. Tornando-se inimigo dos evangélicos, mandou estrangular alguns pastores e jogou-os no mar em 1558, quando se negaram a apostatar da fé em Cristo. Essa foi, se podemos dizer, a primeira tentativa missionária para evangelizar a América do Sul, e particularmente, o Brasil. Nessa época, o doutor João Boyles, ardoroso pregador do Evangelho, preso durante 8 anos pelos jesuítas, foi executado onde hoje situa-se o Rio de Janeiro. Os holandeses, também fizeram alguns trabalhos missionários na Bahia, Pernambuco, etc..., no litoral. Esses trabalhos cessaram com a chegada dos portugueses. Em 1735, os morávios pregaram o evangelho nas Guianas, entre os escravos e índios.

No século XIX, em 1855, eram iniciados os trabalhos de evangelização no Brasil, pelo médico escocês Robert Kalley. Foi o introdutor aqui de evangelização na língua portuguesa. Entretanto, começou na ilha portuguesa de Madeira em 1838. No próprio consultório realizava breves reuniões evangelísticas, e depois tratava dos doentes. Suas receitas tinham textos bíblicos e referências ao arrependimento e conversão a Deus. Chegou a realizar cultos públicos com frequência de 1.500 a 5.000 pessoas.

Nessas circunstâncias o governador da ilha de Madeira, proibiu-o de pregar, e o povo foi proibido de assistir as reuniões. A desobediência a essa proibição, levou muitos crentes a torturas e às prisões. Quando foi preso recusaram soltá-lo sob pagamento de fiança, pois alegavam que pregar o evangelho era crime de morte. Após 6 meses de prisão, foi libertado por decreto de Portugal, reconhecendo a liberdade de consciência. Continuou a pregar, mas sempre sofrendo perseguições. A igreja anglicana e a luterana já haviam iniciado missões no Rio de Janeiro.

Uma certa ocasião, uma multidão de fanáticos invadiram sua casa, comanda pelo próprio governador, os mesmos destruíram sua casa e tudo o que possuía. Os crentes foram obrigados a fugir para as montanhas, para não serem assassinados. A conselho de amigos Kalley foi para o ilha de Malta, na Síria, onde ficou alguns meses, antes de vir para o Brasil. Naquela ocasião, cerca de 400 crentes fugiram para a ilha de Trindade, nas Antilhas inglesas, e outro tanto foi para os Estados Unidos.

Desembarcando no Rio de Janeiro com algumas famílias convertidas de Madeira e que o haviam seguido, o Dr. Kalley deu início à evangelização, fundando a Igreja Evangélica Fluminense, de sistema congregacionista. Essa igreja tornou-se a mãe de outras, que levaram avante a causa de Cristo no Brasil. Trabalhou 21 anos no Brasil, e voltou à sua pátria onde faleceu em 1888. Mas em 1859 havia chegado ao Rio de Janeiro o Pastor A. G Simonton, primeiro missionário presbiteriano. Depois veio o pastor A. L Blackfod, e estes dois homens fundaram a denominação presbiteriana no Brasil.

A conversão do padre José Manoel da Conceição em 1864, deu grande impulso à obra iniciada pelos missionários. Este padre renunciando a Igreja romana, foi excomungado, coisa que o povo ainda temia naquele tempo. Batizou-se na Igreja Presbiteriana, e passou a dedicar-se à evangelização itinerante. Viajava léguas e léguas a pé, pregando de porta em porta e vendendo bíblias. Muitas vezes, dormiu ao ar livre sob árvores. Como um apóstolo de Cristo, percorreu de ponta a ponta os Estados de Minas Gerais,

HISTÓRIA DA IGREJA: MODERNA E CONTEMPORÂNEA

São Paulo e Rio de Janeiro. Muitos de seus artigos e sermões, foram publicados no primeiro jornal editado no Brasil, em 1864.

Sua curta vida missionária foi assinalada pela dedicação e amor às almas, a ponto de sofrer terríveis perseguições. Certa vez, foi apedrejado e tido como morto, no meio da rua, de onde alguns amigos o recolheram. Outra vez, pregava numa fazenda, quando o fazendeiro atirou os cães contra ele, e o chicoteou, ferindo-o gravemente. Morreu aos 52 anos de idade.

A denominação presbiteriana contando ainda com outros valiosos pregadores não menos famosos. Destaca-se entre eles: Álvaro Reis, no Rio de Janeiro, pregador eloquente e polemista ferrenho; corajoso contra o romanismo. Suas reuniões na igreja eram frequentadas por grande público. Existe uma praça com o seu nome no Rio de Janeiro. Quando morreu, a manifestação de pesar do povo no seu sepultamento, foi uma das mais espetaculares.

Outro grande pregador presbiteriano foi Eduardo Carlos Pereira, fundador a Igreja Presbiteriana Independente. Além de pregador do Evangelho, foi gramático e linguista, autor de vários livros de gramática portuguesa. Embora possuidor de grande cultura, sua pregação poderia ser entendida por todos com clareza.

Agora chegada dos metodistas, em 1835, no Rio de Janeiro, o Rev. Fontain E. Pits investigava as possibilidades de fundação da Igreja Metodista. Um ano depois, O Rev. J.R. Justin Spaulding organizava a Escola Dominical. Mas só em 1876, com a vinda do pastor J. J Ranson e outros, o metodismo começava a firmar-se. A igreja metodista cresceu e tornou-se uma organização de âmbito nacional, possuindo também uma bem montada impressora e editora em São Paulo. Destaca-se o metodismo também na obra educativa, possuindo numerosos colégios.

Os batistas por sua vez, iniciaram aqui no Brasil, com os missionários W. B. Bagby e esposa em 1881. Vieram dos Estados Unidos num barco que demorou 45 dias para chegar. Iniciou trabalho na Bahia, depois viram, Zacarias C. Taylor e esposa, unindo-se a eles o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, fundaram a primeira Igreja Batista Brasileira na Bahia em 1822. A igreja cresceu e produziu evangelistas e pastores zelosos.

Temos também Eurico Nelson, batista que deu sua grande contribuição na evangelização, corajosamente penetrando nas regiões longínquas do Amazonas, Andou pelos sertões, no Acre, Bolívia e Peru. Veio para o Brasil voluntariamente, sem nomeação de Qualquer missão. É chamado o Apóstolo da Amazônia.

Entre muitos valorosos pregadores batistas daquela época, destaca-se ainda Salomão Ginsburg, israelita convertido, que percorreu o Brasil de norte a sul e de leste a oeste, em atividades missionárias. Foi chamado de *o judeu errante do Brasil*.

A denominação Episcopal surgiu no Brasil em 1890, no Rio de Grande do sul, pelo Ver. Lucien Lee Kinsdving e Watson Morris.

No ano de 1895 surgia a Igreja Adventista em Santa Catarina, fundada pelo Pastor F.H. Westphal. Em 1922 o Cel. David Miche organizava o Exército da salvação. O Evangelho no Brasil, cresceu, apesar das duras perseguições e violências, prisões e assassinatos de alguns crentes, e até queima de Bíblias. Por trás disso tudo, quase sempre estava aquela parcela da intolerância, fanatismo, e ignorância do clero romano na época.

CAPÍTULO X

A SITUAÇÃO ESPIRITUAL DA IGREJA NO FINAL DO SÉCULO XX

A – INTRODUÇÃO

A situação das igrejas era de apostasia e frieza. O protestantismo americano era rico, culto e influente, mas, com conexão de uns poucos conservadores seu estado espiritual, era de decadência. Imperavam o liberalismo, o formalismo, o mundanismo, o profissionalismo ministerial. Porém, paralelamente a essa frieza e apostasia espiritual, havia alguns sinais de avivamento, indicando que nem todos haviam se ajoelhado perante Baal.

Um dos textos da Bíblia mais usados era Jeremias 33:3. A busca pelo conhecimento da palavra e ainda, uma expectativa pela "chuva serôdia". O batismo no Espírito Santo, por John Wesley, que continuou pregando a santificação pela obra do Espírito Santo, ficou conhecida mais tarde como a "Segunda obra da Graça" ou "batismo no Espírito Santo". Ao se estabelecer a natureza do batismo no Espírito Santo, como um revestimento de poder após a conversão, fez-se a preparação para o grande mover de Deus que viria no início do século XX.

B - RESTAURANDO O SOBRENATURAL

Perto do final do século XX, foi quando a visão bíblica sobre cura divina foi apresentada de forma sistemática. Entre os precursores neste campo, podemos citar: A. J. Gordon, A. B. Simpson (fundador da Aliança Cristã e Missionária), Andren Murray e John Alexander Dowie.

Uma surpreendente história é a história dos ascendentes do armênio Demos Shakarian Junior, fundador da Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno, que relata a manifestação de línguas e dons no final do século XIX, na Rússia e na Armênia, precedendo o movimento pentecostal no início do séc. XX.

C - O MOVIMENTO PENTECOSTAL

O movimento Pentecostal do Séc. XX começou numa mansão alugada por Charles Parhan em outubro de 1900, o mesmo alugou esta para começar uma escola bíblica chamada Escola Bíblica Betel. A ideia completa era de um período de treinamento intensivo na palavra, oração e evangelismo.

Esperava-se que Deus fizesse uma obra repentina em seus corações que os tornaria testemunhas eficazes de Cristo, até os confins da terra. O Espírito de Deus veio de forma sobrenatural sobre os alunos, de forma que cada um tinha uma experiência para contar. Mas, havia algo em comum entre eles, que era o falar em línguas estranhas. Foi assim que descobriram que haviam sido batizados no Espírito Santo, pois o mesmo aconteceu nos tempos apostólicos. E foi esta descoberta que fez com que surgisse o Movimento Pentecostal do Séc. XX.

Na verdade, o fogo só começou a se espalhar em 1906 com os acontecimentos na Rua Azuza, em Los Angeles. Parhan mudou-se para Houston, Texas, onde abriu outra escola bíblica. E lá, ele recebeu o aluno Wilhian J. Seymor Jr, um negro, cego de um olho e humilde. Seymor estudou e passou a pregar sobre a "evidência inicial" do batismo no Espírito Santo. Pregava sobre isto, mas ele mesmo não tinha sido batizado ainda. Quando pregava, muitos eram batizados, e só depois de muito tempo, ele teve sua própria experiência.

D - O INÍCIO DO MOVIMENTO AZUZA

Seymor, por falta de espaço, alugou um galpão na Rua Azuza em Londres, e aí o fogo se alastrou. Um evangelista Holiness, chamado Frank Bartleman, que publicou os acontecimentos do avivamento ocorrido no País de Gales em 1904, entrou em contato com Seymor e tornou-se a pessoa chave para espalhar as notícias através de folhetos e publicações. Logo, pessoas de todas as raças e cores estavam juntas neste galpão, adorando e louvando a Deus.

Havia como que uma cerca em volta da Missão Azuza, feita pelo Espírito Santo. Quando o povo atravessava a dois ou três quarteirões de distância, era tomado pela convicção de seus pecado e vinham para o galpão, outros caíam no meio da rua. Pregadores e obreiros atravessaram o continente e vinham de ilhas distantes, chamados por Deus, mesmo não sabendo, e eram tomados pelo Espírito de Deus.

No princípio não havia instrumentos musicais, mas, o Espírito derramou o coro celestial no coração de alguns. Era uma manifestação espontânea e de tal poder, que língua, nenhuma língua podia descrever. E havia um grande temor entre eles e ninguém era capaz de imitar os cânticos espirituais. Todos tinham tudo em comum, não havia Papa ou hierarquia. O Senhor mesmo liderava. A liderança foi surgindo a medida que o movimento apostatou.

E - TRÊS CARACTERÍSTICAS DO AVIVAMENTO

1. Imperfeição: Duvidar do poder de Deus
2. Oposição: Por parte da mídia e religiosos
3. Domínio do Espírito: O poder de Deus curando, salvando e libertando.

A partir de Azuza, o fogo do avivamento espalhou-se por todo os Estados Unidos. Através de toda a nação, centenas de congregações independentes eram formadas da noite para o dia, providenciando a base para o que seria mais tarde as igrejas Assembleias de Deus. Um dos imigrantes suecos Daniel Berg e Gunnar estavam em um culto de oração em Chicago, quando receberam uma profecia de que seriam enviados para algum lugar no mundo chamado Pará.

Após pesquisarem, descobriram que se tratava de um Estado do Brasil. Foram enviados miraculosamente para cá em 1910, onde fundaram a Igreja Assembleia de Deus, quatro anos antes das Igrejas Assembleias de Deus serem organizadas nos Estados Unidos.

F - O DECLÍNIO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL

No primeiro ano, o avivamento mostrou sinais de declínio, Seymor pediu ajuda a Parhan para ajudá-lo a discernir algumas manifestações estranhas que estavam acontecendo, mas não foi aceito e se separaram. Por outro lado Bartleman era contra a organização e institucionalização do movimento "Missão Fé Apostólica" e se retirou e abriu outra obra.

Como a ênfase do movimento era língua, como evidência do batismo no Espírito Santo, e poder para pregar o evangelho para o mundo, pois criam na iminente volta de Jesus, os líderes não viam nenhuma necessidade de formar qualquer organização eclesiástica. Mas, com o passar do tempo, o movimento entrou em perigo de caos com muitas divisões sobre doutrinas, heresias e desonestidades financeiras entre outras.

E só em 1914 o movimento organizou-se estabelecendo apóstolos e profetas e deu-se o nome de Igrejas Assembleias de Deus.

Logo no início surgiu a Doutrina da Unidade da Divindade. Esta doutrina surgiu em 1913, pregando que o batismo deveria ser feito somente em nome de Jesus e não na trindade, e quem tinha sido batizado deveria batizar novamente, doutrina essa que negaria a existência da trindade e em um concílio geral esta doutrina foi condenada, 1/4 dos 585 ministros deixaram a igreja.

Apesar do esfriamento, Deus continuou a operar e ministros poderosos foram levantados como: Aimee Semple Macpherson - (Fundadora da igreja do Evangelho Quadrangular), Sith Nigglesworth (O apóstolo da Fé) - e Charles Price (Um famoso pregador pentecostal, que Tinha um ministério profético e de cura).

G - AS GRANDES CAMPANHAS DE CURA

William Branhan, foi um homem usado por Deus para introduzir um dos maiores "Mover do Espírito Santo". Aos 24 anos tornou-se um pregador e sua igreja prosperou muito, mas acatou conselhos de amigos e parentes, porém por 5 anos parou. Foram 5 anos de tragédias na sua vida. Sua esposa e filha morreram tragicamente, em uma enchente do Rio Ohio em 1937. Ele entrou em desespero e Deus o visitou em sonho. Ele recebera força e graça para prosseguir.

Outras confirmações vieram, e ele prosseguiu, Deus fez proezas através da vida dele. Nos últimos anos de seu ministério, ele fazia reivindicações exaltando sua pessoa, posição social na economia divina dos eventos dos últimos tempos. Chegou até a afirmar que seria o profeta do séc. XX que, no espírito de Elias (Mt 4:5) anunciaria a Segunda vinda de Cristo. Chegou a prever que o fim do tempo ocorreria em 1977. Em 1965, morreu em um acidente de carro. Depois de sua morte, surgiu uma seita que afirmava que ele ressuscitaria dos mortos. Isto não aconteceu mas continuaram a idolatrá-lo como profeta do Séc. XX.

Mas como sempre, Deus nunca para a sua obra. Nos Anos 40 e 50 Ele levantou outros como: T.L. Osborn, em 1947, pastor de uma Assembleia de Deus em Portland. Ele realizou poderosas campanhas de cura em vários países como Ásia, África e países da América Latina. Em uma campanha singular foram curados 125 surdos-mudos, 90 cegos e centenas de outras libertações.

Oral Roberts, que se tornou um pregador pentecostal, tinha autoridade sobre demônios, pecado e doenças jamais vistas pelos homens que o antecederam e foi o primeiro a usar a televisão para pregar o evangelho. Gordon Lindsay foi usado para equilibrar o movimento de cura. Billy Graham, apesar de não exercer ministério de cura, destaca-se como o maior evangelista de todos os tempos. Sua primeira campanha em Los Angeles, considerada o início de seu ministério às nações, planejada para 3 semanas e foi estendida para dois meses (de 25 de Setembro a 25 de Novembro de 1949). Concentravam-se mais de 6000 pessoas por dia.

Este evangelista tem viajado por todo o mundo. Em uma cruzada na Coreia do Sul, havia aproximadamente 3,2 milhões de pessoas. Esta foi provavelmente a maior concentração de pessoas na história da Igreja, Deus operou milagrosamente através de sinais e milagres. O cego viu; o aleijado andou; o surdo ouviu e mortos foram ressuscitados. Através desses vasos imperfeitos, o poder de Deus foi manifesto, ao ponto de nações serem sacudidas por seu poder. Porém, o movimento de cura não durou por muito tempo, porque a luta pelo poder, egoísmo, arrogância, independência, duvidosas práticas financeiras e morais tomaram lugar no coração dos homens.

Assim como aconteceu com Sansão, o poder de Deus foi, inegavelmente evidente, mas também é inegável que o caráter de Deus esteve muitas vezes em falta, infelizmente. E no final dos anos 60, o avivamento tinha esfriado em grande parte. O Brasil foi bastante afetado por esse mover e homens como: Manoel de Melo, David Miranda e Doriel de Oliveira, levantaram fortes movimentos de cura.

H - MOVIMENTO CHUVA SERÔDIA

Este foi o nome dado ao movimento, em virtude da expectativa, profecia de alguns irmãos, que o Senhor derramaria a chuva serôdia, antes da volta de Cristo. As pessoas concluíram que o derramamento do Espírito naquela época seria o último mover que introduziria a vinda de Cristo. Porém, George Hawtin afirmou que ainda não era a chuva, mas que eram apenas gotas. Ele e outros se opuseram fortemente contra movimento. Não surgiu nenhuma denominação deste movimento, mas foi muito perseguido pelas

denominações já existentes. Desde o início da Igreja isso sempre se repete - aquele que fora o último mover de Deus se levanta contra o mover atual de Deus.

1) CONTROVÉRSIAS E CONFLITOS

O movimento e outras denominações não acreditavam na existência de apóstolos e profetas. Isso causou polêmica entre algumas denominações pentecostais como As Assembleias de Deus e os irmãos de North Battleford que usam o termo "presbitério". Na verdade, Presbitério é a liderança plural de cada igreja (ordenada pelos ministérios fundamentais de apóstolos e profetas). Os irmãos de North Battleford não foram felizes em sua colocação de presbitério, mas talvez com receio se declararam "apóstolos e profetas" daqueles dias. Por outro lado, eles não concordavam com o termo "denominação" (1 Cor 12:28). O fato de alguns terem se colocado como guardiães do avivamento, negando certas maneiras de mover do Espírito, causou confusão e a expectativa de um novo avivamento no coração de muitos crentes.

2) HERESIAS DO MOVIMENTO

A principal heresia e a mais conhecida, chama-se "manifestação dos filhos de Deus". Eles criam que o movimento tinha 3 fases:

1. O derramamento pentecostal no início do século XX.
2. O derramamento dos 9 dons espirituais; os cinco ministérios de Efésios, adoração e louvor no meio da igreja.
3. Baseado em Romanos 8:19-23, que um número de pessoas seriam aperfeiçoadas para o 3º derramamento. Estas pessoas seriam pessoas maduras e que alcançariam a redenção de seus corpos livres de maldição, pecado, carnalidade, doença e morte. O grande problema é que essa adoção ou manifestação descrita em Romanos 8:19-23, só acontecerá na vinda de Cristo, quando receberemos a redenção ou glorificação do nosso corpo e nunca antes. Essa doutrina resultou em uma supervalorização do reino e uma desvalorização da Igreja e da própria vinda de Cristo. Outra heresia, como "Graça e Liberdade", que é melhor explicada como Graça e Libertinagem, gerou os seguintes conflitos:
 - a. Uma forte reação contra o legalismo das Assembleias de Deus e denominações pentecostais.
 - b. Ênfase na "palavra viva": Profecias, que acabaram desvalorizando a Bíblia e entrando exaltação.
 - c. Supervalorização dos Dons Espirituais e a absoluta falta de ênfase na cruz e quebrantamento. Dons do Espírito fora do contexto dão lugar à atuação de outros espíritos e a libertinagem é pecado, e esta doutrina levou o povo para o mundanismo, a imoralidade e, até deu origem ao "casamento espiritual", isto é, se você é casado e tem um melhor entrosamento espiritual com outra mulher, pode se divorciar e casar-se com esta mulher, pois sua primeira escolha não foi espiritualmente correta.

Apesar dos erros e desvios do movimento, não podemos negar que ele nos deixou como legado um rico depósito de verdade que foram restaurados na igreja do séc. XX. Entre eles podemos citar:

1. Os cinco ministério
2. O corpo de cristo como um organismo vivo e não como uma organização.
3. A Igreja, antes da vinda de Cristo, será restaurada para ser pura e sem defeito.
4. Os nove dons do Espírito.
5. Imposição de mãos, pela qual se recebia o batismo no Espírito Santo e dons eram confirmados.

6. Adoração no Espírito e cânticos proféticos.

7. O entendimento da Festa dos Tabernáculos: (1 Co 12:13).

O Brasil teve grande influência deste movimento na década de 70. O mesmo veio através de Harold Williams, e Adiel Almeida de Oliveira, um ex-pastor da Quadrangular, advogado e tradutor. No início teve um impacto muito proveitoso, muitas das verdades citadas antes, foram restauradas na Igreja Brasileira.

I - PODER DE DEUS ENTRE OS JOVENS

Este movimento começou em 1958, quando um jovem pastor de uma pequena paróquia das Assembleias de Deus, na pequena cidade de Philipsburg, Pensilvânia, chamado David Wilkerson recebeu um chamado de Deus para trabalhar, ou seja, levar libertação aos jovens drogados. Andando pelo seu escritório, encontrou uma revista “Life” e foi impulsionado a ler e, nela continha um artigo sobre o julgamento de 7 jovens, membros de uma quadrilha de Nova Iorque. Comovido com a situação, começou a chorar e um pensamento forte tomou conta de sua mente, dizendo: “Vá para Nova Iorque e ajude esses garotos.”

Foi para Nova Iorque e, um ano mais tarde fundou o primeiro centro de recuperação de drogados em Brooklyn, chamado “Desafio Jovem”. Tornou-se modelo para programas similares que surgiram por todo o mundo.

No Brasil, este trabalho foi muito difundido na década de 70. Centros de recuperação foram fundados em Belo Horizonte, Goiânia e Brasília, que se tornaram na época, centros de encontros e avivamentos. Muitos dos ex-viciados se tornaram pastores e líderes de Igrejas e movimentos de recuperação.

Como profeta, David Wilkerson teve algumas profecias controversas, mas de qualquer forma, ele se dedicou a ouvir a voz de Deus, e a levar libertação a milhares de vidas envolvidas no submundo das drogas. Tornou-se um homem importante na história da Igreja do século XX, por se posicionar contra a corrupção e o mundanismo do cristianismo.

J - MOVIMENTO DE JESUS

Iniciou no final dos anos 60, e envolveu milhares de jovens provenientes da cultura hippie drogada, e de denominações.

Jovens invadiram as ruas da Califórnia dizendo: “Jesus te ama”; “Você tem muito para viver”; “Jesus é o caminho”; centenas de jovens foram batizados nas praias do Pacífico, cafés cristãos foram abertos; para ministrar aos jovens da rua e casas cristãs para abrigar os mesmos.

Este movimento foi formado por duas fortes correntes espirituais que, apesar de diferirem em usos, costumes e teologia, ajudaram-se mutuamente.

1) “JESUS PEOPLE” (O POVO DE DEUS) OU “JESUS FREAKS” (EXCÊNTRICOS DE JESUS)

Muitos traçaram o seu começo no verão de 1967, em Haigh - Ashbury, São Francisco, quando centenas de jovens abandonaram as drogas, sexo livre, ocultismo e misticismo, para seguir a Jesus.

Um dos primeiros líderes deste movimento foi o Pr. Chuck Smith, da Igreja Quadrangular. Antes do movimento ele tinha 25 membros, poucos meses depois, ele batizou 15.000 convertidos. Estimara-se uma frequência de mais de 25.000 pessoas nos cultos regulares de domingo e na metade da década de 70, as reuniões de jovens aos sábados à noite atraíam entre 4000 e 5000, e 2500 comparecia às reuniões de estudos bíblicos, às quintas-feiras à noite. As reuniões eram bem diferentes das reuniões pentecostais.

2) “STRAIGHT PEOPLE” (PESSOAS CERTAS).

Este movimento, ou grupo, foi sem dúvida um dos maiores e atuou principalmente nos campus universitários. Alguns líderes de grande destaque neste movimento foram: Bill Bright, fundador da Cruzada “Estudantil para Cristo”; Bob Weiner, fundador das Igrejas Maranata (a igreja surgiu através de uma sociedade de estudantes, e na década de 80 tinham 70 congregações em 22 nações).

3) MÚSICA (ROCK EVANGÉLICO)

A música teve papel importante no movimento, através das conversões de grupos de cantores de rock que abandonaram as drogas e dedicaram seus talentos e instrumentos a Jesus. Eles se apresentavam em cafés cristãos e concentrações nas ruas. Suas novas músicas tinham como tema, a morte de Cristo, sua segunda vinda, vida nova em Cristo, etc. Milhares de jovens entregaram suas vidas para Jesus. Como exemplo disso temos o artista e cantor Pat Boone que, em 1970 batizou mais de 200 convertidos na piscina de sua própria casa.

4) CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO

1. Centralizava-se na pessoa de Cristo
2. Era baseado na bíblia
3. A exigência de uma experiência com Jesus Cristo
4. Os jovens achavam cura para o vício
5. Ênfase no Espírito Santo
6. Tem contribuído para a Igreja
7. Ênfase no discipulado
8. Evidência de responsabilidade social
9. Grande entusiasmo por evangelismo
10. Ênfase na segunda vinda de Cristo.
11. Vida em comunidade.

As Igrejas já existentes tiveram uma grande reação contra o movimento, porque o mesmo abalava a ordem estabelecida das coisas.

Por outro lado, por não serem bem-vindos nas igrejas e por não se encaixarem em suas estruturas estabelecidas, muitas igrejas se formaram essencialmente de jovens. Surgiram, como sempre acontece, algumas seitas heréticas do movimento, entre elas estão os famosos “Meninos de Deus” que apostatarão dos ensinamentos de Jesus e entraram numa prática falsa de autoridade, amor e vida em comunidade.

Movimento de Jesus é um exemplo de avivamento rápido, forte e sobrenatural. Surgiu na hora mais escura da juventude americana, cuja a revolta contra a Guerra do Vietnã e o “Status Quo” produziu duas reações - tomar drogas ou voltar-se para Jesus.

Deus mais uma vez quebrou as regras e agiu de forma soberana e surpreendentemente libertou pessoas que estavam envolvidas com sexo, drogas e violência. Foi um mover tão imprevisível quanto fora o derramamento do Espírito Santo sobre os católicos.

K - MOVIMENTO DE DISCIPULADO NA ARGENTINA

Este movimento foi fruto de um avivamento que começou em 1967, em Buenos Aires.

Albert Darling, foi batizado no Espírito Santo e começou um grupo de oração na sua casa, à medida que se reuniam para orar por um avivamento na igreja Argentina, irmãos de várias denominações começaram a serem cheios no Espírito Santo e o grupo de oração que começou com 20 irmãos, agora teria que mudar para outro lugar maior e tiveram que mudar para um teatro com capacidade para 1500 pessoas.

Os incrédulos que passavam em frente ao teatro, entravam para ver o que Deus estava fazendo. A presença do Senhor os convencia de tal maneira que, caíam com o rosto em terra. Outros sentiam as algemas e correntes do pecado caindo de suas vidas, enquanto entravam na presença de Deus. Outros eram curados.

Pastores começaram se reuniram para desenvolver um relacionamento mais íntimo. No início eram 10, e depois este número aumentou para 25. Houve uma grande descoberta sobre o senhorio de Cristo em 1968 por Jorge Himilian. Ao estudar as escrituras, percebeu que a palavra salvador só aparecia algumas poucas vezes, ao passo que a palavra Senhor aparecia mais de 300 vezes. Descobriu também que para os primeiros cristãos o termo “Senhor” (Kurios, em grego), significava Dono, Soberano, uma pessoa com grande autoridade. A rendição dos cristãos primitivos foi total ao Senhor Jesus, a ponto de provarem com suas vidas, a sua lealdade a Cristo. Diante disso, o cristão hoje deveria arrepende-se de seu pecado de rebelião e independência e reconhecer a Jesus Cristo como Senhor, colocando-se sob seu governo, submetendo-lhe sua vida sem reservas, como servo obediente. Fazendo isso, tornamo-nos sua propriedade, seu povo, sua possessão, e Ele nos molda a sua própria imagem para sermos instrumentos efetivos para cumprir seu propósito eterno, por meio do Espírito Santo que habita em nós.

Este movimento surgiu quando uma equipe de pastores começou a buscar uma forma descomplicada de conservar os frutos e edificar a Igreja. Ivan Baker e Orville Swindoll tinham contato com os “Navegantes”, um movimento evangélico interdenominacional iniciado nos EUA entre os marinheiros durante a Segunda Guerra mundial, cujos propósitos eram a evangelização e o treinamento de novos convertidos. Eles enfatizavam o estudo e a memorização de texto bíblicos e o trabalho pessoal de acompanhamento e discipulado. Ao estudar os evangelhos, Baker viu que o método de Jesus para treinar e enviar era simples e sem sofisticação. Ele descobriu lições essenciais, que precisava para obter a resposta que buscava:

- a) Jesus deu mais de si mesmo, mais do que deu sermões.
- b) Jesus foi até as pessoas; não pediu que viessem a Ele.
- c) Ele aceitou as circunstância: à beira mar, na montanha, no poço, nos lares e etc.
- d) Buscar somente aqueles que estavam com fome e sede de justiça.
- e) Escolheu os seus discípulos e mais tarde enviou-os em missões específicas.
- f) Ele levou somente 3 anos para formar 12 apóstolos.
- g) Os discípulos estavam aparentemente sem preparação, quando Ele os enviou. Obviamente ele dependia do Espírito Santo para completar a obra neles.

Baker compartilhou sua descoberta com a congregação, mas obteve um resultado negativo e ficou frustrado, porque as pessoas não queriam assumir responsabilidade por outros para produzir um evangelismo mais eficaz. Isto consistia de um cristão ganhar e treinar uma pessoa no espaço de um ano e logo, dois repetiriam o processo sucessivamente. Ao fim de dois anos haveria quatro em três anos, oito em quatro anos, dezesseis... e assim por diante. No princípio o crescimento numérico seria lento mas no final de dez anos haveria mais de mil novos crentes, em vinte anos um milhão, em trinta anos um bilhão. Ivan viu que não podia fazer isto sozinho e por três meses treinou seus presbíteros e depois dividiu o povo que queria trabalhar sob a autoridade de um presbitério. Fazendo isto a igreja não iria apenas engordar, mas crescer, ovelhas com pastor. Juan Carlos Ortiz, foi usado para divulgar o movimento, ele experimentou um crescimento numérico e não qualitativo na sua igreja, ele começou a estudar uma maneira para melhorar este quadro, ou seja, Ter uma igreja com quantidade e qualidade, finalmente depois de um tempo ele chegou a conclusão do que é um verdadeiro discipulado e descobriu o que um membro de uma igreja é realmente.

1) 5 CARACTERÍSTICAS DE UM MEMBRO:

- 1º É dependente do resto do corpo.
- 2º É uma parte que une duas outras partes
- 3º É alguém que nutre
- 4º Sustenta aquele que está acima dele
- 5º Passam ordens

2) AS 2 PRINCIPAIS ÊNFASES DO MOVIMENTO SÃO:

- a) Unidade do corpo
- b) Não só avivamento, mas famílias e normalidades

O propósito de Deus em nos redimir é para normalizar nossas vidas, ter uma vida santa, servindo a Deus e os homens, vivendo para manifestar o amor, a graça e a verdade de Deus diariamente.

Nos Estados Unidos, o movimento cresceu muito rápido, mais teve muitos problemas, por falta de líderes preparados para o serviço.

Em síntese há três deficiências básicas que impediram a tentativa de reforma na Argentina de alcançar dimensões apostólicas, essenciais para a restauração total da igreja.

- 1) A falta da revelação da graça de Deus (Rm 8:2-4 – Gl 5:4-5)
- 2) A ausência de uma ênfase na verdadeira comunhão do Espírito Santo (I Cor. 12:13) e (At. 2:42 – II Cor. 13:13 – Fp. 2:1)
- 3) A procura da unidade do corpo de Cristo na base da comunhão. (II Cor. 3:6 – Mt. 18: 20 – Ef. 4:4-5)

L - O MOVIMENTO CARISMÁTICO – ANOS 60 E 70

Este movimento é considerado pelos seus principiantes como a "Segunda onda do Espírito", e caracterizou-se pela valorização e fortalecimento das denominações. Queriam que o Espírito movesse dentro da Igreja, queriam uma "Igreja renovada".

No início eles se autodenominaram neopentecostais, para diferir dos pentecostais clássicos e barulhentos, mas depois ficaram conhecidos como carismáticos. Este movimento pode ser considerado a mais extensa e difundida manifestação do Espírito, usando as igrejas mais tradicionais a exercer os dons do Espírito. Neste movimento temos homens que se destacaram como:

1. Demos Shakarian Júnior, fundador da Associação dos Homens de Negócios do Evangelho Pleno. Essa organização exerceu importante papel na disseminação da experiência pentecostal entre milhares de pessoas.
2. David Du Plessis: Natural da África do sul, convertido numa igreja pentecostal chamada "Missão Fé Apostólica". Teve contato com o famoso evangelista Wigglesworth, que profetizou em 1936 sobre a obra mundial que Deus faria através de sua vida. Dez anos depois a profecia começou a se cumprir, depois de um acidente de carro, onde ficou prostrado no leito do hospital, lá Deus começou a falar com ele, e a revelação básica de Deus a ele foi aos tradicionais e suas práticas. Duplessis exerceu um papel profético e tornou-se a figura chave para lançar o fogo do movimento carismático nas igrejas tradicionais e ao catolicismo. Embora seu trabalho as vezes tenha causado controvérsias, ele é sem dúvida uma das mais importantes figuras pentecostais na história. Ele ficou conhecido o "senhor pentecostes"
3. Dennis Bennet: No final da década de 50 padre Bennet era reitor da paróquia episcopal de São Marcos. Depois de observar que alguns leigos em sua igreja tinham um alto grau de intimidade com Deus, ele começou a buscar respostas sobre suas experiências pentecostais e acabou

convencendo-se da Realidade do batismo no Espírito Santo a medida que lia o Novo Testamento. Bennet ansiava por uma realidade cristã mais profunda e passou a buscar uma experiência pentecostal e em 1959 ele foi batizado no Espírito Santo, e em pouco tempo, vários membros da paróquia também receberam a mesma experiência. A experiência de Bennet foi somente a parte mais visível de um processo que vinha sendo calmamente desenvolvido por anos. O tumulto causado em volta de sua experiência serviu para propagar ainda mais o movimento Carismático e romper a vergonha de todos os tradicionais que já possuíam a experiência.

Durante a maior parte dos anos 60, o pentecostalismo começou a aparecer nos mais inesperados lugares e entre as mais inesperadas pessoas. Um dos motivos de não serem tão perseguidos foi o fato de serem menos emocionais e mais ordeiros. Mesmo assim alguns se declararam fortemente contra o movimento. Por outro lado, milhares de pessoas, tanto clérigos como leigos, sentiram que o avivamento era a melhor esperança para a igreja. Não houve se quer uma denominação que não foi atingida pelo movimento, começando com os episcopais, o fogo se alastrou entre luteranos, presbiterianos, batistas, metodistas, menonitas e etc.. e pôr fim a igreja católica.

1) O MOVIMENTO CARISMÁTICO CATÓLICO

Na década de 60 a igreja católica estava passando por uma fase de falência e decadência. Milhares de sacerdotes, freiras e monges, abandonaram as suas vocações e voltaram ao trabalho secular, Paróquias e escolas começaram a fechar as suas portas. Um dos fatores que contribuíram para preparar o mover do Espírito Santo na igreja católica:

a. Vaticano II - Em 1962 o papa João XXIII convocou este primeiro concílio depois de quase um século, concílio este que causou um reboiço no mundo religioso. De acordo com o papa, o propósito do concílio era "abrir as janelas para respirar ar fresco", falaram de uma "nova reforma" e até formulação de doutrinas", linguagem esta que nunca foi usado nos dias de Lutero. O papa pediu ao povo que orasse. Parkevin Ranaghan declarou que a conferência foi provavelmente o maior encontro ecumênico de cristãos em 800 anos. E através de uma palavra profética chamando a unidade, todas as assembleias se prostraram em prantos de arrependimento.

2) UM BREVE COMENTÁRIO DE AVIVAMENTO

Hoje em dia é tão comum falar sobre esta palavra "avivamento", é uma palavra muito bonita e boa de pronunciar, mais afinal o que é avivamento?

Há alguns conceitos errôneos hoje na vida da igreja do que é avivamento, por exemplo, algumas pessoas pensam que avivamento é barulho, gritaria, vento, fogo e etc., alguém na Bíblia pensou da mesma forma, Elias pensou que Deus estava em tudo isso, mas Deus não estava.

Avivamento é a obra direta do Espírito Santo na vida do crente, trazendo, cura, restauração, libertação, salvação, dando vida aos ossos secos.

M - SÍNTESE DOS PRINCIPAIS AVIVAMENTOS NA HISTÓRIA DA IGREJA

- 1- O Espírito Santo soprou no dia de Pentecostes e um avivamento irrompeu em Jerusalém e cujas chamas incendiaram o mundo todo (Atos 2:1-4)
- 2- Soprou na cidade de Florença com Savonarola e tudo na corrompida cidade se transformou.
- 3- Soprou com Marinho Lutero em 1517 que traduziu a bíblia e o mundo experimentou poderosa revolução.
- 4- Soprou na Morávia e o fogo do poder aqueceu o mundo todo na paixão missionária.

HISTÓRIA DA IGREJA: MODERNA E CONTEMPORÂNEA

- 5- Soprou nos **Estados Unidos** com Jonathan Edwards e David Brainerol e o país todo foi sacudido para a salvação em Cristo.
- 6- Soprou na **Inglaterra** com João Wesley e milhões de ingleses foram salvos e a nação livre dos horrores da revolução francesa.
- 7- Soprou na **América e Inglaterra** com Finney e Moody e mais de um milhão de almas foram ganhas para Jesus
- 8- **Na Índia, Coréia e Mandchúria** e irrompeu poderoso avivamento em 1907
- 9- **No País de Gales** em 1904.
- 10- **No Egito**, norte da África em 1909 com G.S. Bresford
- 11- **Na África Central** com W. Burton e James Salter em 1915, com a ajuda de outros alcançaram mais de 500 aldeias diariamente.
- 12- **Na África** Do Sul numa pequena igreja nativa em Doorfontein
- 13 - **Na China**. O primeiro missionário protestante a desembarcar na cidade de Moscou, na China o fez em 1807. Entretanto, cem anos depois em 1907, chegavam os primeiros missionários pentecostais, batistas e outros. Muitos chineses foram batizados com o Espírito Santo, e o resultado foi um reavivamento em que, seis meses depois havia perto de uns 200 chineses batizados com o Espírito Santo, nas cidades de Moscou, Hong-Kong e Cantão. A pregação do evangelho completo, incluindo a cura e o Batismo no Espírito Santo, trouxe de maneira extraordinária um grande despertar na China, claro que os primeiros missionários sofreram adversidades terríveis alguns sem lugar para morar e outros deram suas vidas a serviço do reino de Deus.
A China é numericamente a maior nação do planeta, com sua população demais de um bilhão e é civilização mais antiga do mundo. Mas o avivamento e alcançou de norte a sul. Em 1930 o reavivamento iniciava-se na missão Batista de Xantung, norte da China, espalhando-se entre 70 igrejas que estavam meio mortas espiritualmente.
A seguir atinge a China setentrional, em seminários teológicos, escolas bíblicas, hospitais. Em cidades como: Tsiná, Tsining, Harbin, Leichou, Leiang, Chefu, Pingtu e etc..., perto de 3 mil almas foram ganhas para Cristo e cerca de 900 batizados com o Espírito Santo em dois anos.

CONCLUSÃO DO CURSO

Cristo deixou este mundo há mais de dezenove séculos; entretanto, ele ainda está no mundo através da igreja, assim como o corpo humano é vivificado pela alma, da mesma maneira o corpo de Cristo é vivificado pelo Espírito Santo. Jesus Cristo produziu um organismo permanente, uma união permanente de mentes e almas, concentradas entorno de sua pessoa. Os cristãos não são meramente seguidores de Cristo, senão membros de Cristo e membros uns dos outros.

Ao longo da história observamos que a igreja sempre enfrentou problemas, e não é diferente hoje. Porém, o verdadeiro cristianismo ensinado por Jesus no início da igreja primitiva, foge muito do que é o cristianismo hoje no século XX, por isso devemos nos esforçar para hoje como representantes de Cristo aqui na terra pregarmos e vivermos o verdadeiro evangelho e assim sermos a verdadeira igreja de Cristo, ou seja, uma igreja gloriosa, sem mácula e sem rugas (Ef. 5:27).

Esperamos que este estudo tenha ajudado o aluno a compreender verdades escondidas na história, mas que a própria história (com a direção de Deus), se incumbiu de revelar.

REFERÊNCIAS

- 1) VIELHAUER, Philipp. *História da Literatura Cristã Primitiva*, São Paulo: Editora Academia Cristã, 2005.
- 2) CAIRNS, Earle E.. *O Cristianismo Através dos Séculos*, São Paulo: Editora Vida Nova, 2ª ed., 1988.
- 3) DREHER, Martin Norberto. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1993.
- 4) WALKER, W.. *História da Igreja Cristã*, Rio de Janeiro: Juerp/Aste, 3ª ed. vol I e II, 1981.
- 5) BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*, São Paulo: Asta, 1967.
- 6) DAVIS, John D.. *Dicionário da Bíblia*, Rio de Janeiro: Juerp, 1987.
- 7) WALKER, John. *Igreja e Cultura*, São Paulo: Worship Produções.
- 8) WALKER, John. *Igreja do Século XX*, Belo Horizonte: Editora Atos, 2002.

OBS:

É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.